

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

SUPREMO REALISMO

NAGRA HD PREAMP



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO CAMBRIDGE EDGE A

AMPLIFICADOR AL-KTX2

CABOS DYNAMIQUE AUDIO HALO 2

TESTE DE VÍDEO

TV SAMSUNG 55RU7100

OPINIÃO

COMO AVALIAR A TEXTURA DO MEU SISTEMA

PRECISÃO E REQUINTE

TOCA-DISCOS ACOUSTIC SIGNATURE
STORM MKII



MUSICIAN: ANDRÉ GERAISATI - VOL. 2

TCL

The Creative Life

4KUHD TV · Ai·in · P8M

SUA TV 4K COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



androidtv

Google Assistant



Chromecast
built-in



Google Play



Bluetooth



HDR



4K

ÍNDICE



▲ PRÉ-AMPLIFICADOR NAGRA HD PREAMP

24

E EDITORIAL 4

Produtos que mudam nossa perspectiva ao apreciar o Hi-End

● NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

● HI-END PELO MUNDO 8

Novidades

● OPINIÃO 10

Como avaliar a textura do meu sistema

● DISCOS DO MÊS 14

Um clássico & dois de rock progressivo

▲ TESTES DE ÁUDIO

24

Pré-amplificador
Nagra HD Preamp

38

Amplificador integrado
Cambridge Edge A



38



46



74

▲ TESTES DE ÁUDIO

46

Toca-discos Acoustic
Signature Storm MKII

56

Amplificador AL-KTX2

64

Cabos Dynamique Audio
Halo 2

● ENTREVISTA 71

Daniel Hassany,
CEO da Dynamique Audio

▼ TESTE DE VÍDEO

74

TV Samsung 55RU7100

● DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: André Geraissati

82

Discografia: A obra de
André Geraissati

88

■ ESPAÇO ABERTO 92

Esse maldito elo fraco!

■ VENDAS E TROCAS 96

Excelentes oportunidades
de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

PRODUTOS QUE MUDAM NOSSA PERSPECTIVA AO APRECIAR O HI-END

"Quem está na chuva é para se molhar", diz um dos mais velhos ditados populares que conheço. E, certamente, em qualquer ramo de atividade profissional em que se trabalhe com tecnologia, mudanças de paradigma e saltos ocorrerão periodicamente. Este talvez seja o lado mais interessante desta minha profissão (e também o mais aguardado), pois nos permite rever, como um rastro que se forma pelos pneus em uma estrada de terra batida, a trajetória da direção em que estávamos e a que tomamos. Confesso que não foram muitos esses momentos de 'ruptura' entre o que tínhamos e aceitávamos como sendo o 'possível' para um novo patamar, em que inúmeras novas possibilidades se avistam no horizonte. E os avanços atingidos sem saltos tecnológicos de mudanças radicais de plataformas, são os que mais me intrigam (afinal, se estava ali ao alcance de todos, como só alguns perceberam?). E a resposta não poderia ser mais óbvia: o elemento humano! Este sim o grande diferencial, em que pessoas talentosas fazem melhor aonde todos fazem o igual. E no segmento hi-end, temos inúmeros exemplos de pessoas talentosas que deram sua inestimável contribuição para o avanço e solidificação da audiofilia. São sessenta anos de belos exemplos, que foram moldando e criando a história da alta fidelidade. E, para mim, o mais interessante é que de todos os continentes vieram grandes ideias (até mesmo do nosso Brasil, com a contribuição do 'Timbre Lock' do nosso saudoso e querido Eduardo de Lima, da Audiopax). Essa capacidade de ver e fazer diferente, além de instigante, nos faz pensar que já temos conhecimento e topologias suficientes para trabalhar por anos a fio no 'refinamento' da reprodução eletrônica de áudio, sem ficar esperando pelos saltos tecnológicos que já estão sendo desenvolvidos nos maiores centros de pesquisas no Primeiro Mundo. Pois sabemos que, quando estiverem prontos, serão caros e talvez totalmente voltados à indústria bélica (infelizmente) e de telecomunicações.

Voltando ao nosso tema, nesta edição testamos o equipamento que ganhou a maior nota na história desta publicação! Ultrapassando

a barreira dos 106 pontos, que para nós já 'soava' como o teto no atual estágio dos produtos Estado da Arte de padrão superlativo! E foi de forma tão contundente, que nos levou a fazer o seguinte questionamento: será que existe mais algum produto neste exato momento que também esteja neste mesmo patamar? Se existe, caro leitor, não sabemos. Passei as últimas quatro semanas buscando pistas e orientação internacional, na tentativa de obter essa resposta. Mas até este exato momento foi infrutífera! Muitos de vocês podem estar se perguntando: em que sentido este produto foi além dos concorrentes que também estão acima dos 100 pontos? Em tudo, meus amigos, absolutamente em tudo. A ponto de nos fazer repetir todo o teste da Metodologia por duas vezes. Este produto não só teve performance idêntica aos seus concorrentes diretos, como os ultrapassou ao reproduzir todos os discos da Metodologia, com maior naturalidade, folga e realismo! Tamanho realismo, que em termos do quesito 'Organicidade', discos que consideramos tecnicamente apenas 'bons', foram 'materializados' fisicamente em nossa sala de testes. Você conhecerá este estupendo produto, que mudou o patamar dos produtos Estado da Arte, no Teste 1 desta edição.

Mas também reservamos outras gratas surpresas para vocês, como o teste de um impressionante toca-discos alemão, com uma construção de tirar o fôlego, por tamanha engenhosidade em combater as ressonâncias de braço e motor. Um amplificador integrado comemorativo dos 50 anos de uma empresa inglesa. Um novo e talentoso projetista brasileiro, apaixonado por amplificadores valvulados, que lança um excelente power com as válvulas KT150. A entrada de um fabricante inglês de cabos que faz sua estréia em nosso mercado e vai dar muito o que falar pela qualidade e performance de seus produtos. E, no teste de vídeo, um televisor da Samsung 4K com inúmeros recursos e excelente qualidade! Espero que você aprecie esta edição que nós apreciamos em fazer!

PRECISÃO COM ALMA



Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de audio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos a mão, por profissionais altamente gabaritados e construídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
audio
www.germanaudio.com.br



NOVIDADES

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS DA PLATAFORMA INTELIGENTE DAS SMART TVs 4K DA SAMSUNG



Interatividade, agilidade e praticidade. Focada nestes objetivos, a Samsung mudou a forma como o consumidor assiste TV quando lançou, em 2015, as primeiras SmartTVs com a plataforma Tizen, um sistema operacional que assegura aos consumidores uma experiência mais conectada e inovadora. De lá para cá, a experiência do usuário, que já era incrível graças à tecnologia de ponta, ganhou ainda mais força com todo o pacote de navegação trazido pela Samsung.

"A Samsung está atenta ao mercado e busca desenvolver soluções que estejam conectadas ao estilo de vida dos usuários, oferecendo recursos inovadores e modernos. Ao oferecermos um sistema completo para SmartTV, proporcionamos novas possibilidades e otimizamos a rotina dos consumidores por meio de um amplo pacote de aplicativos e funções que podem ser executadas de maneira simplificada", afirma Guilherme Campos, Gerente Sênior de Produto das áreas de TV e Áudio da Samsung Brasil.

Intuitiva, a primeira configuração da SmartTV é fácil e é feita rapidamente em poucos passos. Além dos diversos aplicativos que já vêm instalados, a plataforma permite ainda que o usuário acesse uma vasta loja de aplicativos, faça o download e aproveite vários tipos de conteúdo.

Escolher o que assistir também fica bem fácil graças à naveabilidade do sistema, que permite selecionar conteúdos como séries, filmes e jogos, bem como realizar ajustes na imagem, som e configurações de rede de maneira simples, com poucos cliques e sem as famosas 'travadinhas'. E, com a função Preview, antes mesmo de decidir o que deseja ver, o usuário consegue dar uma olhada no que determinado aplicativo oferece em termos de conteúdo.

Outras soluções que complementam a experiência proporcionada pelas SmartTVs 4K da Samsung garantindo o melhor padrão ao usuário são: controle remoto único, em que usando apenas o controle da TV, o usuário controla vários aparelhos, como decoder da TV a cabo e Soundbar, além de ter botões que possibilitam acesso direto aos principais aplicativos. Todas as SmartTVs 4K vêm com conectividade Bluetooth, que fazem do aparelho uma excelente opção para consumo de conteúdo em conjunto com dispositivos sem fio, como fones de ouvido.

Já o Smart View permite que o usuário desfrute do conteúdo do celular direto na TV. Ele funciona como um espelhamento de tela para que os conteúdos favoritos dos usuários possam ser vistos em uma tela grande.

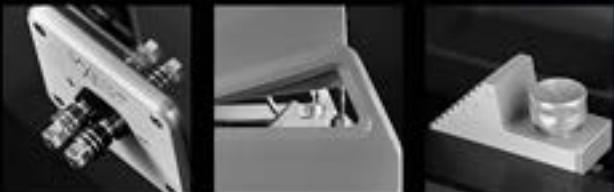
SmartThings, o usuário pode monitorar outros dispositivos do ecossistema Samsung pela TV, como refrigeradores, ar-condicionado, lava e seca e aspirador robô. O aplicativo está embarcado nas TVs Samsung e facilita a conectividade entre os aparelhos.

Com tantos recursos que trazem mais conveniência ao dia a dia do consumidor, a plataforma de SmartTV da Samsung reflete o pioneirismo e a inovação presentes no DNA da marca que há 13 anos é líder mundial nas vendas de TVs.

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

Conecte-se à
essência da MÚSICA

SASHATM
DAW



Yvette

Sabrina

WILSON[®]
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: (11) 5102.2902 • info@ferraritechnologies.com.br



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica



HI-END PELO MUNDO



NOVOS POWERS YOLO 2.4 DA BOHNE AUDIO

A empresa alemã Bohne Audio - especialista em caixas acústicas de alto nível - acaba de lançar seu novo power de quatro canais modelo Yolo 2.4, pertencente à Premium Series da empresa. O Yolo 2.4 funciona em classe AB, sendo equipado com 20 transistores por canal, podendo funcionar em estéreo, em quatro canais de 600 W, ou em modo bridge provendo 1.200 W total. Com um transformador de 3,2 kW, e pesando 77 kg, o preço anunciado do power Bohne Audio Yolo 2.4 é de 24.000 Euros, na Europa.

www.bohne-audio.com



CAIXAS ACÚSTICAS THE DEVILLE DA FLEETWOOD SOUND

Em um mundo acima dos mortais, a norte-americana Oswalds Mill Audio - vulgo OMA - é uma especialista em caixas tipo horn (corneta) de enormes dimensões físicas e altíssima sensibilidade, permitindo que trabalhem com amplificadores de 2 ou 3 Watts. Respondendo a pedidos de clientes, a OMA criou uma nova marca, a Fleetwood Sound, trazendo caixas horn de alta sensibilidade com dimensões reduzidas - e etiqueta de preço mais acessível - para uso em ambientes normais de apartamento. As belas bookshelves The Deville ainda não tiveram o preço anunciado.

www.fleetwoodsound.com



NOVA CÁPSULA AIDAS MAMMOTH GOLD

Sediada na Califórnia, a fabricante de cápsulas artesanais Aidas Audio é, na verdade, uma iniciativa de profissionais de áudio de várias nacionalidades: americana, suíça, lituana, russa e japonesa. As cápsulas são feitas à mão, artesanalmente e "sem pressa" - segundo o fabricante. O mais recente modelo é a Mammoth Gold, cujo corpo é feito de presa (marfim) de 23.000 anos, de mamute da Sibéria (extinto), e é uma MC (Moving Coil) de saída baixa com diamante Micro-Ridge e magneto de AlNiCo. A cápsula Mammoth Gold vem acompanhada de uma garrafa de meio litro da célebre vodka siberiana Mamont, e com uma etiqueta de preço de US\$ 8.000, nos EUA.

www.lampizatorpoland.com



GRAVADORA DE VINIL PHONOCUT

Algo que pode virar um grande fetiche para o crescente mercado de analógico no mundo é a capacidade de prensar seus próprios LPs. A PhonoCut, uma iniciativa de um grupo principalmente de inventores e engenheiros suíços, está procurando investimento através de crowdfunding (pelo site Kickstarter), arrecandando do maior número de indivíduos possível, prometendo começar a entregar a PhonoCut - que só gravará vinis de 10 polegadas e de arquivos digitais - a partir de outubro de 2020. O investimento para se entrar na fila é de US\$ 1.100.

www.phonocut.com

PRÉ LETO ULTRA DA ZESTO AUDIO

Especializada em amplificadores e prés de fono valvulados, a californiana Zesto Audio acaba de lançar seu pré-amplificador topo de linha. O Leto Ultra traz, como inovação, um “controle de presença” de seis posições que atua somente nas altas frequências, fazendo atenuações de -3 dB em frequências de 1 kHz à 10 kHz, selecionáveis por um botão no painel frontal - incluindo o completo bypass do filtro. O Leto Ultra, que usa válvulas 12DW7/ECC832, tem entradas RCA e XLR, e controle remoto, e tem uma etiqueta de preço de US\$ 9.995, nos EUA.

www.zestoaudio.com



MUSIC PLAYER LYRA DA EDEN ACOUSTIQUE

A canadense Eden Acoustique, que fabrica as caixas open-baffle Tômei, acaba de lançar o music player Lyra, que faz streaming de Tidal e Qobuz, internet radio, unidades de armazenamento em rede (NAS), ou discos rígidos e pendrives USB. O Lyra pode ser controlado através de um app para smartphones e tablets, ou através de controle de voz Siri, vem equipado com um DAC interno 32-bit / 384 kHz, equalizador gráfico, e conexões Bluetooth 4.2 e UPnP. O preço do Music Player Lyra é de US\$ 995, na América do Norte.

www.edenacoustics.com



COMO AVALIAR A TEXTURA DO MEU SISTEMA

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Na edição passada, nesta seção, prometi que neste mês apresentaria gravações com dois instrumentos para a avaliação de equilíbrio tonal e ampliação da memória de longo prazo (que fica armazenada no hipocampo).

Mas descumprirei o prometido, pois dois fatos - que ocorreram simultaneamente - sinalizaram que seria conveniente abrir uma exceção e falar um pouco do quesito Textura de nossa Metodologia.

Textura, junto com corpo harmônico, sempre foram os quesitos nos Cursos de Percepção Auditiva dos quais mais os participantes

têm dúvidas. À medida que os cursos foram sendo realizados, consegui achar 'o tom' correto e os exemplos mais eficazes para explicar esses quesitos aos participantes.

Mas, falar desses quesitos em nossos testes mensalmente para uma legião de novos leitores que jamais fizeram os cursos, deve parecer que estamos falando mongol! Para todos estes novos leitores, sugiro a leitura em nosso site da página História da Metodologia (localizado no menu principal), de nosso editor técnico e colaborador Victor Mirol. Neste artigo, você terá uma descrição em detalhes de toda a nossa Metodologia.

Mas o que me levou a mudar a cronologia dos textos que publicarei nesta seção, foi que nas últimas quatro semanas dois fatos ocorreram: recebi uma dúzia de mensagens de leitores solicitando ajuda para a escolha de CDs para a avaliação de texturas dos seus sistemas, e ter recebido o CD do selo Sesc do multi-instrumentista, arranjador e compositor André Mehmari - *Música para Cordas*. Aí, meu amigo, foi ligar 'lé com cré' e descobrir que tinha o disco certo, na hora exata, para ajudar todos vocês que buscam avaliar a qualidade deste quesito em seus sistemas.

Mas antes de falarmos deste disco, vamos a explicação do quesito Textura feita brilhantemente pelo querido amigo Victor Mirol em seus artigos: "Este termo tem a ver com a sensação táctil do toque da superfície de um objeto ou material e também, evoca a trama de um tecido. Todo instrumento tem, além de um timbre e uma dinâmica particular e únicos a ele, uma qualidade que pode ser definida com alguns destes termos: aveludado, liso, rugoso, áspido, cremoso, etc. Esta qualidade referente ao instrumento é um tanto difícil de definir como também é o timbre. Porém, utilizado no sentido de trama instrumental, a situação é mais cômoda. No decorrer do discurso musical, o compositor ou arranjador combina os diversos elementos do magma sonoro orquestral de maneira que cada um deles mantenha sua identidade dentro do todo".

O leitor mais atento aos exemplos citados de cada quesito em nossos testes, perceberá que, para texturas, eu pessoalmente utilizo, para fechar a nota deste quesito, quartetos de cordas. E a razão é bastante simples e objetiva: é muito mais fácil ouvir a trama musical de apenas 4 instrumentos do que de uma orquestra inteira. Então raramente utilizo uma gravação mais complexa que quartetos de cordas para a nota final de textura.

Bem, não usava, pois agora este novo CD *Música para Cordas* veio para ampliar este leque de gravações tecnicamente perfeitas para avaliação de Textura e com a possibilidade de ampliarmos o leque de instrumentos para: acordeon, clarinete e fagote.

O leitor Rodrigo Dantas, no seu e-mail, perguntou o que ele deve perceber no quarteto de cordas que possa ajudá-lo na avaliação das texturas.

Vamos por partes Rodrigo. Antes de tudo é preciso estar bem claro para todos que textura e equilíbrio tonal são como irmãos siameses. Jamais separam!

Sem o equilíbrio tonal correto, esqueça avaliar textura.

Então a primeira lição de casa é o ajuste correto do equilíbrio tonal. Alguém lá do fundo da sala gritou: "Mas o equilíbrio tonal junto com elétrica e acústica representam 75% do acerto!". Exatamente. Então antes de sair tentando descobrir a qualidade do seu sistema na reprodução de texturas, faça todo o dever de casa.

Sem equilíbrio tonal, você pode avaliar corpo harmônico, transientes e micro e macrodinâmica. Mas textura, organicidade e musicalidade, não!

Se vocês não entenderem como os oito quesitos se intercalam, formando um 'tecido único', o número de tentativas e erros pode ser infinito. Mas se seguirem as regras e começarem com o acerto inicial dos 75% (elétrica, acústica e equilíbrio tonal), o número de tentativas e erros cai para menos de 50%.

Mas, vamos lá. Suponhamos que o Rodrigo fez a lição de casa e atingiu os 75%. Ele realmente pode começar a avaliar todos os outros 7 itens da Metodologia. E pode perfeitamente iniciar pelo quesito Textura. Pois quando ele tiver ajustado a textura de seu sistema, a musicalidade e organicidade também já estarão 'pré-ajustadas' ou, para ser mais preciso, parcialmente ajustadas.



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi eXperience

www.hifiexperience.com.br

OPINIÃO

Então, Rodrigo, respondendo a sua dúvida, eu buscaria dois ou três CDs de quarteto de cordas muito bem gravados e sem nenhum desequilíbrio tonal, e não abrira mão do CD do André Mehmari, CD 1 com as seguintes obras: *Ballo Suite Para Cordas* e *Shostakovichiana*. Estes dois exemplos, mais a gravação do Hagen Quartett tocando Beethoven, com *Streichquartett op 130* e *Fugue op 133* do selo Deutsche Grammophon, serão suas gravações de referência para ajuste do quesito texturas do seu sistema e de qualquer amigo (desde que aceite opiniões, é claro).

E, para aquele leitor que ainda se perde tentando ouvir quatro instrumentos tocando simultaneamente, existe algum CD com um instrumento solista que possa ser útil? Sim, o CD Timbres, nas faixas com violino, cello e contrabaixo, pode ajudar muito. Desde, é claro, que o sistema consiga mostrar as 'enormes' diferenças entre os três microfones. E para mostrar a diferença, novamente alerto: é preciso ter feito a lição de casa dos 75%.

Para entender como a Textura funciona, é preciso que você dê nome a cada instrumento que você escuta, classificando-o como: áspero, rugoso, macio, aveludado, anasalado, etc. Sua mente se sentirá muito mais à vontade ao fazer isto, para reconhecer e memorizar a timbração de cada instrumento.

Um quarteto de cordas é perfeito para este exercício de 'memorização', pois mesmo que um quarteto seja composto de dois violinos, uma viola e um cello, o primeiro e segundo violinos jamais soam idênticos. Outra dica importante é o espaço que cada um ocupa. Em algumas gravações o palco sonoro apresenta o quarteto em arco (isto é, devido ao posicionamento dos microfones em relação ao quarteto). Em outras o primeiro violino se encontra na caixa esquerda, o segundo violino mais para o centro e atrás do primeiro violino (em bons sistemas, com bom tratamento acústico), assim como a viola do centro para a caixa direita, mas atrás do cello. E este geralmente soa dentro da caixa direita. Como o cérebro também é bom em espacialidade, esta dica do posicionamento pode ajudar na memorização.

Em um sistema em que o equilíbrio tonal é excelente, a textura também será excelente. Neste caso, acompanhar cada instrumento dentro da trama musical é como comer mamão com açúcar. Nenhum esforço adicional será preciso para ouvir as quatro vozes juntas e separadamente. E a textura, neste caso, além de mostrar as características de cada instrumento (se soa mais aveludado, ou mais rugoso), chega ao requinte de mostrar a qualidade do instrumento, a virtuose do músico e o grau de 'intencionalidade' do compositor e do arranjador. E, claro, a qualidade do engenheiro de gravação na escolha dos microfones, posicionamento destes, qualidade da sala de gravação, mixagem e masterização.

Os três exemplos aqui citados passam com mérito em todas as etapas: da escolha dos músicos, seus instrumentos, qualidade dos microfones, sala de gravação, mixagem e masterização. Então, além

de exemplos seguros, poderão lhe dar um 'raio x' preciso do seu setup tanto em textura como também em equilíbrio tonal. Ou seja, matar dois coelhos com uma única cajadada!

Para te ajudar a entender essas gravações, vamos passar algumas dicas importantes. Primeiro, no CD Timbres os exemplos do violino, cello e contrabaixo acústico - é essencial que o setup, ao reproduzir essas faixas, mostre as diferenças audíveis dos três microfones. Se você, em seu setup, não reconhecer essas diferenças, ou forem sutis demais, o sistema não está correto no quesito Equilíbrio Tonal. Você terá que rever onde se encontra o elo fraco do sistema (ou se está na elétrica ou na acústica), para tentar seguir em frente.

Uma dica: em termos de textura, esses três instrumentos com o microfone AKG soam rugosos (para alguns leitores) e ásperos ou anasalados (para outros leitores que fizeram a última turma do Curso de Percepção Auditiva). Já o microfone Neumann e o B&K soam mais sedosos ou aveludados (para a unanimidade dos participantes). Claro que cada um criará seus adjetivos para dizer como lhe soam os violinos, cello e contrabaixo nos três microfones.

O adjetivo é o que menos importa, o que queremos é que os nossos sistemas mostrem as diferenças entre a timbração e textura desses quatro instrumentos de cordas, com absoluta fidelidade ao que ouvimos desses instrumentos em uma apresentação ao vivo. E a todos os nossos leitores já aptos a ouvir quartetos e orquestras



de cordas, usar estes dois exemplos aqui indicados, será matador! Pois soam magnificamente lindos em sistemas Diamante e Estado da Arte bem ajustados.

Se o seu sistema passar pelo teste, parabéns! Em termos de sinergia do sistema, tratamento elétrico, acústico, equilíbrio tonal e textura, o senhor chegou lá!

Mas se ainda não foi desta vez, não desanime. Pois agora você tem as 'ferramentas' certas para fazer o dever de casa. E só depende de você chegar lá, sem recorrer a teorias malucas ou ao ouvido alheio!

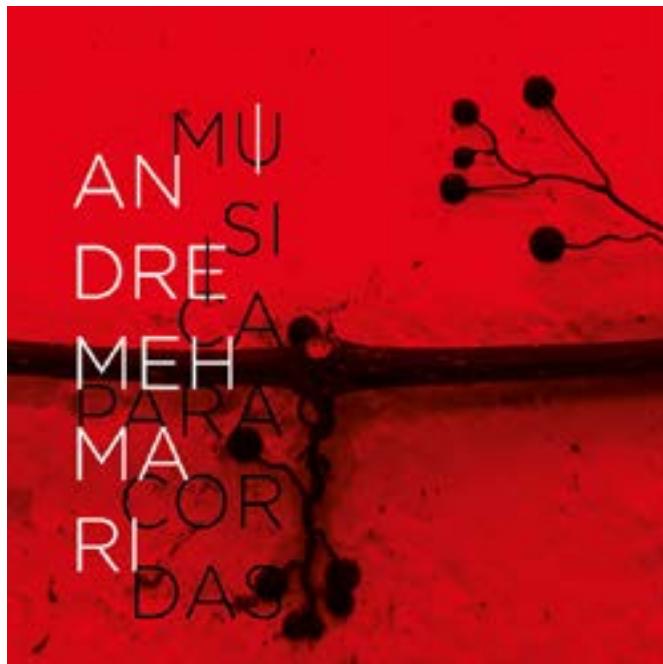
Boa sorte é o que desejo a todos vocês. E se precisarem de alguma dica ou ajuda, contem conosco!

Mês que vem volto a cronologia inicial, com a apresentação de gravações com dois instrumentos para Equilíbrio Tonal e Organicidade. ■



OUÇA AS FAIXAS SUGERIDAS DO CD TIMBRES,
CLICANDO NOS LINKS ABAIXO

- | | |
|------------------|--------------|
| ▶ Contrabaixo 13 | ▶ Violino 34 |
| ▶ Contrabaixo 14 | ▶ Violino 35 |
| ▶ Contrabaixo 15 | ▶ Violino 36 |
| ▶ Cello 37 | |
| ▶ Cello 38 | |
| ▶ Cello 39 | |



OUÇA O CD DUPLO MÚSICA PARA CORDAS -
ANDRE MEHMARI, NO SPOTIFY.



OUÇA O MOZART: FUGUES; ADAGIO AND FU-
GUE K.546 / BEETHOVEN: STRING QUARTET
OPP.130/133, NO SPOTIFY.



TAN DUN

YO-YO MA

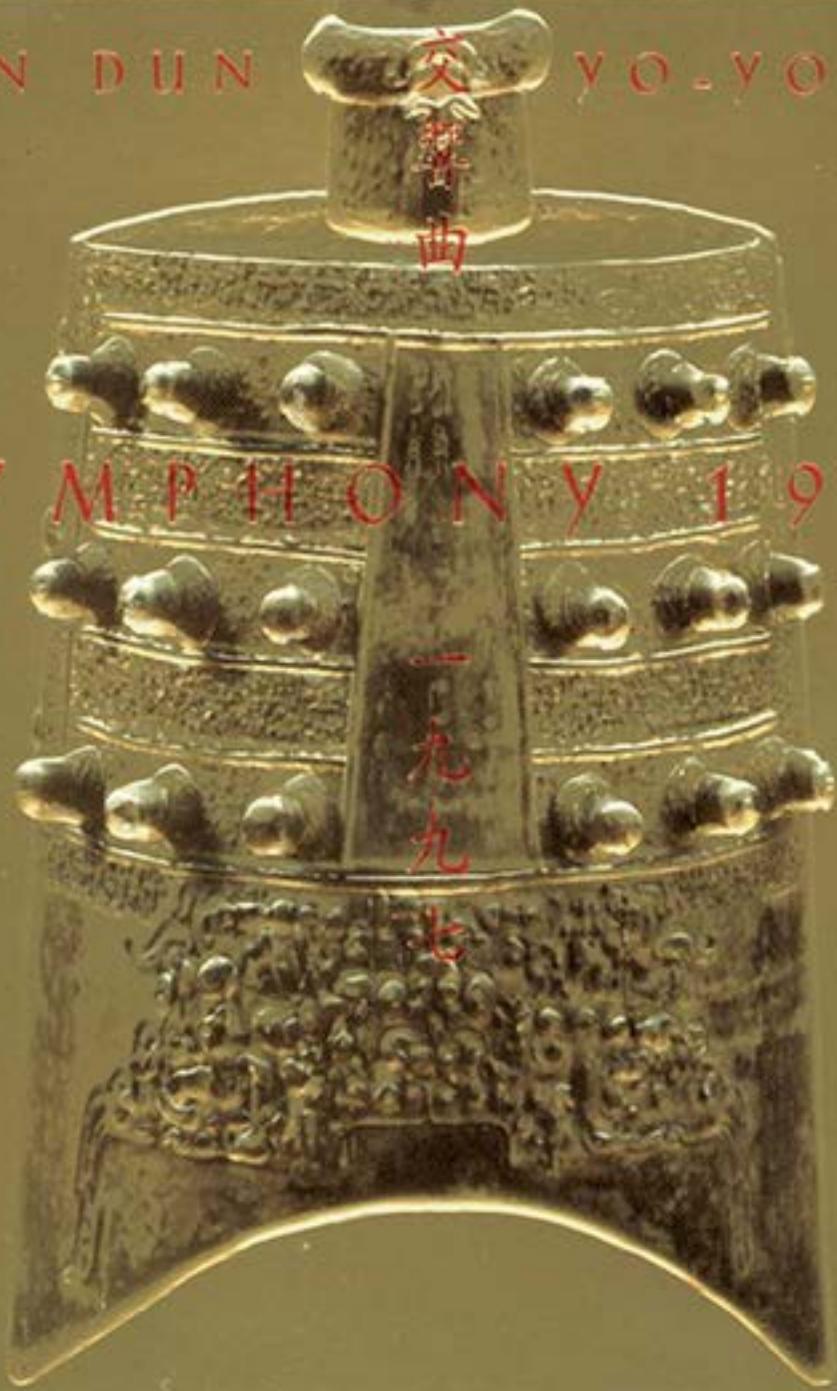
H E A V E N E A R T H M A N K I N D

譚盾 馬友友

一 天 、 地 、 人

S Y M P H O N Y 1997

一九九七





UM CLÁSSICO & DOIS DE ROCK PROGRESSIVO

X Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Toda vez que eu vou selecionar discos para esta seção, penso no que eu vejo por aí de indicação de gravações, e penso o quão diferente eu sou da maioria - e acabo ficando com dúvidas de se estou fazendo algo certo ou mesmo interessante.

Existe uma série de ponderações que eu posso fazer nesta abertura de artigo, o que eu acho sobre comportamentos um tanto ou quanto estranhos. Como, por exemplo, gente que têm muitos e muitos milhares de discos - quantos será que eles ouvem? Com que frequência? Se ouvem é porque deixam música rolando de fundo o dia inteiro - porque podem - e essa música vira pano de fundo para outras atividades, não se presta atenção nela. É a 'música papel-de-parede'...

Mesmo trabalhando com áudio, na área de áudio, há muitos e muitos anos, não quer dizer que eu fique ouvindo música o dia inteiro - até porque tenho não só outras coisa para fazer, como também tenho outros interesses. Mas ouço muito mais música do que a maioria dos audiófilos e melômanos - porque as pessoas têm que trabalhar, tem que estar com a família, tem atividades extracurriculares, etc, então acredito que elas ouçam, quando muito, uma duas horas por dia de música - isso em sistemas de som. E quando digo que 'ouvem', quero dizer prestando atenção na música, mergulhando nela. E essa é a verdadeira apreciação pela música. Talvez 'ouçam' assim também aqueles que usam fones de ouvido na ida e na volta do trabalho, absortos dentro de sua música, esperando o tempo passar.

O que eu quero dizer com isso? É que quem tem só esse tempo acima, por dia, para ouvir música, e tem milhares de discos, não 'ouve' nem 10% do que tem. Entendo a compulsão do melômano e do audiófilo pela compra de discos - mas também entendo que a maior parte dos discos que ouvimos são obras às quais retornamos com frequência: os discos de cabeceira. Dois dos discos aqui neste artigo são de 1997, por exemplo - e eu não os descobri este ano, nem no ano passado. Eu literalmente os ouço há quase duas décadas!

O que eu quero dizer com isso? Que eu seleciono muito aquilo que me interessa ouvir - não sou um consumidor ávido, não procuro

coisas novas todos os meses, nada disso. Não tenho muito mais do que 200 discos em rotação - e não tenho prateleiras e mais prateleiras tomada só guardando acumulação de décadas de discos. Até porque dificilmente guardo coisas que ou eu não vou usar ou não tenham valor sentimental.

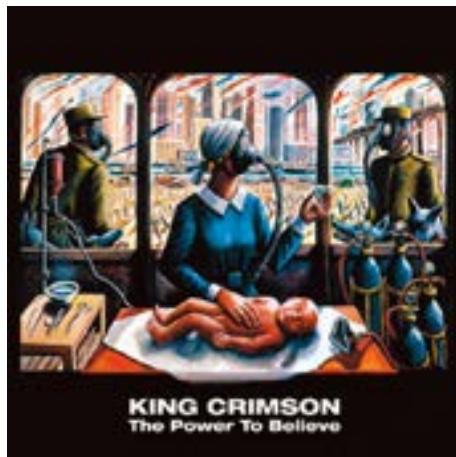
Dito isso, também me vem à cabeça os colecionadores de música clássica, que compram dezenas de versões da mesma obra - de uma infinidade de obras. É fato de que hoje em dia é possível ouvir - e verificar se uma determinada nova execução de uma obra é melhor ou pior - via streaming e até YouTube, então não é para não comprar algo que possa virar depois peso de papel ou mesmo coletor de pó. Acho estranha também a compulsão de orquestras e regentes em gravar 'ainda mais um' ciclo de sinfonias de Beethoven, por exemplo - mas isso seria caso para outra discussão. Por exemplo, tendo ouvido uma longa série de gravações de uma das minhas sinfonias preferidas, a No.1 de Johannes Brahms, fechei com a que mais me agrada, com a Filarmônica de Berlim regida por Herbert von Karajan, versão da década de 1960 - que, aliás, tem uma qualidade de gravação bem decente. Tendo essa em mãos, não há regente ou orquestra em atividade hoje que facilmente me convença a comprar uma gravação atual dessa sinfonia para ter mais uma. Então essa compulsão, como fã de música clássica, eu não tenho.

A ideia, quando seleciono estes discos, para neste artigo, é trazer algo que costumeiramente não é indicado pelas meios de comunicação audiófilos, que é sempre musicalmente de alto nível (apesar de não ser do gosto de todo mundo), que não é banal, e que não é como o gosto pessoal estranho de alguns articulistas de áudio que adoram indicar coisas como 'techno-rumba-low-fi-vietnamita' - tem gente que parece que faz questão de ouvir as coisas mais esquisitas e alternativas possíveis, como se fosse uma 'modinha'.

Na planilha de hoje temos: um clássico moderno e contemporâneo, um rock progressivo alternativo que é facilmente um dos melhores discos das últimas décadas, e um disco de uma das mais eruditas e complexas bandas do rock progressivo.

Vamos à eles:

DISCOS DO MÊS



King Crimson - *The Power to Believe*
(Discipline Global Mobile / Sanctuary Records, 2003)

Acho que, de todo o dito Rock Progressivo, o que é mais um 'gosto adquirido' - e o mais cerebral também - é o King Crimson. A banda é fruto de um dos mais inovadores guitarristas que eu conheço: o inglês Robert Fripp.

O King Crimson, que já teve muitas formações, começou oficialmente em 1969, no auge do momento no qual o Progressivo estava surpreendendo o mundo do rock com suas principais bandas: Yes, Genesis, Pink Floyd, e Emerson Lake & Palmer (claro que muitas outras apareceram no cenário). Todas essas traziam aspectos de outros gêneros, como o clássico e o jazz, complexidades de arranjo, complexidades e variações rítmicas, letras esotéricas e, principalmente, músicos com conhecimento e habilidade profundos - e desejo de inovar. O resultado de tudo isso é uma longa série de álbuns temáticos e várias obras de arte musicais. Porém, as faixas extremamente longas e o 'luxo' musical provido pelos Progressivos somente agradou o grande público e as paradas de sucesso até o meio da década de 1970, e a partir daí seu público começou a ficar mais restrito e seu sucesso comercial mais ainda. Comercialmente, o dinheiro do grande público começou a ir para vertentes como o Punk, a Disco e o Pop eletrônico.

Após esse período, Emerson Lake & Palmer pouco ou nada produziu, tentando ser mais pop. O Yes e o Genesis viraram pop, cada um com seu (grande) sucesso. O Floyd manteve-se mais perto de suas raízes, mas também foi pop. Como aconteceu com muitas e muitas (e muitas) bandas da era do Rock Progressivo, o King Crimson - com várias mudanças de formação - tornou-se cada vez mais complexo, e cada vez mais exclusivo de seu público cativo. O Crimson nunca foi, na verdade, uma banda de grande sucesso comercial - a não ser por seu primeiro disco, *In The Court of the Crimson King*.

O Crimson inaugurou a década de 1980 com uma formação de quarteto que incluía um baterista/percussionista, no caso: Bill Bruford, que foi baterista do melhor período do Yes. Um baixista: Tony Levin, que além de tocar em várias formações do Crimson, tocou em todos os discos solo do Peter Gabriel desde que esse saiu do Genesis, ainda na década de 1970, e também protagonizou vários excelentes projetos solo - como o *From the Caves of Iron Mountain*, do qual falei no mês passado, e o *Black Light Syndrome*, um dos discos sugeridos deste mês. Para fechar essa formação, a banda ainda trazia as pirotecnicas da guitarra de Fripp, além do auxílio da segunda guitarra do americano Adrian Belew (que também contribuía vocais) que tocou com luminares como Frank Zappa, David Bowie, Talking Heads e Laurie Anderson.

Por que eu falo dessa formação? Porque a variações e evolução do tipo de sonoridade dela é que levaram a banda até o disco que está aqui em questão, *The Power to Believe*, 20 e poucos anos depois.

O Crimson funcionou longamente, e com vários álbuns, numerosos projetos relacionados e paralelos, com essa formação e variações dela. Entre elas: a adição de mais um baterista/percussionista, Pat Mastelotto (Mr Mister, The Rembrandts). Assim como a adição de um segundo baixista, Trey Gunn - que, assim como Levin tocava mais o seu 'baixo' Chapman Stick de 12 cordas (tocado com a técnica de 'tapping' com as duas mãos, como se fossem as duas mãos do piano), Gunn exclusivamente também tocava um instrumento chamado de Warr Guitar, igualmente tocado com tapping com as duas mãos, e que podia chegar à ter 14 cordas (que dão um alcance que vai desde o baixo até à guitarra).

O auge dessa formação, chamada de 'double-trio', tinha, ao mesmo tempo: dois baixistas nem um pouco ortodoxos, dois guitarristas nem um pouco ortodoxos, e dois bateristas que trabalhavam um bocado o lado complexo da percussão.

O King Crimson, entretanto, viu a saída de Tony Levin (que depois voltou à formação atual da banda, que apenas toca ao vivo) e a saída e aposentadoria do baterista Bill Bruford. O Crimson, então, voltava a ser um quarteto, e o *The Power to Believe* seu último disco de estúdio, em 2003.

O trabalho de gravação e masterização de *The Power to Believe* é um bocado especial, pois conseguiram uma complexidade, uma densidade de informação de todos os quatro membros da banda, que - além da musicalidade - é bastante desafiadora para um bocado de sistemas. Sustentar volumes realistas e som descongestionado, ouvindo esse disco, não é para qualquer sistema. Mesmo. Não é à toa que o Fernando Andrette o usa em seus testes. Destaque para as faixas *Dangerous Curves*, *Level Five* e *The Power to Believe II* - que considero as mais interessantes musicalmente. ▶



King Crimson

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Sites de Streaming selecionados.



Bozzio Levin Stevens - Black Light Syndrome
(Magna Carta, 1997)

Com os sistemas de som atuais tocando bem melhor que tocavam 15 a 20 anos atrás, os equipamentos e afins que eram acessíveis aos meros mortais eram incrivelmente inclementes com os discos

'normais', ou seja, as gravações comerciais - principalmente as antigas e as da década de 80 (estas por causa de uma filosofia de equalização e masterização que resultava em som seco, com graves áridos e agudos abertos e estridentes). Se você montasse um sistema mais 'minimalista', sem controles tonais, com caixas mais enxutas (sem grandes woofers, mas com maior correção e melhor resposta de frequência) e fontes digitais mais reveladoras (lembrem-se que era uma época de hiato de vinil), você estava fadado a ter que selecionar o que ouvir caso quisesse a maior limpeza sonora e definição provida por um sistema audiófilo. O Fernando Andrette fala um bocado sobre esse aspecto da audiofilia, de como os sistemas atuais podem ter uma folga muito maior - incluindo técnicas de setup que são essenciais - e resultam, portanto, muito mais generosos com gravações que antes eram quase intoleráveis.

O fato é que, nesse período da audiofilia, selecionar discos era um bocado complicado. Principalmente se você queria um gênero específico. Explico: eu tinha a sensação clara e nítida de que gravação de uma qualidade que permitia aproveitar um sistema daqueles (sem ser irritante) era só dos gêneros jazz e clássico - e algumas gravações bizarras de música sempre bem brega que não conseguiriam chegar nem no baile da saudade bêbado... Achar uma gravação de um rock elaborado, de música complexa mais atual e interessante era um luxo fora do comum. De vez em quando pingava alguma coisa, ou era encontrada uma gravação excelente por puro acaso, ou a 'irmãdade audiófila' compartilhava informações (mas o disco, não, rs...).

DISCOS DO MÊS

Um desses discos que ‘pingou’ na área foi o do trio Bozzio Levin Stevens - *Black Light Syndrome*. Juro que passei um tempão tentando lembrar de como ou por quem tive contato com esse disco, mas não lembro mesmo. A idade vai chegando e a memória vai indo embora pela janela - é quenem reunião de cinéfilos de mais de 50 anos de idade: “Como é que chama aquele filme com aquele ator, o... o... aquele que fez aquele outro filme, aquele com aquele cara careca que era casado com aquela loira, a... a...”.

Enfim, não seria difícil uma hora ou outra eu entrar em contato com esse trabalho do baixista Tony Levin, seja porque eu ouvia vários discos dele com o King Crimson, da década de 80, ou porque tinha todos os discos solo do Peter Gabriel com o brilhante trabalho de baixo dele (eu até já tive aspirações a me tornar baixista, mas esse tipo de história não se conta, rs).

Bozzio Levin Stevens é um verdadeiro power-trio, uma ‘usina de força’, de músicos brilhantes e virtuosos. Power-trio, para quem não sabe, é um termo usado muito no rock para designar trios de instrumentistas que soam maiores e mais complexos do que grupos com muito mais integrantes, principalmente devido às suas profundas capacidades em seus devidos instrumentos. Alguns dos mais famosos power-trios - e que merecem essa designação - são: Emerson Lake & Palmer, Rush, Cream, The Police, entre outros.

O baixista Tony Levin, se alguém tem lido meus textos (inclusive este), dispensa apresentações.

O segundo integrante é o guitarrista americano Steve Stevens, que além de tocar guitarra na música tema do filme Top Gun (*Top Gun Anthem*) foi o guitarrista da banda do Billy Idol - não se enganem com a tonalidade pop dos discos do astro Billy Idol, porque não só ao vivo era outra conversa como Stevens é um tremendo guitarrista tecnicamente, sendo que entre os trabalhos dele como músico de estúdio estão discos de Michael Jackson e Robert Palmer, entre outros. Neste power-trio em questão, com Levin e Bozzio, Stevens brilha especialmente com o uso da guitarra estilo flamenco (sim, você tem que ouvir para conferir!).

O terceiro integrante é o baterista americano Terry Bozzio, um dos melhores e mais técnicos bateristas do rock, com certeza - e que usa frequentemente uma das maiores baterias (em número de peças) que eu já vi na vida. Bozzio tem um currículo bastante invejável. Além de ter sido parte de uma banda bem pop chamada Missing Persons - que eu não considero digna de nota - Bozzio foi o baterista da banda do grande Frank Zappa por um grande número de discos, desde parte da década de 1970 até o fim da década de 1980, além de discos solo próprios, além de ser músico de estúdio em dezenas e dezenas de trabalhos de um grande número de



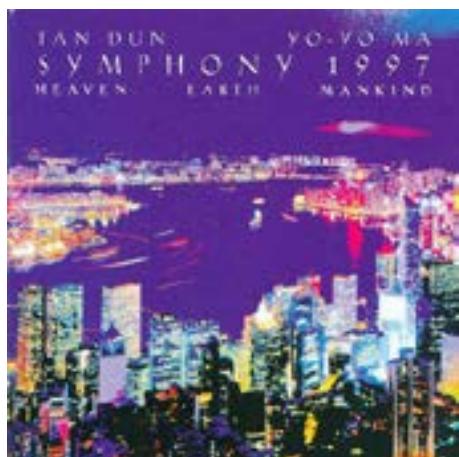
Bozzio Levin Stevens ➤

artistas conhecidos. Ele, inclusive, teve um disco com Pat Mastelotto (baterista do King Crimson). Posso citar também alguns trabalhos dele que considero especiais, como o Jeff Beck - *Guitar Shop* (um dos discos da enorme cabeceira do Fernando Andrette), e Polytown (com o baixista Mick Karn, que foi parte da banda de David Sylvian e tocou em vários discos solo dele - de quem um dia falaremos neste espaço).

Um aspecto interessante sobre a feitura do disco *Black Light Syndrome*, está no fato de que os três músicos amigos - diz a lenda - se reuniram para gravar algo para ajudar Terry Bozzio, que estava em um momento sem trabalho. Marcaram uma semana de estúdio, durante a qual se reuniram, decidiram que tipo de trabalho seria, comiseram, arranjaram as faixas e gravaram. Tudo em uma semana!

Destaque para as faixas *Duende* e *Book of Hours*, particularmente interessantes.

Pode ser encontrado em: CD / LP / Sites de Streaming selecionados.



Tan Dun - Symphony 1997 - Heaven Earth Mankind
(Sony Classical, 1997)

Essa sinfonia, com vários aspectos de instrumentação e música chinesa, tem uma relevância histórica: foi composta (e regida ao vivo) pelo compositor chinês Tan Dun durante as festividades para a devolução da ilha e cidade de Hong Kong para a China, em 1º de julho de 1997.

Em 1842, os ingleses tomaram a ilha - que fica na costa sul do país - do governo chinês, após a Guerra do Ópio, com o intuito de estabelecer lá um porto para o comércio de mercadorias com a China. Várias circunstâncias da época levaram a um tipo de comércio onde a China queria o ópio da Índia (que era colônia britânica) e os ingleses queriam o chá chinês, que havia se tornado a bebida mais popular da Europa no século XIX. Acontece que os chineses só aceitavam o pagamento do chá com prata pura, metal precioso que os ingleses tinham apenas em quantidades limitadas. O resultado foi que, como os chineses queriam o ópio, os ingleses passaram a exigir que eles pagassem o ópio somente com prata - criando um círculo vicioso e viciante, literalmente!

Em 1898, incluindo a anexação pela Inglaterra de territórios da costa da China à Hong Kong, um acordo entre os dois países foi celebrado cedendo a ilha e os territórios ao uso da Inglaterra por 99 anos, e assim se estabeleceu a porta de entrada e comércio do Ocidente no Oriente.

Em julho de 1997, a Inglaterra oficialmente devolveu Hong Kong à China com uma grande festa e cerimônia, a qual incluiu a apresentação da *Sinfonia 1997*, com o próprio compositor e a participação do célebre violoncelista Yo-yo Ma - que é descendente de chineses - e a Hong Philharmonic Orchestra, o Imperial Bells Ensemble of China, e o coral de crianças chinesas Yip's Children's Choir.

A Associação pela Celebração e Reunificação de Hong Kong com a China, encomendou a obra especialmente para a ocasião. Mas, apesar de ter sido apresentada ao vivo - e acho que existe vídeo disso no YouTube, porque a cerimônia foi televisionada, a gravação do CD não foi ao vivo - foi feita dois meses antes, no Tsuen Wan Town Hall, nos Novos Territórios, uma das partes continentais pertencentes à Hong Kong. Ainda melhor, porque isso garantiu uma execução mais correta e limpa da obra, e a excelente qualidade de gravação do disco.

O compositor Tan Dun, bastante ativo também como regente de orquestra, possui uma longa discografia que inclui, além de obras clássicas e que misturam música chinesa, vários discos somente com instrumentos tradicionais chineses de percussão e de corda, e é famoso por seu trabalho com trilhas sonoras como a do filme *O Tigre e o Dragão*, entre outras trilhas para cinema e TV.

Tan Dun nasceu na província de Hunan, na China, onde descobriu os instrumentos tradicionais de corda do país, e aprendeu a tocá-los informalmente. O regime logo desencorajou a estudar música e ele foi trabalhar no plantio de arroz. Como continuava a tocar música com pequenos grupos, em uma ocasião, devido a um acidente envolvendo vários músicos da Ópera de Pequim, Tan Dun foi chamado como violista e arranjador, e logo conseguiu estudar no

DISCOS DO MÊS

Conservatório Central de Música, em Pequim. E 1986 mudou-se para Nova York, onde obteve o doutorado em música pela Universidade de Columbia.

A Sinfonia 1997 (*Symphony 1997*) tem como subtítulo *Heaven Earth Mankind*, que compõem a três partes na qual a obra é dividida. Segundo o compositor, Heaven explora o passado tradicional do povo chinês, Earth explora o equilíbrio entre a natureza e os elementos, e Mankind comemora aqueles que lutaram e sofreram nas guerras.

Destaque para as belas e complexas *Song of Peace (Prelude)*, *Water*, e *Mankind*, dentre várias outras.

Pode ser encontrado em: CD / Sites de Streaming selecionados.



Tan Dun

DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson Nº585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 251
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson Nº519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
MC Murasaki Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.256
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Dynamique Audio Halo 2 - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
Dynamique Audio Halo 2 - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211



METODOLOGIA DE TESTES



ASSISTA AO VÍDEO DO SISTEMA CAVI, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZMBQFU7E-LC](https://www.youtube.com/watch?v=ZMBQFU7E-LC)



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a Áudio Vídeo Magazine utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambientes, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6LAJUXJTHAY](https://www.youtube.com/watch?v=6LAJUXJTHAY)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LTVd37CQND4](https://www.youtube.com/watch?v=LTVd37CQND4)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=uWD3RBFBULW](https://www.youtube.com/watch?v=uWD3RBFBULW)

PRÉ-AMPLIFICADOR NAGRA HD PREAMP

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Parece irônico que um revisor crítico de áudio, que sempre defendeu o desenvolvimento da percepção auditiva para aprendermos a andar com as ‘próprias pernas’, tenha tido a maior experiência sonora de sua vida graças a esta busca infatilável pela ampliação de nossa capacidade de ouvir corretamente.

Só posso traduzir este momento como um ‘prêmio’ após tantos anos de dedicação e paixão. E após assimilar esta experiência tão enriquecedora, fico a me perguntar se eu conseguiria reconhecer a magnitude deste produto se não tivesse me preparado suficientemente e por toda uma vida.

A vida nos ensina, de tantas maneiras, as lições que precisamos, que acredito cada vez mais que o acaso é apenas uma desculpa para o que não conseguimos compreender em sua plenitude. E me sinto verdadeiramente realizado por ter tido a chance e a ‘percepção’ necessária para entender que conhecer este pré-amplificador da Nagra seria um divisor absoluto entre ele e todos os prós de linha aqui avaliados até este momento.

Para os que necessitam de uma razão para algo ser tão diferenciado em relação aos seus semelhantes, acomodem-se em suas poltronas, liguem seu sistema e coloquem uma música de fundo que ajude a criar um clima acolhedor e inebriante. Pois este teste será realmente longo. Afinal é preciso ‘compreender’ o que faz do Nagra HD Preamp um produto tão exuberante e único!

Vamos lá!

Com mais de 60 anos de vida, a Nagra é a empresa de áudio suíça mais antiga em atividade. A filosofia da empresa sempre foi dar extrema atenção aos detalhes e ter domínio total das técnicas de fabricação. Com este conceito presente desde sua fundação, inúmeros produtos Nagra feitos há muitas décadas, ainda estão a funcionar perfeitamente e trazem aos seus donos a mesma alegria que fizeram no primeiro dia de uso.

Seus gravadores de rolo (que já deram dois Oscars para a empresa, por seu uso na indústria cinematográfica) são a prova de que esses suíços sabem exatamente o que estão a desenvolver. Mas foi



apenas em 1997 que a Nagra deu seu primeiro passo na direção do mercado de áudio hi-end, com o lançamento do pré-amplificador PL-P, um pré valulado classe A, e seu pré de phono.

Estava estabelecido o pontapé inicial da Nagra no mercado hi-end, para também traçar o mesmo sucesso que alcançaram no segmento de pró áudio. Consumidores satisfeitos e ávidos por acompanhar as novas evoluções e descobertas tecnológicas da empresa: um grau de fidelidade que poucas empresas do segmento atingiram.

Vinte anos depois do PL-P, a Nagra lança o HD Preamp, também valulado, porém sem ser uma evolução do PL-P. Partindo do zero, o novo pré de referência possui um novo design e várias tecnologias de patentes pendentes (falaremos mais adiante dessas patentes).

O SOM DO SILENCIO

Desde o primeiro momento, os engenheiros da Nagra decidiram que este seria o pré de linha mais silencioso do mercado e estabeleceria um novo parâmetro de referência. O silêncio de um circuito eletrônico é o principal critério de avaliação do ouvinte, seja consciente ou inconscientemente. Nosso sistema auditivo sempre estabelece o ruído de fundo como principal obstáculo para o que estamos a ouvir. Quanto menor o limiar de ruído, maior o espaço em que a gama dinâmica pode se expressar, e nosso cérebro define este ‘espaço’ como aberto, limpo, natural, arejado, etc. (olha novamente a importância da ampliação de nossa percepção auditiva).

Essas qualidades ‘traduzimos’ como um som mais realista, agradável e isento de fadiga auditiva! Depois de se fixarem neste objetivo, a equipe responsável por este novo projeto conseguiu a façanha de estabelecer para o pré HD um piso de ruído de menos 160 dB em toda a largura de banda, algo totalmente inimaginável, para um amplificador valulado - sendo pelo menos 60 dB a menos que qualquer outro pré valulado e pelo menos 30 dB a menos que qualquer pré estado sólido!

Tornando-se, neste quesito, o pré ideal e dos sonhos de qualquer audiófilo pela complexidade do feito e a forma com que atingiram tal feito. Todo fabricante de produtos hi-end de padrão superlativo busca soluções de encurtar ao máximo o caminho do sinal, a fim de preservar a fidelidade entre o que entra e o que entrega na próxima etapa. E existem inúmeras maneiras de se conseguir este objetivo. A Nagra optou por uma topologia de circuito mono sem nenhum tipo de gabarito negativo em qualquer lugar ao longo do caminho do sinal.

Um estágio duplo tríodo cuida da amplificação, enquanto a fase de saída de amplificação de tensão é passivamente feita com um transformador de áudio toroidal patenteado e projetado pela própria Nagra, e fabricado por eles. Tornando o grau de verticalidade de produção altíssimo.

Eles são acoplados através de uma bancada de capacitores de filme medida e selecionada após longas sessões de audição. O sinal

de áudio do pré HD Preamp não passa por qualquer tipo de potenciômetro. Em vez disso, o ganho total é ajustado aos transformadores especiais cuja a relação de tensão é controlada digitalmente (outra patente já requerida pela Nagra), através de um microprocessador. A variação é de -80 dB a 0 dB em uma base de degraus de 0,5 dB.

A saída do HD Preamp fica ‘flutuando’ através do transformador de áudio, portanto, sem nenhum loop de aterramento.

O primeiro prêmio veio já no lançamento na CES de 2018, outorgado ao engenhoso controle de volume, pela sua brilhante e criativa evolução tecnológica. No texto publicado pela CES em conjunto com a Nagra, a empresa explica: “A amplificação de tensão é feita passivamente com transformadores de áudio toroidais blindados, cuja taxa de tensão é variável e controlada digitalmente. A variação da taxa de tensão é feita comutando os vários enrolamentos dos transformadores. Vários relés são utilizados para este fim, enquanto o circuito alternativo de controle de volume ignora os transformadores e os enrolamentos que estão sendo comutados, impedindo qualquer tipo de ruído de comutação. Com esta técnica simples, porém revolucionária, o sinal de áudio permanece intacto a conversão

de tensão-corrente ocorre através do transformador. A transferência de energia fica muito próxima do ideal. Sendo totalmente diferente de qualquer controle de volume baseado em resistor, pelo fato que, nessas tecnologias, parte do sinal é transformada em calor pela resistência atenuante”.

Além desta engenhosa solução, a Nagra disponibilizou dois controles de volume motorizados (um para cada canal) que seguem os passos um do outro. Assim que tocar em qualquer um dos volumes, o outro corresponderá ao que você está movendo. Para ajuste fino do balanço entre os canais, você pode desbloquear temporariamente um controle para compensar o outro, e, em seguida, o outro voltará a acompanhar o deslocamento.

DESCRÍÇÃO DOS CHASSIS

O HD Preamp utiliza dois chassis separados, um totalmente dedicado ao circuito de áudio e o outro batizado de HD PSU, a nova fonte.

A linha Classic, para sanar problemas de vibrações externas, disponibiliza suas bases VFS (leia mais detalhes no teste do amplificador Classic que será publicado na próxima edição). Porém, com o



peso do novo pré HD e sua fonte e com seus gabinetes com maior área de placas de alumínio, os engenheiros precisaram rever o conceito e chegaram à conclusão que o ideal para a linha HD seria um conceito ‘flutuante’, em que os componentes dentro dos gabinetes estivessem desacoplados do solo. Da teoria à prática, chegou-se a um gabinete com quatro hastes inseridas em quatro pilares metálicos pesados e rígidos. Com pés ajustáveis em cada canto do chassi, as hastes são mecanicamente isoladas do pilar com material de amortecimento, de modo que não tem nenhum contato direto metal/metal entre as hastes e os quatro pilares. Uma solução engenhosa e de resultados práticos muito convincentes. Já os pilares são fixados a uma base de VFS para uma referência mecânica estável. Os pés de cada chassi são macios, para permitir que os dois fiquem empilhados.

Ambos gabinetes são feitos de alumínio usinado, e a frente e as costas em painéis de alumínio mais grossos (14 mm). Internamente foi colocado um outro chassi de lâminas mais finas, tornando o gabinete ultra rígido. Os pés de ambos gabinetes são feitos de sorbothane e a densidade e espessura só foram definidos após longas sessões de escuta. Os parafusos existentes nos gabinetes foram desenhados e colocados em pontos estratégicos para distribuir inteligentemente para as cargas mecânicas, para que nenhum pico de ressonância apareça em nenhuma frequência audível (afinal estamos falando de um pré valvulado).

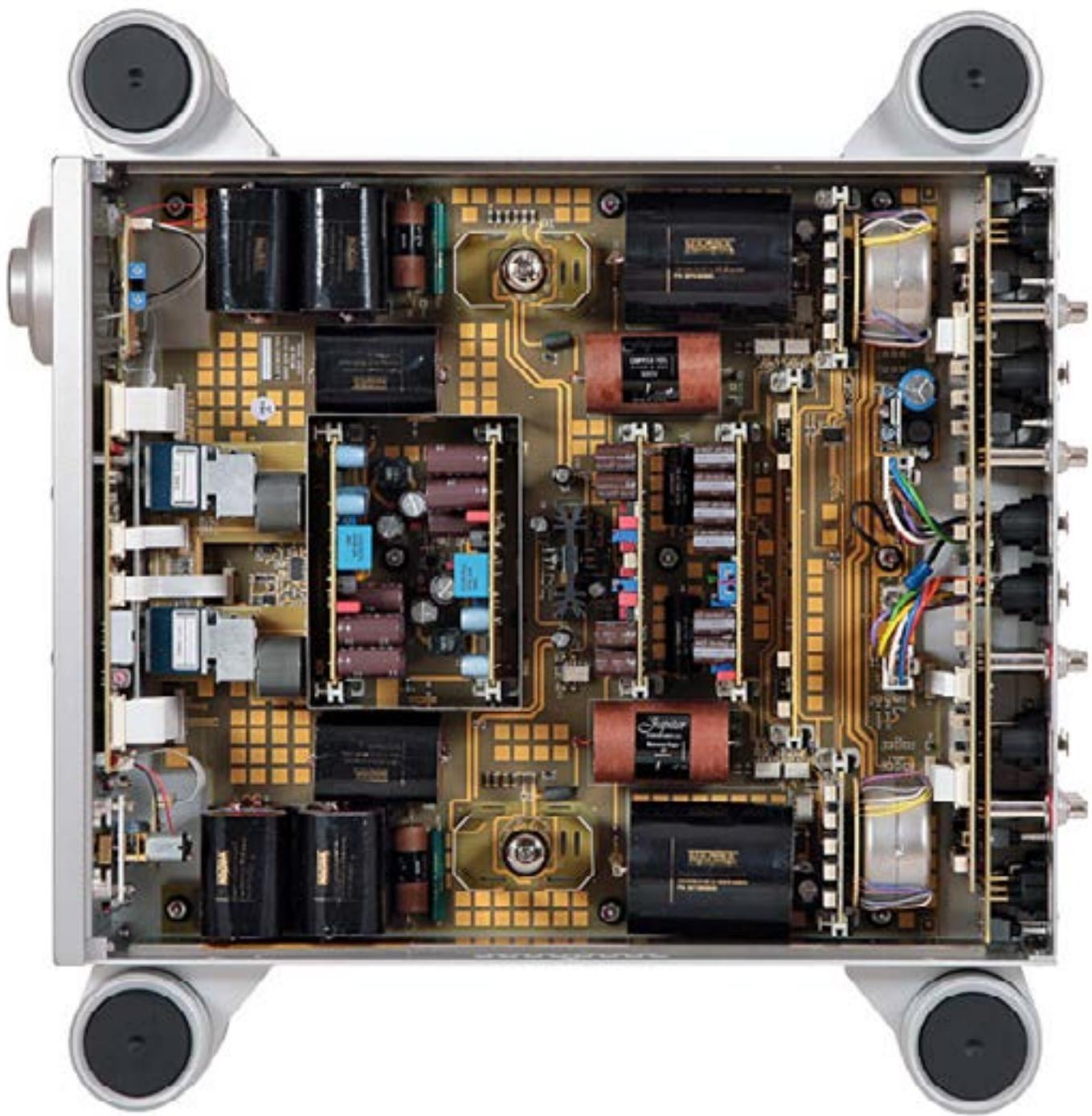
Tanto a altura quanto a horizontalidade de cada chassi são ajustados girando cada pé em torno da coluna.

No painel frontal do chassi do pré HD temos, à esquerda, o interruptor de intensidade de luz do modulômetro - é o nome do VU de todos os produtos Nagra - sendo que, para cima, o usuário terá maior intensidade de luz, e para baixo menor intensidade. A Nagra disponibiliza 7 níveis de intensidade. O modulômetro indica o nível de entrada ou saída em dB (referência 0dB= 1V). Depois temos o interruptor de seleção de monitoramento entre o nível de entrada e de saída. Seguido, o controle de volume esquerdo e direito. Sincronização dos dois controles de volume, interruptor de Mute com um LED para lembrar o usuário que o mesmo está acionado. Outro LED de lembrete que o pré está em aquecimento de 2 minutos e meio para a estabilização dos circuitos e das válvulas (este processo é inerente toda vez que o pré é desligado), e a chave de escolha entre as entradas RCA ou XLR. Depois o seletor de liga/desliga e as opções de entradas.

No painel traseiro temos as saídas XLR e RCA, e bypass XLR, tomada IEC, ponto externo de aterrramento, e 3 entradas RCA e 2 entradas XLR. Além de entradas RS-232 (para uso de automação), e os terminais dos dois cabos que necessitam ser conectados à fonte de alimentação HD PSU.

Esta longa descrição foi necessária para que o amigo leitor tenha uma ideia do esmero e o requinte de todas as etapas no





Nagra HD Preamp

desenvolvimento deste novo pré de linha. Seu acabamento é deslumbrante e, para se entender a razão de existir uma legião de audiófilos em todos os continentes apaixonados pelo ‘efeito Nagra’, somente tendo a oportunidade de um contato tátil/auditivo para ‘assimilarmos’ essa enorme veneração!

Sem esse contato com o produto Nagra, qualquer tentativa de descrever suas qualidades será o mesmo que explicar o sabor do Cupuaçu para quem nunca sequer viu uma foto desta fruta tão peculiar da região norte deste Brasil.

Gostei da introdução do revisor crítico de áudio da Hi-Fi News, que se defendeu das possíveis críticas ao preço do Nagra HD Preamp ao lembrar aos seus leitores que os jornalistas do mercado automotivo não precisam iniciar sua avaliação pedindo desculpas aos leitores pelo preço da nova Ferrari que estão avaliando. No entanto, nós revisores críticos de áudio temos que ‘pisar em ovos’ ao descrever as qualidades de um produto de nível superlativo, como se fossemos ‘culpados’ pelos seus valores. Como se este mesmo fenômeno não acontecesse no mercado de joias, relógios, canetas, vinhos, etc.

Com a idade, acabei com essas ‘milongas’, afinal compra quem quer e quem pode. E quem não pode, como eu, agradece a oportunidade de poder conviver com ele por três semanas. Este pré de linha deixará muitas ‘cicatrizes’, tanto na memória de curto como na de longo prazo. Posso afirmar que nada mais será como antes, principalmente ao se avaliar outros pré-amplificadores também considerados Estado da Arte, depois deste Nagra. Pois, para ser extremamente honesto com vocês leitores, colocar o Nagra HD Preamp no mesmo nível que os melhores que já tive a oportunidade de testar, ouvir e ter, é uma enorme injustiça para com ele. Pois até o simples fato de definir sua sonoridade é um enorme desafio. É o pré-amplificador valvulado que menos soa como válvula, e ao mesmo tempo passa ao ‘largo’ de soar como um pré estado sólido. Seria preciso criar uma nova classe para poder tentar explicar sua assinatura sonica e todos os seus predicados sonoros.

Com todos os anos dedicados a ouvir equipamentos e compartilhar minhas observações com vocês, meu conhecimento, falta-me palavras que o descrevam de forma simples, objetiva e direta. Então terei que seguir um caminho mais tortuoso para conseguir levar até vocês minhas observações. E deste mosaico de imagens sonoras, espero humildemente que algumas sejam entendidas.

Todos sabem da minha enorme admiração e respeito por pré-amplificadores (de linha e de phono). São, na minha opinião, os produtos que exigem uma expertise e um conhecimento acima do comum dos projetistas mais capacitados. São tantos desafios e obstáculos que até a escolha de que caminho seguir é torturante, pois é preciso levantar todos os prós e contras, muito antes de definir nicho de mercado e preço final do produto.

Imagine pegar um sinal na entrada ínfimo, amplificá-lo sem perda da fidelidade do que entrou e entregar este sinal ao próximo estágio de amplificação sem adulterar nada. E sabendo que existem grandes vilões no meio do sinal chamados potenciômetro, resistores - ou seja lá que topologia o projetista tenha escolhido para monitorar o volume - que irão influir diretamente no sinal, alterando de forma sutil ou não todo o sinal até aquele ponto.

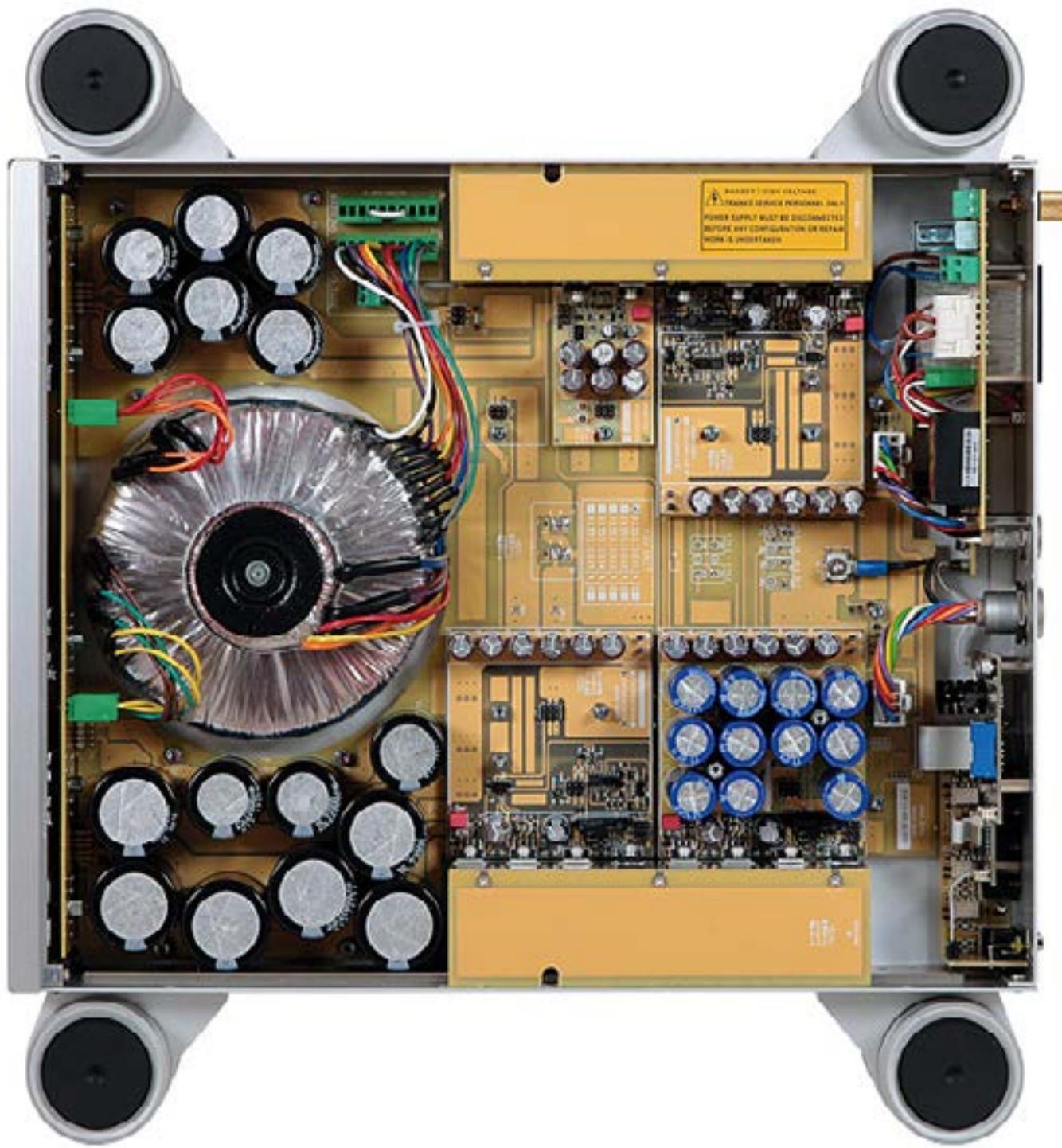
Já vi e ouvi tantas soluções distintas e criativas que até já havia aceitado resignadamente que as opções dos melhores prés eram o que tínhamos de melhor para o momento. Algumas bastante engenhosas, como do pré da CH Precision, o do Dan D’Agostino (pré que é minha referência atual), dos prés top de linha da japonesa Accuphase (que também utilizei como referência) e, com certeza, pelo menos mais uma dezena de prés Estado da Arte que buscaram as melhores soluções para tão tortuoso problema.

Conseguiram contornar o problema? Claro que sim, alguns de forma muito correta e por vencer este desafio se tornaram referências em sua categoria.

Um ditado popular sempre nos lembra que nossa referência de branco é perfeita até que apareça o branco ainda mais alvo! Ou adoramos os lençóis de nossa cama de 200 fios até dormirmos com os de 400 fios! O ser humano é mesmo um ser inquieto e ávido por descobrir novas maneiras de avançar naquilo que já está consagrado e bem definido.

Pois o pré da Nagra HD é este salto, que coloca tudo que achávamos perfeito de pernas para o ar e não nos permite voltar à ‘normalidade’ após conhecê-lo. O choque foi tão visceral, que para poder voltar à minha rotina de melômano, me poupei de ouvir alguns discos ‘de cabeceira’ nele, pois sabia que os ouvir depois no meu sistema seria impossível. E não falo de detalhes de maior transparência ou de conforto auditivo. E sim de realismo e naturalidade. Este é o ponto crucial que separa todos os grandes prés do Nagra HD: seu grau de realismo e naturalidade. Todas as outras qualidades estão intrínsecas, neste duplo alicerce. Como em uma sólida construção, todo o resto se ergue nesta plataforma. Seja o equilíbrio tonal, as texturas, soundstage, transientes, dinâmica, etc. Se queres realmente alcançar o nirvana sonoro, depois de ouvir este pré em condições ideais, você irá perceber as diferenças entre a física de Newton e de Einstein.

Para nós que aqui estamos neste planeta, a Lei da Gravidade, além de correta, pode ser sentida todos os dias de nossa existência. Mas quando ampliamos este microuniverso que sentimos e vivemos para a imensidão do cosmos, precisamos nos ater às leis da Teoria da Relatividade restrita, para entender e explicar os fenômenos cósmicos que nos cercam. ▶



Nagra HD PSU

E aí compreendemos que a Terra, o nosso minúsculo e lindo planeta, é parte destas leis mais abrangentes de tempo e espaço. Desculpe ter ido tão longe, caro leitor, mas para entender o Nagra HD é preciso também entender que todos os 8 quesitos da Metodologia ele ‘executa’ melhor que todos os outros prés semelhantes e concorrentes, por ele ter como base algo que seus concorrentes ainda não alcançaram: realismo e naturalidade!

Seu grau de realismo e naturalidade é tão superior, que os quesitos inerentes a este contexto - para a avaliação auditiva - se fazem de forma tão confortável e com tanta folga, que parece que os outros se esforçam para conseguir realizar o seu trabalho corretamente, enquanto o Nagra o faz com os pés nas costas!

Achava eu que a soma dos oito quesitos de nossa Metodologia é que determinava o grau de realismo e naturalidade de um equipamento Estado da Arte. E descubro, aos sessenta e um anos de idade, que é justamente o contrário. Os cuidados em todos os detalhes e em todas as fases de desenvolvimento e a percepção de que se pode ir além do que já foi feito, é o que solidifica este novo patamar. Elevando o grau de reprodução eletrônica à um novo estágio.

Os audiófilos já escutaram tantas vezes que o produto ‘n’ venceu a fronteira final tantas vezes que, como a história do Menino e o Lobo, ninguém mais acreditou quando o menino, à plenos pulmões, gritou que agora era o lobo de verdade!

Somos bombardeados por um arsenal de marketing tão impiedoso que deixamos até de prestar atenção ao que as empresas nos oferecem como a última e mais incrível novidade.

Estamos anestesiados por tanta informação falsa e verdadeira que esquecemos de dar crédito a informações que nos indicam que determinado produto realmente é distinto de todos os seus concorrentes.

Acompanho a linha HD da Nagra desde seu lançamento, e ainda que os testes e apresentações nos Hi-End Shows pelo mundo sejam muito elogiosos, e as salas da Nagra tenham ganho muitos prêmios de melhor sistema do evento, nada disto foi o que me chamou mais a atenção. E sim o que vinha nas entrelinhas das matérias, que de forma unânime relatavam ser esta linha HD detentora de uma assinatura sônica “distinta” de outros grandes produtos.

Quando você é um articulista de áudio, rapidamente você entende o que outros articulistas deixam transparecer em seus textos, quando um produto os agradou muito. Não falo dos adjetivos explícitos, mas de termos ou analogias que são bastante contundentes, principalmente se o articulista for um cara ‘rodado’ e que já recebeu os melhores produtos em sua sala de audição.

Vou mostrar alguns exemplos. Ken Kessler, que escreveu o teste do pré HD para a revista inglesa Hi-Fi News, dá várias ‘pistas’ aos

seus leitores do quanto gostou deste pré. Ele começa sua avaliação compartilhando sua admiração desde o primeiro instante com o produto, e narra este momento da seguinte maneira: “Mesmo para um veterano como eu, a sensação de ocasião era palpável. Demorou, oh, três segundos para perceber que eu estava na presença de algo especial”. Mais adiante, ele abre um novo parágrafo com o subtítulo “Efeito Bola de Neve”, para descrever o efeito que saiu de sua caixa de referência, e escreveu: “Fiquei perplexo, pois aqui havia um pré-amplificador com um som tão quente como se Harvey Rosenberg tivesse descido do céu - quando o material exigiu, havia uma exuberância que devia ser o resultado desses E88CCs” - as válvulas do estágio de amplificação do pré da Nagra.

‘Veteranos’ na avaliação de produtos de áudio, que já ouviram de tudo, costumam ser bastante

comidos com produtos bons e ótimos, e precisa ser algo como um ‘ponto fora da curva’ para os levarem a sair de suas ‘tocas’ e compartilhar sua descoberta como seus leitores. Se você se interessar, leia também outros testes da linha HD e verá que este encantamento é bastante evidente.

O que significa isto? Como o leitor que está do outro lado da linha, recebe essas informações? Eu realmente não sei, pois com o aumento exponencial do nosso público, toda esta nova legião de leitores provavelmente deva olhar tudo que aqui foi escrito a respeito deste pré-amplificador como se estivesse folheando um artigo de ficção científica. Mas, para os nossos leitores que acompanham a revista há muitos anos, acredito que o desejo de ouvir este produto tenha crescido, pois ainda que seja fora da minha e sua realidade, meu amigo, ter a chance de desfrutar por algumas horas da companhia deste pré-amplificador fatalmente mudará por completo sua maneira de ‘perceber’ o que significa um produto Estado da Arte de nível superlativo.

As consequências são imediatas, pois se for um audiófilo ou melômano que tenha a cultura de música ao vivo não amplificada, ele reconhecerá imediatamente características muito consistentes de uma apresentação muito mais próxima do real, como ele nunca antes ouviu em sistema algum (mesmo que ele tenha um mega sistema até semelhante em preço ao Nagra). E esta apresentação se torna única, por causa do que já escrevi acima: maior realismo e naturalidade!

Os desdobramentos são todos audíveis, mas o mais impressionante é o tamanho do soundstage deste pré. As caixas não somem da nossa sala, por estarem bem posicionadas e serem excelentes em reproduzir planos nas três dimensões (altura, largura e profundidade), mas sim pelo fato deste pré ter uma capacidade de expandir a ambiência e os planos como nenhum outro pré consegue nesta ➔

SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO
REDE
SEGURANÇA
ACÚSTICA

HOME THEATER
ÁUDIO HI-END
VIDEOCONFERÊNCIA
ENERGIA FOTOVOLTAICA

FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB



ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

hificlubautomacao

(31) 2555 1223

comercial@hificlub.com.br

www.hificlub.com.br

R. Padre José de Menezes 11
Luxemburgo · Belo Horizonte · MG

Empresa do
Grupo Foco BH



proporção. E não se iludem que ele faça isto com algum truque de turbinar o tamanho (corpo) dos instrumentos. Pelo contrário, o corpo harmônico também é o mais realista de todos os prés que ouvimos ou testamos.

Então como se dá este fenômeno de um palco tão realista? O incrível silêncio de fundo, meu amigo. Volte alguns parágrafos e leia o que descrevo sobre a obsessão dos engenheiros de conseguirem o menor ruído possível de fundo, para justamente ‘libertar’ o sinal de qualquer tipo de amarra.

Mas, prossigamos nas vantagens desse baixo ruído: a recuperação de microdinâmica é a mais impressionante que pudemos ouvir. Não teve um único disco da Metodologia que não nos surpreendeu pelo detalhamento e pela capacidade de resgatar o que parecia inaudível! Só que este descobrimento ‘arqueológico sonoro’ não se dá às custas de uma perda de naturalidade ou musicalidade, pois tudo cresce na mesma proporção (soundstage, microdinâmica, foco, recorte, ambiência).

Imagine novamente pintarmos oito pontos referentes à metodologia em uma bexiga. Milimetricamente distantes um ponto do outro, usando cores distintas para maior visualização desses pontos (bexiga branca, equilíbrio tonal amarelo, soundstage vermelho, textura azul, transientes verdes, dinâmica vermelho, corpo harmônico preto,

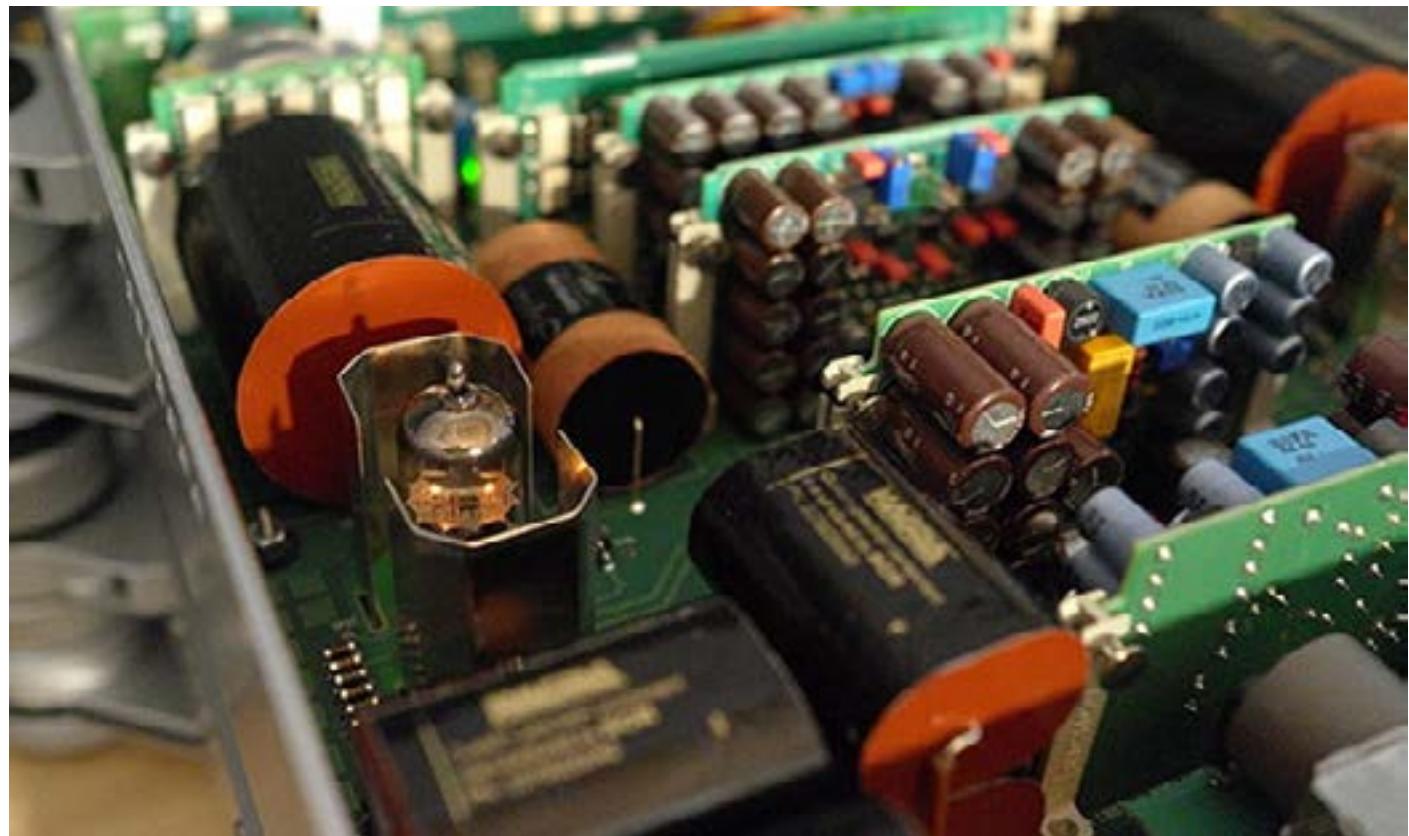
organicidade lilás, e musicalidade cinza) em um sistema Diamante de entrada, conseguimos com um pouco de esforço separar os pontos, entre eles, para 3 cm. Em um sistema Diamante de Referência, com um pouco mais de esforço, ampliamos a distância entre os pontos para 4 cm. Em um sistema Estado da Arte, fazendo quase que um esforço hercúleo, passamos a ter estes pontos a 6 cm de distância entre eles! E neste Nagra, apenas ligado a excelentes pares Estado da arte (como foi o nosso caso): 10 cm!

Quanto chegaríamos em um sistema Nagra todo HD? Também gostaria de ter esta resposta meu amigo, mas certamente não a saberei nunca!

Usei a analogia com a bexiga e os pontos, para você ter uma ideia, de como este pré não escolhe características que sejam mais agradáveis ou ao gosto dos engenheiros da Nagra.

Na equipe de engenheiros da Nagra, temos músicos, produtores musicais e engenheiros de gravação e masterização, além de uma parceria de anos com os organizadores do festival de Jazz de Montreux, que lhes permite acesso a todas as masters das apresentações anuais.

E isto certamente explica muito a assinatura sônica de todos os novos produtos da Nagra (linha HD e Classic) que são muito semelhantes (leia o teste do power da linha Classic na próxima edição).



Não se optou por assinatura sônica que agrade audiófilos ou que seja ao gosto da equipe de engenheiros da Nagra.

Não, pelo contrário. Como o projeto foi pensado de dentro para fora e do zero, a única referência como já disse foi: realismo e naturalidade como escutamos em um acontecimento musical ao vivo!

Desculpe ser chato e bater pela terceira vez nesta tecla, mas este foi o mote, a essência da ideia, que da teoria, ganhou forma e podemos apreciar seja por algumas horas em um show room, um hi end show ou na casa de um amigo audiófilo “abonado”.

O Fabio Storelli (CEO da German Audio), me pediu para trazer alguns clientes seus para ouvir o pré da Nagra , ligado aos powers Nagra da linha Classic, junto as nossas novas caixas de referencia a Sasha DAW e as fontes digitais dCS Scarlatti e analógica Boulder 500, toca disco Storm (leia teste 3 nesta edição) e cápsula Hyperion 2 da Soundsmith. Clientes com bastante rodagem em equipamentos tops hi end e uma grande cultura musical de música ao vivo não amplificada. Independente do gosto pessoal de cada um, e suas preferencias por marcas de produtos, todos (unanimemente), compreenderam o que é este ‘ Efeito Nagra’ de naturalidade e realismo.

Aquela sensação de conforto e folga auditiva tão intenso, que não há preferência por parte do pré Nagra HD por estilos musicais ou variações dinâmicas.

Sejam um duo de violões ou uma obra sinfônica de alta complexidade e variação dinâmica e o tratamento é sempre o mesmo. Total controle e nunca se perde a compostura e o conforto auditivo, nunca! Você não vai a Sala São Paulo assistir a Sagrada da Primavera temendo que nos fortíssimos a orquestra não dê conta e o som endureça ou se torne agressivo.

Afinal salas de concerto bem construídas acusticamente, foram projetadas para suportar qualquer pressão sonora gerada nela por instrumentos acústicos.

Pois o pré da Nagra HD Preamp, também foi preparado para esses desafios de variações dinâmicas.

Deem uma gravação bem-feita, no volume correto da gravação e os powers e as caixas suportarem, não haverá nenhum sobressalto ou decepção. Nenhum ranger de dentes ou lágrimas de sangue.

E senhores o Nagra HD não foi testado com seus melhores powers os também HD com o dobro de potência do Classic. Então fiquei pelo resto dos meus dias imaginando como soariam a Abertura 1812 ou a Sinfonia Fantástica, nas caixas Alexx da Wilson Audio (me daria por satisfeito com esta, não precisaria ser a Alexandria XLF) e os monoblocos HD.

Como diria meu pai; “Imaginar não se paga nada”!

Para os que duvidam da capacidade na reprodução de dinâmica desta linha Nagra HD, sugiro que ouçam em um bom fone de ouvidos os vídeos feitos pela Nagra e dispostos em seu site da última feira de Munique 2019. Lá você terá um ‘leve’ gostinho do que estou tentando descrever e relatar que ocorreu em nossa sala de referências com um sistema, bem mais modesto que o utilizado em Munique! Um dos quesitos mais críticos de nossa metodologia para qualquer pré-amplificador em teste, é o equilíbrio tonal nas altas. Dificilmente testamos um pré que tivesse excelente extensão, com decaimento correto, que em muitas gravações o agudo na última oitava de determinados instrumentos como: violino, trumpet, flautin, vibrafone e piano, não tragam um certo desconforto de endurecimento ou sensação de frontalidade nesta última oitava.

Já escrevi a este respeito centenas de vezes nesses 23 anos. Em inúmeras seções e nos próprios testes. O que os fabricantes de prés fazem para contornar este problema de tão difícil solução?

Diminuem a extensão e aceleram o decaimento, para contornar ou atenuar o problema.

E o audiófilo o que faz? Tenta amenizar ou esconder debaixo do tapete o problema, com cabos, fonte ou tweeters que não tenham muita ‘luz’ nesta região, ou em um ato de radicalização: expurgam em definitivo os discos que teimam em mostrar o problema. A questão é que todos esses ‘acertos’ além de paliativos, são feios.

E a ouvidos ‘bem treinados’ imediatamente detectam a ‘gambiarra’ e tornam as audições menos prazerosas. Mesmo pré-amplificadores Estado da Arte renomados e aclamados em uma ou outra gravação (principalmente de piano solo), dão suas escorregadas.

Nas três semanas, eu coloquei uma centena (literalmente) de gravações de todos os instrumentos que citei, e o Nagra HD para o nosso espanto, passou em 100% das gravações com louvor!

Aí alguém grita: Peraí, perai! É um pré valulado!

Prés valulados contornam este problema mais facilmente, pois por topologia, tem menos extensão!

Desculpe meu amigo, volte algumas páginas atrás e leia o que escrevi, sobre a dificuldade de determinar a assinatura sônica do Nagra HD, pois ele não soa como valulado e muito menos estado sólido. E para nos deixar ainda mais sem chão: possuem a maior extensão e o decaimento mais natural (olha aí de novo), que qualquer pré que já tivemos ou testamos.

E não é um pouco mais de extensão, é muito mais extenso. E seu decaimento é absurdamente lento e de uma precisão cirúrgica! Você escuta os decaimentos dos instrumentos na sala, até a volta do silencio absoluto. Dando-nos a oportunidade de apreciar o acontecimento musical literalmente na íntegra, tanto em termos de

performance como de ideia. Possibilitando uma nova perspectiva também na nossa forma de ouvir e compreender o que escutamos.

Senhores vejam quantas palavras recorri para explicar o que este pré-amplificador possui de diferenciado e como ele forçará a concorrência a se mexer e sair de suas zonas de conforto.

Trata-se de uma revolução que não será nada silenciosa e os próximos atos serão muito interessantes de conhecer. Pois como na fórmula 1 e na corrida aeroespacial, a dinâmica do hi end é bastante semelhante. Nada se mantém por muito tempo sem a concorrência a morder o calcanhar do que se encontra na frente. No entanto, arrisco dizer que a Nagra está alguns passos de vantagem por dois motivos: seu grau de verticalização em seus projetos, que permitem uma autonomia e uma menor dependência de fornecedores e seu staff de projetistas, o que lhes dá uma referência do que buscar, que poucos possuem (de cabeça, na Suíça, somente o fabricante de caixas acústicas Boenickie possui este expertise e também atua nas duas frentes (engenheiro de desenvolvimento de produtos e de gravação).

Se vocês acham pouco ter esta capacidade de se referenciar pela música ao vivo, para o desenvolvimento de produtos hi-end, sugiro

que ouçam com mais atenção a assinatura sônica desses fabricantes com as dos fabricantes que vocês mais apreciam. Independentemente de suas conclusões você perceberá que os equipamentos 'desenvolvidos por esta 'linha mestre', são muito mais condescendentes com as gravações tecnicamente inferiores e as gravações primorosas soam com um grau de musicalidade sublime!

A diferença, dos fabricantes de áudio hi-end que seguem este 'norte' é abissal em relação aos que apenas se esforçam em aprimorar suas topologias já existentes.

Pois saber como um instrumento ao vivo soa, e transportar essa referência para a reprodução eletrônica é um feito e tanto, almejado por muitos fabricantes, desde que a alta fidelidade nasceu! E atingir este grau de fidelidade que a Nagra conseguiu para seus novos produtos é um feito ainda não alcançado por nenhum outro fabricante de equipamentos eletrônicos Estado da Arte.

Não neste nível de refinamento e musicalidade!

Se puderem por uma hora, ouvir este pré-amplificador, não deixe de fazê-lo meu amigo.

Garanto que todas as suas convicções audiófilas, que você tanto preza, ruirão como castelos de areia!





ESPECIFICAÇÕES

Saída máxima (<1% THD)	13V (balanceado)
Entrada máxima (<1% THD)	13V (balanceado)
Impedância (20 Hz - 20 kHz / 100 kHz)	71-73 Ohms / 90 Ohms
Resposta de frequência	20 Hz - 20 kHz / 100 kHz (+ 0,15 a - 0,0 dB / + 0,5 dB)
Sensibilidade de entrada (0 dBV)	525 mV (entrada RCA / saída XLR)
Relação Sinal / Ruído (0 dBV)	160 dB
Distorção (20 Hz - 20 kHz, 0 dBV)	0.0056 - 0.0135%
Consumo de energia	38 W
Dimensões (L x A x P)	438 x 121 x 396 mm
Peso	30 kg (total)

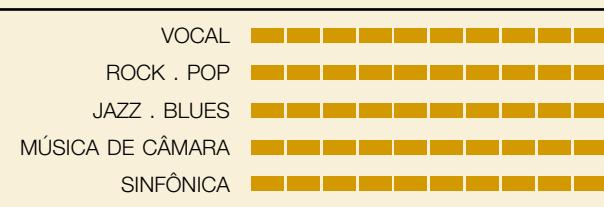
PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Fora da realidade de 99,99% dos mortais.

PRÉ-AMPLIFICADOR NAGRA HD PREAMP

Equilíbrio Tonal	15,0
Soundstage	14,0
Textura	14,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	14,0
Musicalidade	15,0
Total	110,0



German Audio
contato@germaniaudio.com.br
US\$ 98.000



ESTADO DA ARTE

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SOTJ3FQY8QE](https://www.youtube.com/watch?v=SOTJ3FQY8QE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LOBNRV6ZPMI](https://www.youtube.com/watch?v=LOBNRV6ZPMI)

AMPLIFICADOR INTEGRADO CAMBRIDGE EDGE A



Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A linha Edge, da fabricante inglesa Cambridge Audio, foi apresentada ao mundo no Hi-End Show de Munique em 2018, sendo composta por três aparelhos: o Pré DAC e streaming de música Edge NQ, o amplificador estéreo Edge W e o amplificador integrado Edge A.

O amplificador estéreo Edge W foi avaliado na edição 254 da AVMAG, e agora é a vez do amplificador integrado Edge A, no mesmo frasco do power, mas com outras fragrâncias bem mais interessantes.

O amplificador chegou lacrado, e sua embalagem é um verdadeiro bunker de guerra! A primeira camada externa é de papelão duplo de parede grossa. Ao desencaixar as presilhas plásticas que prendem tudo no lugar, descobrimos uma segunda caixa de papelão também de parede dupla. Perfis rígidos curvos ficam nas laterais para proteger a preciosa carga de impactos laterais. Mas isto não é tudo: o Edge A é envolto em um fosso de borracha expandida esculpido à

sua imagem e semelhança, onde ele repousa protegido. Além disso, os dissipadores e o tampo são protegidos com um anel de silicone espesso e também por uma capa de tactel, fechada por um zíper e selada com um lacre.

Todos estes mimos em sua embalagem não são um exagero, já que o monstrinho, no bom sentido, pesa 24 quilos! E, como é um produto de classe mundial, precisa mesmo cercar-se de todo cuidado. Ao destrinchar a embalagem do Edge A, pude constatar uma coisa que talvez poucos dessem valor: sua embalagem se equipara à embalagens dos aparelhos mais luxuosos do mercado, e quando digo isto não levo em consideração os aparelhos que utilizam caixa de madeira, pregos e cintas de aço. Refiro-me as jóias raras de verdade, não devendo nada em qualidade de embalagem aos dCS Vivaldi, por exemplo. Na verdade a embalagem é até melhor.

Passada a euforia com a embalagem, volto a observar o aparelho em si e novamente sou surpreendido com o que os engenheiros e ➤

designers da Cambridge fizeram. O Edge A trabalha em Classe XA que, segundo a fabricante, desloca o ponto de cruzamento para fora da faixa audível, conferindo ao Edge A níveis de silêncio de fundo e de distorção harmônica de alto nível. Outra peculiaridade da topologia é a eliminação de capacitores na etapa de amplificação. Com isto os Edges não sofrem com variações de assinatura sônica por lote do componente, nem com a deterioração dos mesmos ao longo dos anos de trabalho.

O amplificador é uma usina de força com dois transformadores toroidais simetricamente alinhados que, segundo a Cambridge, cancelam a interferência eletromagnética entre eles. Sua potência é de 100 W em 8 Ohms e 200 W em 4 Ohms.



No painel frontal, apenas o botão liga/desliga, o grande knob de volume e seleção de entradas. O anel interno do botão seleciona entradas e o anel externo gerencia o volume. Mais uma entrada para fone de ouvido (recomenda-se impedância entre 12 e 600 ohms) e só, nenhum botão a mais.

A grafia do painel frontal é feita em baixo relevo com uma perfeição e elegância jamais vistos em qualquer outro aparelho da marca - não contém um errinho sequer, e nem no power Edge W nem no Edge A pude perceber qualquer rebarba nas bordas de cada letra, é um nível de acabamento surpreendente.

Da escolha do tom cinza matte dos painéis frontal, traseiro e do tampo superior, aos discretos dissipadores laterais em preto que desaparecem ao olhar o aparelho de frente, ao chassi feito em aço reforçado capaz de suportar seus 24 kg de peso total, tudo foi pensado com extremo cuidado, elevando a forma e função a um novo patamar em sua categoria.

Na parte traseira as entradas são bem sinalizadas, com a escrita tanto de cabeça pra cima como para baixo. Não tenho certeza se isto ajuda, mas está lá e com certeza pode ser considerado um mimo super bem-vindo.

O Edge A possui uma entrada USB 2.0 que suporta PCM de até 32-bit / 384 kHz e DSD256. Não é possível reproduzir faixas em

MQA, mas com o aplicativo da Tidal pode reproduzir arquivos MQA até 24-bit / 96 kHz. Possui entrada Bluetooth 4.1 aptX HD (antena fornecida), duas entradas ópticas Toslink 24-bit / 96 kHz, e uma entrada coaxial digital S/PDIF 32-bit / 192 kHz.

Na parte analógica temos uma entrada balanceada XLR e duas RCA, saídas pre-out XLR e RCA. Entrada RS232 para automação, entrada HDMI-ARC para retorno do áudio da TV, e minijacks Link-In/Out de 12 Volts.

Na parte traseira existe uma chave comutadora que merece uma atenção especial. O aparelho vem ‘setado’ para desligar automaticamente caso fique por um período de tempo sem sinal vindo da fonte. Para quem está amaciando o aparelho é um verdadeiro tormento! Então, para não passar raiva, não se esqueça de mudar a posição da chave.

O momento ‘ahhhh!’. Fica por conta de dois pontos que, na minha opinião, a engenharia deixou passar despercebidos. O primeiro é a localização do terminal de caixa direito, que fica logo acima do plug IEC fêmea. Isto não é um grande problema, é mais um incômodo, pois se precisar utilizar um cabo de caixa acústica com terminação spade, será obrigado a utilizar o cabo de cima para baixo e não de baixo para cima, como é comumente utilizado. Para quem tem TOC será um tormento: ou deixa um lado para cima e outro para baixo, ou deixa os dois cabos para cima despontando na carcaça do aparelho. O engraçado é que tomaram cuidado para que a antena Bluetooth não ficasse aparecendo, mas aí o cabo de caixa - se for spade - fatalmente aparecerá.

A segunda pisada na bola é a falta de uma porta Ethernet. Decidir-se pelo Bluetooth e não pela Ethernet LAN é subestimar o poder de percepção auditiva e o nível de exigência a qual o futuro comprador do Edge A está acostumado. Está bem... o Bluetooth cumpre o papel de conectar os aplicativos de música, mas sabemos que o streaming de música via cabo de rede é infinitamente melhor que o Bluetooth. A saída então seria adquirir o NQ, último membro da família Edge: com ele é possível ter um streaming de música mais compatível com a qualidade que se espera do integrado.

O controle remoto é feito em alumínio usinado, pesado e robusto, e nem ele escapou do um mimo: a sacolinha é feita de plástico siliconado, dá até dó de utilizar, peguei um uma embalagem comum ensaquei controle e deixei o ‘toque de seda’ quietinho na caixa.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos ligados ao amplificador integrado Cambridge Edge A. Fontes: CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30, Notebook Samsung com JRiver. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Reference e Quintessence Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Quintessence Magic Scope ➔



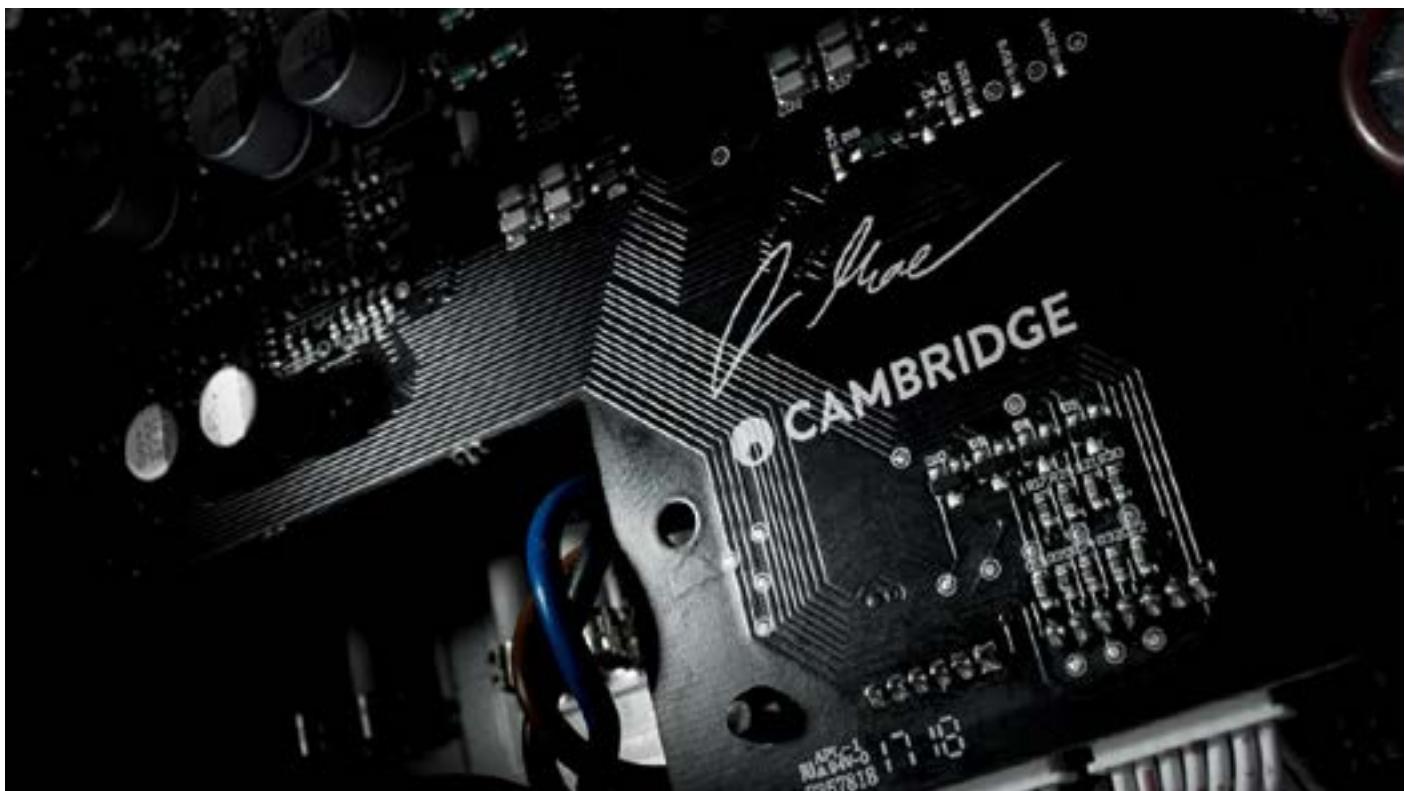
RCA e Coaxial digital, Sax Soul Zafira III XLR, Sax Soul Ágata USB, e Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Dynaudio Emit M30, Neat Ultimatum XL6.

O amplificador Edge A é um aparelho pesado, ele não pode ficar em qualquer prateleira pois seus quase 25 kg empenam a maioria

dos racks comuns existentes no mercado. Sem contar que ele precisa de bastante espaço para ventilação, já que o calor emanado dele é de um típico classe A. Dito isto, vamos ao que interessa de verdade: como toca.

Aquela máxima de que a primeira impressão é a que fica não vale para o Edge A. Seus primeiros sons são literalmente horíveis. Som ➤

Sax Soul Cables
Extraia todo o potencial do seu sistema.



abafado, sujo, fanho e embotado. A cara é de decepção. Então dei-xei tocando por 30 horas e, ao fazer uma nova audição, a frustração continuava lá - havia melhorado um pelo apenas. Mais 50 horas e, aí sim, comecei a ver uma luz no final do túnel. O som ganhou corpo, os extremos começaram a se soltar e os médios a recuar e ganhar textura. Se o(a) amigo(a) tem mais de uma fonte, sugiro deixar todos amaciando juntos, pois a cada nova entrada utilizada volta-se para a era da escuridão: o som é muito parecido com o do início das primeiras audições, seja digital ou analógica - precisa paciência para amaciar tudo.

Após o amaciamento, iniciei as audições com o disco Hadouk Trio - *Air Hadouk*, faixas 11 e 12, justamente para entender melhor a extensão nos decaimentos que antes eram pequenos e de pouca duração. Diria que foi um milagre! Os decaimentos agora tinham uma ótima extensão e timbres bastante corretos. Não havia fadiga na faixa 12, onde o percussionista ou baterista não sabe deixar os pratos quietos nem por um segundo! Tem pelo menos dois ou três pratos soando ao mesmo tempo. Antes do primeiro silenciar, outros dois pratos estão iniciando em seguida.

Com isto pude perceber como o Edge A lida com as altas freqüências. Seu silêncio de fundo nesta região não nos deixa sentir fadiga mesmo em condições tão adversas como nesta faixa.

A textura dos outros instrumentos são as melhores possíveis, as camadas e silêncio em volta de todos os instrumentos musicais nos

dão uma noção minimalista da intencionalidade de cada músico. O palco é largo tem boa profundidade e um foco muito bom. O Hammond não ficava indo e voltando ou só aparecia nas passagens de maior dinâmica - que seria um sinal claro de falta de foco. Nem tudo são flores, claro que não. O palco é largo, mas não tem tanta profundidade como se espera de um aparelho deste quilate, é um pouco mais apertadinho do que deveria. A região médio-grave parece um pouco de calor para que as texturas das regiões média e grave sejam mais confortáveis, tudo fica bem justo sem sobras. Não podemos esquecer que esta é mais uma característica da sonoridade Cambridge do que um defeito. Portanto é preciso levar isto em consideração no momento da audição.

Utilizando o Edge A pelo computador as surpresas são muitas. Seu DAC interno é bastante refinado e responde bem a troca de cabos. O Ágata USB casou maravilhosamente bem com ele, já que um grande atrativo deste cabo é justamente sua região média e alta mais doce e as texturas mais eufônicas. O Curious deixou o som mais cirúrgico com uma pegada incrível, mas perdeu um pouco da beleza nas vozes femininas. O mesmo acontece quando retira o Zafira III XLR: o som ganha umas coisas e perdem outras, é uma questão de gosto do freguês.

Rodei arquivos ISO pesados 'ripados' de vinil, e outros nativos DSD256 com um pé nas costas. Em nenhum momento houve 'travadinhas' por excesso de tráfego de informação.

Com o Bluetooth HD tudo roda liso sem problemas, e com qualidade razoável. Achei que precisaria baixar o APP da Cambridge, mas na verdade não precisa, não. Basta emparelhar o SmartPhone e já pode usar.

O DAC interno do Edge A é um melhor que o DAC do CD-Player Luxman D06, porém com o Luxman ganha-se timbres mais confortáveis, suavidade onde precisa ser suave, mostrando que, para um casamento perfeito entre fonte digital e o Edge A, é preciso um cabo de interligação bastante equilibrado que não seja puxado para a 'digitalite'. Se escolher um cabo quente, irá deixá-lo letárgico, se for para um cabo mais analítico, as audições serão cansativas. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio certo para não 'matar' as qualidades do transporte que fará par com ele.

Ouvi com o Edge A vários fones de ouvido: Klipsch Mode 40, Sennheiser HD700 e 800, além de um Parrot. As diferenças de impedância e estilo de fones abertos e fechados não fizeram com que a parte dedicada do amplificador se intimidasse nem um pouco. Os fechados tocaram maravilhosamente bem e com bastante sobra de energia e equilibrados, já os Sennheiser foram mais exigentes. Mas, ao final, foram domados e apresentaram uma largura de palco bastante interessante, velocidade e corpo nas altas dignas dos ótimos amplificadores de fone.

CONCLUSÃO

O amplificador integrado Cambridge Edge A quebra diversos tabus dentro da própria marca, pisa em terrenos nunca antes explorados e abre uma porta que dá vista para um horizonte totalmente novo aos amantes da marca que, ao percorrer o caminho em direção ao topo do pinheiro, em algum momento precisaram abandoná-la e alçar novos voos. Hoje não mais! O Edge A é um upgrade seguro e um passo mais que consistente em direção à perfeição, se colocando entre gigantes e fazendo que todos o olhem com seriedade e respeito. ■

PONTOS POSITIVOS

Design único. Robustez e beleza na medida certa. Várias opções de conexão. Atende aos novos padrões de automação.

PONTOS NEGATIVOS

Entrada IEC poderia estar em outro local. Não possui entrada Ethernet LAN.



NOTA ADICIONAL

Amigo (a) leitor (a) deve ter percebido que na avaliação do aparelho amplificador integrado Cambridge Edge não mencionei sobre a tensão do aparelho pois, no mesmo existe uma chave seletora 120 / 240V. Porém no manual diz que esta chave não pode ser modificada, apenas a equipe técnica da Cambridge Audio poderá fazer qualquer intervenção na mesma. Questionei o fabricante por meio de seu importador quanto a questão das localidades em que se usa a tensão 220 V (muitas por sinal), o importador enviou minha pergunta à fabrica que só respondeu agora.

Pois bem, segundo o fabricante TODOS os aparelhos Cambridge Edge possuem tensão de 127 V 60 Hz (no caso do Brasil), não havendo NENHUM modelo disponível com tensão em 220 V 60 Hz. Então, a chave seletora no painel traseiro dos produtos Edge não podem ser modificadas para 220 V, apenas pela fabricante Cambridge Audio.

Fica aqui o meu muito obrigado a equipe da Mediagear pela atenção dispensada.

ESPECIFICAÇÕES	Potência contínua de saída	100W RMS em 8 Ohms; 200W RMS em 4 Ohms
	Distorção Harmônica Total	<0.002% (1 kHz, 8 Ohms); <0.02% (20 Hz - 20 kHz, 8 Ohms)
	Resposta de frequência	<3 Hz à >80 kHz (+/- 1 dB)
	Relação Sinal/Ruído	>103 dB
	CROSSTALK (@ 1KHZ)	<-100 dB
	Sensibilidade de entrada	Entradas de A1 à A2 (não balanceadas) 380 mV RMS
	Impedância de entrada	Entrada A3 (balanceada) 47 kOhm; Entradas A1 à A2 (não balanceadas) 47 kOhm
	Entradas	Balanceada, Coaxial S/PDIF, Toslink, USB Audio, não balanceadas RCA, Bluetooth, HDMI Audio Return Channel (ARC)
	Saídas	Caixas, pré, fones de ouvido (impedâncias entre 12 e 600 Ohms recomendadas)
	Entrada USB AUDIO	Entrada USB AUDIO
	Bluetooth	USB Audio Class 2.0 (até 32-bit/384kHz PCM, ou até DSD256)
	Entrada Toslink Ótica	4.1 (Smart/BLE) A2DP/AVRCP suportando até aptX HD
	Entrada Coaxial S/PDIF	16/24 bits, 32 à 96 kHz
	Consumo	1000 W
	Consumo em stand-by	<0.5 W
	Dimensões (L x A x P)	460 x 150 x 405 mm
	Peso	24.4 kg

**AMPLIFICADOR INTEGRADO CAMBRIDGE EDGE A
(UTILIZANDO DAC INTERNO)**

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	11,0
Textura	11,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	11,0
Musicalidade	10,0
Total	86,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO CAMBRIDGE EDGE A
(UTILIZANDO DAC EXTERNO)**

Equilíbrio Tonal	11,5
Soundstage	11,0
Textura	11,0
Transientes	11,5
Dinâmica	11,5
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	11,0
Musicalidade	10,5
Total	88,5



Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 36.475



TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YOSQBFGV-DI](https://www.youtube.com/watch?v=YOSQBFGV-DI)



TOCA-DISCOS ACOUSTIC SIGNATURE STORM MKII

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Sempre tive um enorme interesse em ouvir e testar os toca-discos da empresa alemã Acoustic Signature, pois dos três grandes fabricantes germânicos de tocadiscos, tive para meu uso pessoal Clearaudio e Transrotor.

Parece coincidência, mas estava justamente lendo o teste do Invictus deste fabricante, quando recebi a cápsula Soundsmith Hyperion 2 e, junto, o distribuidor enviou-me, para conhecer, o Storm MkII e o braço também deste fabricante, o TA-1000.

O amigo e colaborador André Maltese já havia me falado muito bem deste fabricante de toca-discos e enfatizado sua construção e robustez! Na hierarquia deste fabricante, o Storm MkII se coloca no meio, sendo o toca-discos que já recebe todos os benefícios dos modelos superiores a ele, e com a versatilidade de upgrades na fonte, motor, base para um segundo braço, etc.

Ou seja, pode perfeitamente ser o toca-discos definitivo de qualquer audiófilo que deseje parar de investir no analógico, mas não abre mão de todos as benesses que um toca-discos Estado da Arte oferece. Sua construção é impecável, e seus 28 kg de aço nos dão a segurança de que foi feito para durar por um século!

Dos 28 kg, entre sua base para apenas um braço (pois com uma segunda base se acrescenta mais 5 kg ao peso total), 11 kg são do prato em alumínio. O prato possui oito cilindros de cor dourada que são inseridos estrategicamente para amortecer ressonâncias que venham tanto do conjunto braço/cápsula, como do motor. Estes cilindros ressonantes foram ‘batizados’ com o sugestivo nome de Silencer.

O prato também é revestido por baixo por um material de amortecimento de uso exclusivo do fabricante. O motor, externo, é ➤

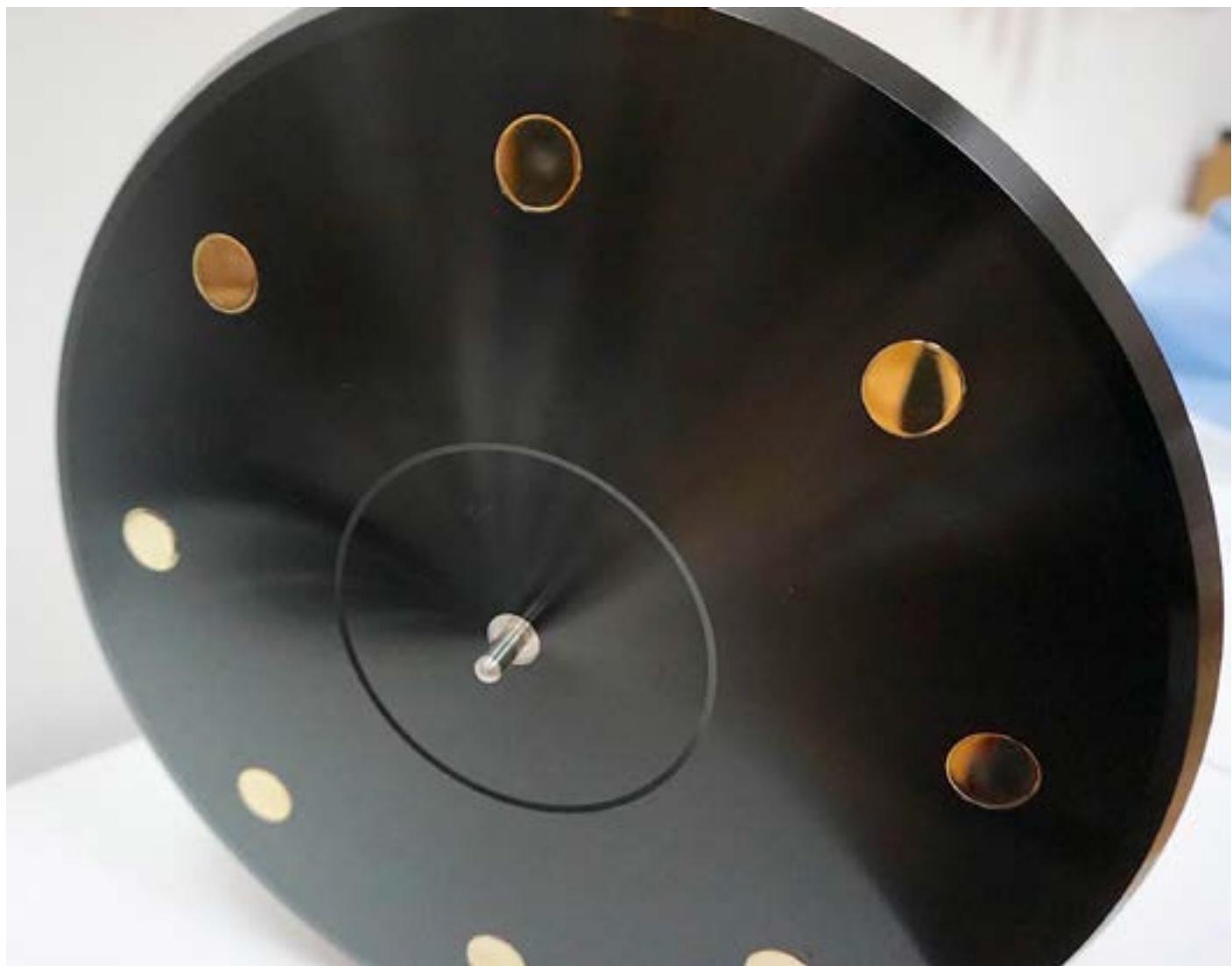
alimentado pela fonte de alimentação Beta-DIG, da própria Acoustic Signature. A empresa defende que o motor precise ter força e energia inercial suficiente para atingir a velocidade adequada do prato, mas depois da velocidade estabilizada ele não pode influenciar na rotação. Portanto, o fabricante solicita, em seu manual, que o usuário antes de passar a rotação para ouvir um disco de 45 RPM, ligue em 33 RPM e deixe a rotação se estabilizar. Depois, com um toque, em apenas 4 segundos a rotação já estará estabilizada para 45 RPM.

O prato é conectado ao motor por uma excelente correia e é possível o usuário fazer os ajustes de rotação, depois de tudo devidamente instalado (braço, cápsula, distância do motor em relação ao prato, etc).

Desde que foi instalado (dois meses já se passaram), nunca houve a necessidade de reajuste fino algum. A fonte de alimentação separada é conectada primeiro ao console que fica à frente do toca disco

com os botões de liga/desliga e velocidade, e depois do console um outro fio se conecta ao motor. Quando ligado, a velocidade aumenta gradativamente e uma luz vermelha fica piscando. Quando a velocidade correta foi estabilizada, a luz vermelha fica acesa direto.

A base em que vai afixado o braço é de fácil instalação e o fabricante fornece os gabaritos corretos para diversos braços, como: Rega, SME, e os TA (fabricados por eles). No entanto, é preciso que o usuário tenha espaço para trabalhar e força, para encaixar a base do braço no toca-discos. Munido da paciência necessária, entre o encaixe da base do braço e a instalação da cápsula e ajustes, se você tiver a prática necessária, levará de duas a três horas. Se você não tiver nenhuma vivência com instalação de braços e cápsulas, esqueça e contrate alguém ‘do ramo’. Pois para se ter a performance deste toca-discos, à altura do investimento feito, vale chamar um especialista. Você não correrá nenhum risco de danificar a cápsula, e terá a garantia de extrair do setup todo o seu potencial.



E que potencial meu amigo!

Para o teste utilizamos o braço SME Series V, cápsula Soundsmith Hyperion 2, cabos de braço Quintessence da Sunrise Lab (plugues DIN>XLR), pré de phono Boulder 500 e cabo XLR Ágata 2 da Sax Soul entre o Boulder e o prés Nagra HD (leia teste 1 nesta edição) e Dan D'Agostino. O restante do sistema: integrado Hegel H590, power Hegel H30 e Nagra Classic Amp (em estéreo e mono bloco). Caixas: Rockport Avior II e Wilson Audio Sasha DAW. Cabos de caixa: Dynamique Audio Halo 2 (leia teste 5 nesta edição) e Quintessence da Sunrise Lab.

A diversidade de ideias e buscas por soluções que aprimorem a performance no hi-end são uma constante. Cada fabricante tem uma resposta diferente para o mesmo problema. E a forma com que cada um aborda e apresenta soluções, faz com que o audiófilo iniciante fique absolutamente 'tonto' com tanta informação antagônica.

Tenho muito cuidado com o leitor que está iniciando sua trajetória, pois ele é bombardeado tão intensamente que muitos desistem no primeiro obstáculo. No mundo do analógico, então, as informações são ainda mais descabidas. Pois o jovem raciocina que somente os mais抗igos audiófilos, que conviveram por décadas com o analógico, possam ajudar, e muitas vezes



Não é mágica,
é Ciência!



Peça uma demonstração dos
produtos da Magis Audio, e
descubra o salto que o seu
sistema de áudio e vídeo
pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930

duvidas@magisaudio.com

www.magisaudio.com

esses ‘anciões’ audiófilos também abandonaram o analógico com a chegada do disquinho prateado. Então seu feedback em relação ao analógico também está defasado em 40 anos! Suas referências são todas ‘vintage’, e ele cultua ainda em sua mente os toca-discos dos anos 60 e 70, como se o analógico não tivesse também mudado de século.

Como diz a garotada: “a fila anda”, e também obviamente andou para o analógico (e como andou). Por outro lado, com a volta do modismo pelos LPs, essas três últimas gerações recebem uma enorme quantidade de informação fake. Como a de que um toca-discos de 900 reais, comprado no mercado livre, irá tocar com sua limitada agulha de cerâmica todos seus LPs. É mentira meu jovem! Este toca-discos de plástico de má qualidade geral irá destruir seus LPs! E seu som será tão ruim como ouvir MP3!

Então fuya desse engodo. Junte seu suado dinheiro e compre um toca-discos decente, que tenha o mínimo necessário de qualidade como: braço que aceite upgrades de cápsulas, que possa ser ajustado decentemente e tenha solidez de construção, um toca-discos que tenha estabilidade na rotação, estabilidade e robustez mecânica, e um pré de phono silencioso e bem aterrado.

Então imagine, na parte de cima, o melômano e audiófilo que busca realizar um upgrade no seu setup analógico, a quantidade de informação desencontrada que ele recebe.

“O melhor é belt-drive!”, “Negativo, o direct-drive é melhor!”

“Pratos de metal têm problema de ressonâncias que voltam para a cápsula, o ideal são pratos de vidro ou acrílico!”

“Motores junto à base não prestam, precisam ser fora da base!”

“Braços unipivot não possuem melhor trilhagem de forma alguma!”

“O ideal são braços de 12 polegadas e não de 9 ou 10 polegadas!”

“Braços precisam de rigidez e serem maciços! Negativo, quanto mais leves e de preferência de madeira, melhor!”

Quem já não ouviu pelo menos algumas dessas frases? Quem já não travou calorosas discussões, defendendo seu ponto de vista? Eu não sei se sou mais prático por ser um articulista e estar neste meio há tanto tempo, ou se é a idade que me permitiu olhar todas essas discussões com um ‘enorme distanciamento’! Antes de mais nada, eu me pergunto: se alguma dessas ‘teorias’ são realmente





corretas, e por qual razão a vencedora não prevalece? E a resposta é simples, meu caro Watson! Todas são escolhas.

Pois se prestarmos a devida atenção, existem em todas essas 'vertentes' projetos bons e ruins. Toca-discos que funcionam perfeitamente bem e que recebem enorme aceitação do público alvo e outros que são descartados e vistos como bizarices.

Mas antes que algum engraçadinho queira sair pela tangente, afirmando que não existe então o certo e o errado - não caiam nesta!

Pois existem sim parâmetros muito bem firmados e que possibilitaram o avanço do analógico nos últimos 20 anos como nunca antes ocorrerá!

O que precisa ficar claro é que um toca-discos de alto nível como este em teste, é que o fabricante buscou soluções para diversos problemas que são inerentes à reprodução eletrônica de contato mecânico. E são vários problemas, como: vibração, realimentação física do atrito da agulha com a parede do sulco, estabilidade de rotação, ressonância de motor, braço e agulha, ressonância das baixas frequências emitidas pelas caixas acústicas, etc. Problemas reais que, se não forem sanados, colocam por terra abaixo qualquer 'boa intenção'.

Já testei toca discos que tentam contornar os problemas de vibração desacoplando prato e motor, com molas, suspensão a ar, até o uso de materiais exóticos e ligas exóticas nos pratos e base, para minimizar os problemas gerados por motor e braço/cápsula. E todo o problema não só é audível, como pode tornar uma audição medonha (principalmente em sistemas mais bem ajustados).

Dos toca-discos mais recentes (últimos 5 anos), a solução proposta pela Acoustic Signature para o Storm MkII, me pareceu deveras interessante. Pois ela se baseou em fazer com que o prato seja o ponto crucial a ser trabalhado. Afinal, este é a ponte entre base/motor e braço/cápsula. E conseguir isolar corretamente para que nenhum desses elementos interaja com as ressonâncias do outro, é no mínimo sensato e inteligente! Pois os 8 cilindros inseridos no prato, e batizados como Silencier, acredititem, não são apenas algo





com um nome pomposo. Foi uma solução comprovada que focar no prato para impedir que as ressonâncias e vibrações de motor passem para o braço e cápsula, e vice-versa.

E como podemos constatar a veracidade desta afirmação (perguntaria eu, se fosse um leitor)? Ouvindo o Storm. Não precisa de nenhum estudo avançado de física dos elementos pesados, ou qualquer coisa semelhante. Basta ouvir.

O que o Storm trouxe de benefícios para o conjunto braço/cápsula em termos de silêncio de fundo, foi algo impressionante. Este silêncio de fundo só havíamos escutado no toca-discos da Basis (que ainda hoje é o primeiro do nosso Top Five), também com o braço SME Series V e a cápsula Air Tight PCM-1 Supreme.

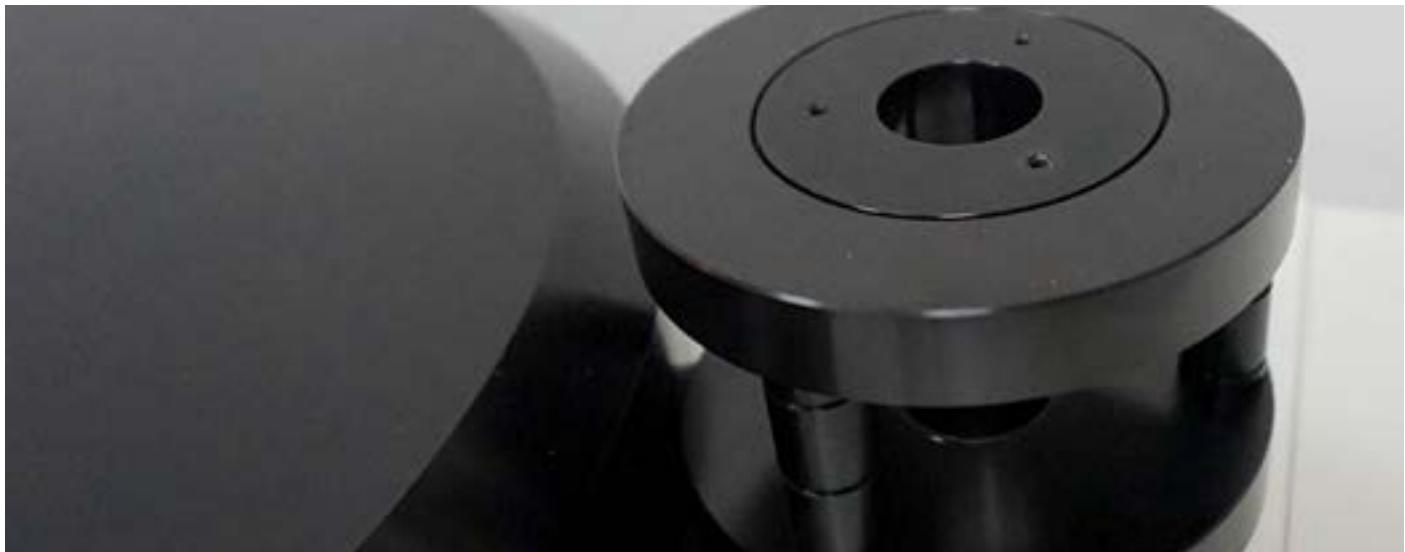
E, segundo, a estabilidade inercial do conjunto prato e motor. Quando giramos um prato com o motor desligado, ele girará por um tempo, nos melhore projetos, por um bom tempo! E se encostarmos a orelha bem próximo do prato, podemos ver se ele, pelo contato metal/metal cria algum ruído de fundo. E depois de ouvirmos,

basta ligar o motor e ver se algum ruído é adicionado ao prato, pela correia ou pelo eixo do motor ou o pino central que liga a base do toca-discos ao prato.

Meu amigo o Storm é impressionantemente silencioso mecanicamente. Se você colocou a distância correta entre o motor e o prato, e a correia está com a tensão correta (nem muito esticada ou frouxa), zero de ruído! É um dos conjuntos base, motor e prato mais impressionantes que tive o prazer de testar. E estamos falando em um toca-discos intermediário, deste fabricante! Fico imaginando como se comportam e o grau de performance nos modelos mais top! Eu me daria por satisfeito em parar por aqui, pois com todas as suas possibilidades de upgrades em fontes, base para um segundo braço, ele me atende perfeitamente como articulista e melômano!

Como relatei, o Storm está em uso diário há mais de dois meses (para ser preciso, enquanto fecho este teste, já são 9 semanas e meia), e jamais tivemos que reajustar a velocidade nem em 33 ou 45 RPM. Sua precisão é cirúrgica, e a sensação de que foi feito

para durar uma eternidade é cada vez mais consistente. Seu motor impressiona tanto quanto a fonte e o toca-discos pelo acabamento, o silêncio e a precisão. Subir de patamar só mesmo se o audiófilo ou melômano quiser desfrutar dos toca-discos deste fabricante em que o conceito de precisão e silêncio são levados ainda mais ao extremo. Caso contrário, garanto que o custo e performance deste modelo sejam difíceis de superar.



CONCLUSÃO

Decidir pelo upgrade final em um setup analógico, nos dias de hoje, não é uma tarefa fácil. Principalmente na faixa de preço do Storm. São centenas de opções de excelentes fabricantes. Esta é a faixa mais concorrida no mercado, e o analógico possui um outro componente muito importante, que se chama design.

Os mais velhos, possivelmente, serão mais conservadores em termos de design, preferindo opções mais tradicionais. Já os que abrem mão do design, não verão nenhum problema em partir para um toca-discos como o Storm MkII, desde que atendam a todas as suas exigências de custo e performance.

Este é um toca-discos diferenciado, com uma série de soluções muito interessantes. Não são muitos os toca-discos nesta faixa de preço que sejam tão versáteis em termos de upgrade. E este é, na minha opinião, um grande diferencial! Mas se nos concentrarmos na questão performance apenas, o leque de opções de concorrentes será ainda mais reduzido. Pois suas qualidades são muito evidentes para serem descartadas. Acredito mesmo que, para se atingir o mesmo nível de performance do Storm MkII, seja preciso se gastar um pouco mais em produtos concorrentes.

De uma construção impressionante e com soluções tão práticas para os velhos problemas de todo toca-discos, o Storm MkII é simplesmente uma proposta tentadora!

Obs: A nota final do Storm MkII foi a média entre os braços TA-1000 e o SME Series V, com a cápsula Hyperion MkII. ■

ESPECIFICAÇÕES

Motor	Síncrono, regulado eletronicamente. Sistema belt-drive.
Rolamento	TIDORFOLON de alta precisão
Chassis	Otimizado para ressonâncias com três pés ajustáveis, liga para baixa ressonância.
Prato	Prato em liga usinada de 12kg, com espessura de 50mm, incorporando 8 silenciadores (Silencers). Revestimento para absorção de ressonâncias na parte inferior
Dimensões (L x P)	440 x 440 mm
Peso	Até 35 kg, dependendo dos extras

PONTOS POSITIVOS

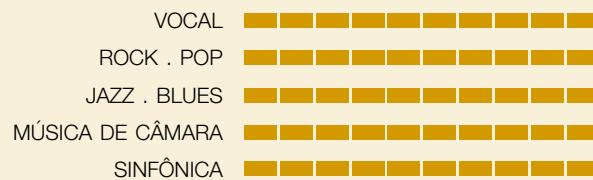
Extremamente bem construído e um acabamento primoroso.

PONTOS NEGATIVOS

Necessita de todos os cuidados com o conjunto braço / cápsula, e pré de phono.

TOCA-DISCOS ACOUSTIC SIGNATURE STORM MKII

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,5
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	13,0
Total	103,5



Performance AV Systems Ltda
(11) 5103.0033

Toca-discos: € 11.000
Braço TA-1000: € 3.800

ESTADO DA ARTE



A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



**A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!!
Deixemos a palavra com os nossos clientes:**

O V8 MKIV entrou em meu sistema e causou uma verdadeira revolução. De imediato, comecei a ouvir todos aqueles discos que não ouvia há tempos por não tocarem tão bem no meu sistema anterior.

Sua característica que mais me agrada é a autoridade, associada a uma doçura que nenhum outro aparelho que tive ou experimentei, independente do valor, apresentou.

Minha esposa veio ouvir o resultado do upgrade e passou a me acompanhar em várias audições, o que nunca havia ocorrido antes. Passei a ter uma companheira de audição, o que é muito bom!

Roberto C., São Paulo.

TESTE
4
AUDIO



AMPLIFICADOR AL-KTX2

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Outro dia um leitor me fez a seguinte pergunta: “A indústria de áudio hi-end nacional tem alguma chance de se reerguer?”. Interessante que, na pergunta, o leitor coloca a questão como se algum dia tivéssemos tido uma indústria de áudio hi-end em nosso território. Muitos confundem a reserva de mercado imposta goela abaixo como um momento auspicioso da Zona Franca de Manaus, produzindo equipamentos capazes de concorrer lado a lado com os importados hi-end.

E sabemos que esta reserva foi uma enorme falácia, pois bastou 4 anos de fim de reserva de mercado, para as empresas de áudio que tiveram 100% do mercado em suas mãos por duas décadas, se desintegrarem.

Tentando responder à pergunta do leitor no contexto atual: sim, acredito que empresas nacionais de hi-end ainda irão florescer por aqui. E este processo, ainda que lento e bastante tortuoso, já se estabeleceu e continuará gerando frutos daqui em diante. Porém

de forma pontual e atendendo a nichos específicos como: cabos, amplificadores, racks, condicionadores, materiais acústicos etc. Ou seja, o que já vemos no dia a dia de quem acompanha a revista, mas agora com maior volume de oferta e de empresas concorrendo entre si.

Junta-se à este pequeno grupo o engenheiro eletrônico André Luiz de Lima, que mora em Lins, no interior de São Paulo, e que atua na área há mais de 30 anos e é um apaixonado por válvulas que decidiu aplicar todo o seu conhecimento no desenvolvimento de novos produtos.

Conheci o André graças a uma ligação sua, em que se disponibilizou a escrever artigos técnicos para a revista e também oferecer em seus artigos kits de equipamentos para quem tem o hobby de montar seus amplificadores. Também se disponibilizou a fazer manutenção de aparelhos importados valvulados e ajudar os leitores no que fosse possível.

Entre esta primeira ligação e sua vinda a nossa sala de testes, com 4 produtos seus debaixo do braço, se passaram muitos meses (diria que quase 1 ano, se não me falha a memória). Na sua cabeça, ele iria apenas mostrar produtos dos quais poderiam ser disponibilizados os diagramas na revista, para os leitores comprarem os componentes e montarem.

Mas, ao ouvi-los, percebi duas coisas: eram todos bastante complexos e exigiriam dos interessados muito mais que boa vontade ou alguma afinidade com ferro de solda. E que soavam muito bem pelo que custam.

Aí propus que os quatro produtos ficassem para teste e que pudéssemos apresentá-los a vocês.

Então, nos próximos meses iremos publicar o restante, começando pelo AL-KTx2, que se mostrou o mais profícuo pelo seu custo e performance. Depois, testaremos a versão deste mesmo produto só que com as válvulas KT-88 e, posteriormente um pré-amplificador (que de tão barato e eficiente, acabei pegando para nosso uso, pensando já nos Cursos de Percepção Auditiva que em breve voltarei a ministrar) e, por último, um single ended de 15Watts por canal.

Animado com toda esta reviravolta em sua ideia inicial, o André não só aceitou minha proposta como já está desenvolvendo uma versão deste estéreo em monoblocos平衡ados, como também de um novo pré para fazer par com estes monoblocos.

Como dizia meu pai: "Pessoas talentosas precisam de dois tipos de estímulos: reconhecimento e divulgação". E a revista existe exatamente para dar este suporte a quem tem talento, garra e deseja ver seus produtos divulgados.

Não vou entrar em detalhes da topologia deste amplificador, pois além de muito técnico são dezenas de páginas descrevendo cada estágio de sua topologia. Para os apaixonados por especificações técnicas e de topologia, sugiro que entrem em contato direto com o André Luiz de Lima.

Em resumo o AL-KTx2 é um amplificador ultralinear push-pull hi-end, com estágios de saída em classe AB, que utiliza por canal um par de KT150 - válvulas que parecem ter caído no gosto da indústria hi-end e que todos os principais fabricantes estão usando (no Brasil, se não estou enganado, o André é o primeiro a utilizar).

Segundo o fabricante a potência é de 160 Watts com baixíssima distorção e uma banda larga. O que levou o André a optar pela KT150 foi seu elevado rendimento com um custo de montagem baixo, o que lhe permitiu desenvolver um amplificador estéreo de valor realmente muito competitivo com os importados.

O AL-KTx2 consiste de cinco estágios, sendo o primeiro o de pré-amplificação que utiliza um tríodo do tipo 12AU7, com uma realimentação negativa em torno de 19dB. O segundo estágio é um

inversor de fase em configuração de seguidor de cátodo, que também utiliza um tríodo do tipo 12AU7. O acoplamento entre os dois estágios é direto (com nível DC). O terceiro estágio é apenas de amplificação, sendo composto por dois tríodos do tipo 12AU7 (um utilizado para cada fase do sinal: 0 e 180 graus).

O quarto estágio é um seguidor de cátodo com acoplamento em nível DC, com intuito de baixar a impedância de saída e adequá-la às KT150. O quinto e último estágio, o de potência do tipo KT150 operando em push-pull ultralinear, uma vez que suas grades g2 (screen) estão ligadas a taps em 40% do transformador de saída através de resistores limitadores de corrente de 470 Ohms.

Esta configuração cria uma realimentação negativa do sinal, pelo qual as válvulas passam a representar um comportamento entre tríodos e pêntodos. E a sua impedância interna, bem como sua distorção de sinal, é reduzida para praticamente o valor de um tríodo.

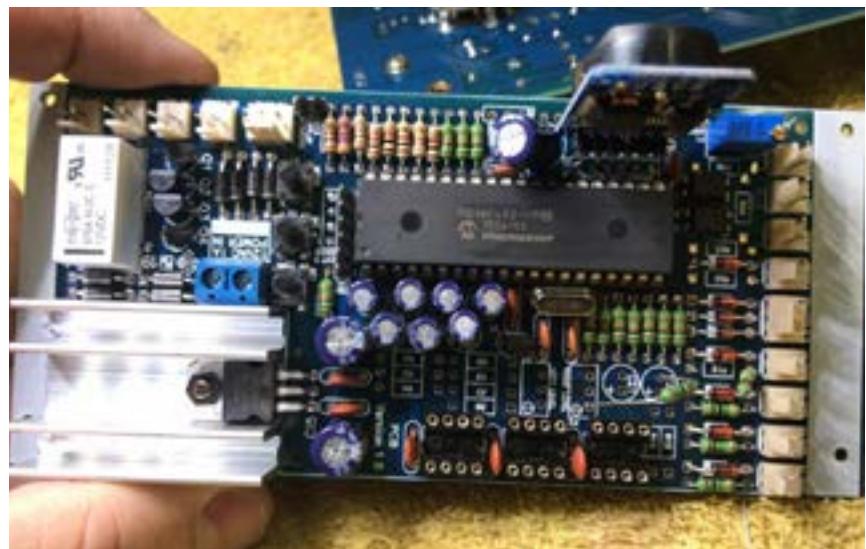
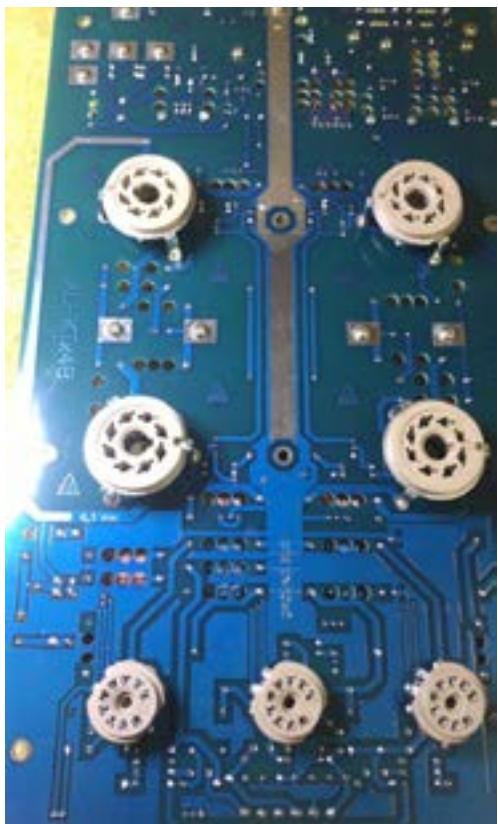
A polarização deste estágio é feita por tensão negativa na grade de controle, através dos trimots P1 e P2, em vez do tradicional resistor de catodo. As fontes de alta tensão dos estágios 1, 2, 3 e 4 são estabilizadas. Na placa do circuito impresso do amplificador, um circuito monitor de bias (com LED), foi implantado para facilitar o ajuste e monitoramento da corrente de polarização (bias) das quatro KT150.

Os transformadores utilizados em todos os projetos são fabricados um a um pelo próprio André. E o que me chamou mais a atenção foi o grau de detalhamento no desenho de todas as suas placas e na limpeza visual de seus circuitos (vejam fotos). O cara é um perfeccionista nos mínimos detalhes de placas e circuitos! Seus transformadores também impressionam pelo acabamento esmerado!

Agora conhecendo um pouco mais o André, diria que ele é um misto de engenheiro ortodoxo (no bom sentido) que está começando a entender como funciona a cabeça e o universo audiófilo, pois seus produtos carecem de pequenos detalhes, mas que dizem muito para o mercado hi-end.

Vamos a esses detalhes: melhorar tomada IEC, os terminais de caixas, fusível, chaves de controle e, claro, o acabamento geral, como placa da frente, grade para proteção das válvulas (principalmente em casa que ainda tem crianças em idade pré-escolar). Fazendo esta lição de casa sem onerar demasiadamente o preço, seus produtos estão prontos para entrar no mercado e agradar uma imensa legião de apaixonados por válvulas. Pois o André realmente entende e conhece o que está fazendo!

Enquanto escrevia este teste, o André me enviou desenhos e fotos do novo monobloco e do novo pré, e fiquei surpreso como ele entendeu as dicas e já colocou em prática tudo que citei que deveria ser aprimorado.



Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: nosso sistema de referência, pré Nagra HD (leia teste 1 nesta edição), pré do próprio André (desculpe não citar o modelo, mas ele não tem ainda). Caixas: Wilson Audio Ivette e Sasha DAW, Kharma Exquisite Midi, e Rockport Avior II. Cabos de caixa: Dynamique Audio Halo 2 (leia teste 5 nesta edição), e Quintessence da Sunrise Lab. Cabos de interconexão: Dynamique Halo 2 (RCA), Sunrise Lab Quintessence (RCA), e Nordost Tyr 2 (RCA). Cabos de força: Dynamique Halo 2, Sunrise Lab Quintessence, e Transparent PowerLink MM2.

O amplificador veio para nossa sala de testes com menos de 50 horas de amaciamento. Então fizemos nossa primeira audição junto com o André e sua esposa, e à noite fiz todas as anotações de nossa primeira impressão. O AL-KTx2, possui uma assinatura sônica bastante incisiva nos médios e nas altas (foi a conclusão que anotei em minhas considerações finais deste primeiro contato).

Como estava amaciando a Sasha DAW para o teste, deixei alternando entre o power valvulado e o integrado Hegel H590. Sempre ligado ao cabo de caixa e de força Halo 2 (pois também precisavam de amaciamento). Com 150 horas o AL-KTx2 voltou para teste e aí ficou.

Sua mudança foi evidente de caráter e de pujança. Ganhou corpo, os graves se tornaram presentes e as duas pontas abriram, apresentando maior extensão e bom decaimento. Mas aquela ‘magia’ e calor sedutor dos médios são realmente sua ‘impressão sonora’. Instrumentos acústicos soam encantadores neste power e o calor e naturalidade que tanto admirei nos monoblocos M160 da ARC,

também estão aqui presentes. Arriscaria dizer que este encanto seja inerente às KT150 (li em muitos fóruns internacionais esta mesma conclusão).

Toda região é palpável e de enorme luxúria! Vozes possuem aquela naturalidade e calor que nos fazem esquecer das horas passando. Com 250 horas o AL-KTx2 se estabilizou integralmente e começamos a passar todos os discos da metodologia.

Seu equilíbrio tonal é muito correto (principalmente para seu preço), com excelente extensão nas altas e muito bom decaimento. Os graves, ainda que não tenham grande impetuosidade, são autoritários o suficiente para conduzir com mão de ferro todas as caixas utilizadas no teste.

Seu soundstage, possui mais largura e altura que profundidade. Porém esta falta de maior profundidade é bem compensada com o ótimo foco e recorte. No quesito textura encontramos o ponto alto do AL-KTx2 (leia a seção Opinião desta edição em que falo de discos para avaliação de texturas), no novo CD do multi-instrumentista André Mehmari, as cordas soaram de maneira realista e com uma riqueza na paleta de cores impressionante! Os amantes deste quesito de nossa Metodologia certamente ficarão surpresos como um power nesta faixa de preço nos brinda com texturas tão maravilhosas.

Os transientes, além de precisos, possuem o tempo certo em andamento e ritmo. E a dinâmica também é muito boa, tanto na micro, quanto na macro. Achei, à princípio que a micro se sairia melhor, mas depois do amaciamento o AL-KTx2 se mostrou bastante ‘à vontade’ nas passagens mais complexas do forte para o fortíssimo.





O que também é surpreendente para uma topologia a válvula, nesta sua faixa de preço!

A apresentação do corpo harmônico é bastante convincente e a coerência entre o tamanho real dos instrumentos muito boa. Ouvindo uma big band, foi excelente o corpo do flautim em relação à flauta transversal, e dos trombones em relação aos trompetes. Muitos de nossos novos leitores nos perguntam se o quesito corpo harmônico em nossa Metodologia não se trata de um ‘preciosismo’ de nossa parte? Minha resposta é que, no estágio em que os produtos Estado da Arte superlativos atingiram, o corpo harmônico faz cada vez mais sentido, pois nosso cérebro para ser ‘enganado’ e ‘sentir’ aquela reprodução eletrônica de música como um acontecimento real, precisa que a apresentação dos instrumentos seja o mais próximo possível da realidade. Do contrário, ele não relaxa e não embarca nesta ‘viagem sonora’. Principalmente os audiófilos e melômanos que têm como referência a música não amplificada ao vivo.

Aos que acham besteira ou perda de tempo ter a música ao vivo como referência, na busca de seu setup ideal, podem se contentar com um contrabaixo acústico do tamanho de um cello (se não soar mais para um violão), ou um piano de cauda soar como um piano de armário. O cérebro deles não tem a menor referência de como soa um contrabaixo tocado com arco, na primeira oitava, a dois metros

de distância. Ou a sensação da pressão sonora de um sax barítono a essa mesma distância.

Se ao menos tivessem o CD Timbres, começariam a ter uma ideia do que estou falando. Então, o corpo harmônico não só ganhou notoriedade para todos que buscam reproduzir corretamente em seu sistema os oito quesitos de nossa Metodologia, como é ‘peça’ essencial para aqueles que querem a materialização do acontecimento musical à sua frente. E o AL-KTx2 passa neste quesito com méritos!

A organicidade (‘ver’ o que se escuta) não dependerá exclusivamente de um só componente. Mas com seus devidos pares e em gravações soberbas, foi possível sentir o ‘gostinho’ de estar com os músicos em nossa sala de testes.

E no quesito musicalidade (a soma de todos os 7 quesitos, mais o gosto subjetivo de cada ouvinte) o AL-KTx2 se saiu muito bem.

CONCLUSÃO

Escrevam e me cobrem: o André Luiz de Lima veio para ficar neste mercado. E afirmo essa opinião por dois motivos: talento e conhecimento. E se ele mantiver esta estratégia de desenvolver produtos com este nível de performance a baixo custo, aí não tem erro! Pois a legião de novos leitores que sonham em montar seus sistemas com orçamentos baixos é enorme!

Agora posso finalmente revelar o preço deste amplificador estéreo: R\$ 15.000. Menos de 4 mil dólares, por um amplificador capaz de trabalhar com uma infinidade de caixas, bem construído e com excelente performance. E sabem o preço de seu pré-amplificador, que acabei por adquirir para uso em testes e cursos? Menos de 1000 dólares!

Sua intenção é oferecer amplificadores, DACs, prés de linha e de phono, sempre com esta filosofia: o melhor custo e performance possível.

A todos os interessados, fiquem à vontade o conheçam e desfrutem de seus projetos. Garanto que muitos de vocês finalmente farão o upgrade de suas vidas!

Só posso desejar todo o sucesso do mundo para o André Luiz de Lima.

ESPECIFICAÇÕES

Potência de saída	2x 160 W contínuos (RMS), de 20 Hz a 20 KHz.
Distorção harmônica total	<1% a 160 W 1,8% a 180W <0,04% a 1W
Resposta de frequência (-3 db)	3,5 Hz a 120 KHz (0 db) 13 Hz a 30 KHz a 1 W
Impedância de entrada	47 kOhms não-balanceada
Sensibilidade de entrada	1 Vrms / 24 Vrms (72 Wrms, 8 Ohms)
Fator de amortecimento	>20 (damping fator)
10 dB máx	10 dB máx
Entradas	2 RCA não-balanceadas
Válvulas requeridas	2 pares casados de KT150, 4 ECC82, 2 ECC89
Alimentação	115-135 VAC 60 Hz 210-240 VAC 60 Hz
Consumo	370 W nominais, 650 W máx
Polaridade de saída	não inversora
Taps de saída	8 Ohms, 4 Ohms (internos)
Dimensões	48 x 38 x 25 cm
Peso	25Kg

PONTOS POSITIVOS

Um surpreendente power com excelente relação custo / performance.

PONTOS NEGATIVOS

Detalhes pontuais que precisam ser melhorados.

AMPLIFICADOR AL-KTX2

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	10,0
Textura	10,5
Transientes	10,0
Dinâmica	9,5
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	9,5
Musicalidade	10,5
Total	81,0



André Luiz de Lima

(14) 99134.0330

andrelimarodrigues@gmail.com

R\$ 15.000

DIAMANTE

REFERÊNCIA



Um acervo maravilhoso de LPs japoneses
e CDs de Blues, Rock e Jazz.

Preços
imperdíveis!



CD's importados

LPs
japoneses

**100
a
200
reais**

Todos os
CDs
importados

a partir
**50
reais**

**AGORA OU
NUNCA**



LP's japoneses - corte direto



CD's japoneses

www.wcdesign.com

A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!

Praça Alpha de Centauro, 54 - conj. 113 - 1º andar - Alphaville/SP
Centro de Apolo 2, em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851 ☎



AUDIO
CLASSIC

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

TESTE
5
AUDIO



CABOS DYNAMIQUE AUDIO HALO 2

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Esta é a segunda vez na história da revista que somos procurados por uma empresa estrangeira, que bate à nossa porta pedindo para avaliar seus produtos. A primeira foi a Etalon, em 2002, e agora a Dynamique Audio. Se acreditarmos que nada nesta vida é ao acaso, certamente poderemos escrever um belo roteiro com ambas as histórias e como os contatos foram feitos.

O da Etalon, o primo do CEO arrumou uma namorada uruguaia e veio conhecer a América Latina e trouxe em sua bagagem o integrado. Nos encontramos no centro de São Paulo, ele sem falar absolutamente nada de inglês e arranhar apenas o espanhol (talvez graças a namorada). O Etalon embrulhado em jornal e uma fita crepe, saiu de uma mala surrada, direto para as minhas mãos. Não estava sequer preparado para aquela cena, absolutamente inusitada e engraçada. Sai de lá a passos largos direto para o estacionamento.

Ao olhar aquele pacote, que parecia mais com um embrulho de açougue mal feito, não poderia imaginar a beleza que se escondia

debaixo daquelas folhas de jornal. O resto, todos os nossos mais antigos e fiéis leitores já conhecem. Apresentei o integrado Etalon em nossos Cursos de Percepção Auditiva e em Hi-End Shows, na esperança de arrumar algum distribuidor. E como diz o ditado: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, finalmente o Paulo Wang acabou vindo a distribuir a marca no Brasil. E muitos amigos e leitores ainda possuem em seu sistema produtos Etalon.

Já a Dynamique Audio, com o avanço tecnológico que nos conecta ao mundo em tempo real, foi muito mais fácil. Uma mensagem de apenas 20 linhas apresentando a marca, me colocou em contato imediato com o Daniel Hassany, CEO da Dynamique Audio, e começamos aí a troca de uma dezena de e mails até receber, para teste, um set completo de cabos da linha Halo 2, e um Apex de interconexão - top de linha- de 1m XLR.

Fundada em 2010, a Dynamique Audio é apenas uma ‘criança’ em um mercado que possui empresas centenárias (ou quase) como ➤

Luxman, Tannoy, etc. No entanto, ainda que não tenha uma década de vida, a Dynamique Audio já está presente em diversos países (leia entrevista abaixo com o Daniel), e busca expandir seu mercado agora também para a América Latina.

Nas nossas trocas de mensagem, deixei claro ao Daniel que só faria sentido testar seus produtos se conseguisse ajudá-lo a arrumar um representante em nosso país. Pois sem esta representação seria frustrante mostrar aos nossos leitores os produtos e estes não terem como adquirí-los facilmente (expliquei a ele a burocracia e os impostos desproporcionais aplicados no país) e ele entendeu que sem um representante oficial eu não teria como publicar minhas avaliações.

Definida a estratégia, abri duas frentes de trabalho: conhecer os produtos, entender a filosofia da empresa e ler tudo que já foi publicado a respeito de seus produtos. Percebi que a Dynamique é bastante conhecida na Ásia e no Reino Unido (neste caso certamente por ser uma empresa inglesa). E que ainda que o número de reviews que tive acesso não sejam muitos, as conclusões foram unânimes em relação à performance, construção e compatibilidade.

No seu site tem uma seção chamada Filosofia da Empresa, e sugiro a todos os interessados que a leiam, pois com o fino humor britânico muito do que lá está escrito vem de encontro a tudo que acredito e que deveria ser discutido nas rodas de audiófilos.

Vou aqui apenas citar o que mais me chamou a atenção: o texto começa lembrando que além de um assunto polêmico, existem os que não acreditam em diferença alguma entre cabos bem construídos e, do outro lado, existem também aqueles (aqui ele está se referindo a fabricantes de cabos) que acham desnecessário mostrar as especificações técnicas ou a forma de construção e a qualidade da matéria-prima utilizada. E finaliza este primeiro parágrafo com a brilhante frase: “A confiança foi corroída ao longo das últimas décadas por óleo-de-cobra genuíno”. Na sequência do texto é apresentada a filosofia da empresa em tópicos como valor e escolha dos componentes utilizados em cada série. A linha Horizon 2, a primeira e mais barata, incorporam Teflon PTFE com condutores alta pureza com banho de prata, e conectores de baixa massa metálica, e não usam materiais de menor qualidade como dielétricos de silício ou PVC e condutores de cobre low-grade. O texto segue falando da importância do equilíbrio tonal, que permite ao usuário introduzir qualquer produto Dynamique sem colorir ou alterar o equilíbrio do sistema.

Fala da importância de especificações técnicas transparentes que são fornecidas com todos os seus produtos. Da qualidade da matéria-prima, da construção e da flexibilidade, apresentando como exemplo o cabo de caixa Tempest 2 que utiliza dois condutores de 10 AWG por canal, mas que ainda assim se mantém um cabo em sua aparência final mais flexível e magro que inúmeros cabos de interconexão que se tem no mercado Hi-end.



Mais à frente, propriamente, o texto apresenta a escolha dos condutores utilizados pela Dynamique com ênfase na prata pura ou em cobre OFC e OCC com banho de prata. E defende sua escolha afirmando que: "Enquanto a prata pode soar com pouco corpo e brilhante, devido a muitos fatores como a pureza do dielétrico, má qualidade da prata, geometria ineficaz, etc, cabos de prata corretos oferecem níveis inigualáveis de detalhes, dinâmica, corpo e musicalidade". A Dynamique afirma que toda a fiação é extremamente pura e que nas linhas de entrada, com o uso do cobre, cada núcleo sólido possui pelo menos 100 mícrons de banho de prata. E nas linhas com prata pura, são empregados dois graus de pureza no condutor padrão, e na linha top são assegurados que a superfície de cada fio de prata seja totalmente desprovida de qualquer impureza.

A Dynamique usa preferencialmente a construção solid-core, pois em testes auditivos se chegou à conclusão que tecnicamente não há interação entre filamentos, desigualdades ou descontinuidades, o que resulta sonicamente em uma apresentação mais limpa, arejada, detalhada e livre de grãos em passagens com maior complexidade dinâmica.

Para os cabos mais sofisticados é utilizado um maior isolamento, mais espaçado que nas linhas de entrada, permitindo ainda mais ar para cercar os condutores. Tal arranjo (segundo o fabricante), reduz ressonâncias mecânicas e os condutores ficam mais desacoplados das camadas exteriores. Ainda que existam muitas alternativas, como: Polietileno (PE), Kapton, Polipropileno (PP), Peek, silício, a Dynamique não abriu mão do Teflon para o isolamento, por suas características e por seu alto grau de isolamento já provado em uso como dielétrico em aplicações militares e aeroespaciais.

No quesito geometria, a Dynamique utiliza para cada série a que sonicamente tenha melhor resultado na redução de ruído EM/RF, como: par torcido, star-quad (que rejeita o ruído de forma mais eficaz que o par trançado - segundo as observações da Dynamique) e a matriz helicoidal (proprietária da Dynamique) com uma geometria com espaçamento e alinhamento dos condutores, e fornece um amortecimento mecânico adicional.

Em termos de blindagem, a Dynamique Audio se diz inteiramente céтика em utilizar blindagem metálica em cabos analógicos, pois todos os testes auditivos resultaram em uma fidelidade reduzida. E decidiram confiar na consistência das geometrias por eles empregadas como um escudo natural de todo ruído em EM/RF, e utilizar em todos os cabos a tecnologia desenvolvida por eles de filtro de ressonância. Somente nos cabos digitais é utilizada alguma forma de blindagem metálica.

Os amortecedores/filtros de ressonância, segundo o fabricante, combatem distorções microfônicas através do aterramento dessas

distorções entre próprio cabo e o amortecimento. Os filtros de ressonância da Dynamique são CNC Milled, feitos uma peça de alumínio cortada em CNC, ilustrado mecanicamente e anodizado e fixado ao cabo com um adesivo elastomérico que absorve ressonâncias e vibrações. Este absorvente (segundo o fabricante) não altera os parâmetros elétricos básicos do cabo, como muitos projetos de filagem, absorvendo eficazmente o EMI, ampliando a resolução e uma maior sensação de estabilidade do soundstage.

Os conectores são todos projetados na Dynamique, para todas as suas linhas. Quanto à direcionalidade, na maioria dos cabos deste fabricante não são fornecidas nenhuma marcação de fábrica. Segundo a Dynamique, mesmo após longos períodos em uma direção, se o usuário se equivocar e mudar, em questão de horas tudo voltará à normalidade.

Alguns dos novos projetos que estão chegando ao mercado (o caso da linha Apex), no conector do RCA tem uma marcação indicando que esta extremidade deve ser conectada à 'fonte', para um resultado ainda mais refinado sonicamente.

Para a famosa questão do burn-in (queima/amaciamento de cabos), a Dynamique indica de 50 a 75 horas para os de interconexão, 100 a 150 horas para cabos de caixa, e 200 a 250 horas para todos os cabos estarem inteiramente amaciados.

Já no final do extenso artigo, a Dynamique toca em um dos pontos centrais das discussões audiófilas: bitola dos cabos. Quanto a bitola de um cabo favorece ou atrapalha? Para eles, cabo de bitola grossa nunca é o ideal para todas as frequências, tendendo a oferecer uma resposta mais acentuada nos graves, mas podendo desequilibrar os agudos (ele até brinca que o ideal é que mangueiras de jardim, sejam utilizadas apenas nos jardins). E que no oposto, cabos muito finos, tendem a prevalecer as altas frequências, porém em detrimento dos graves. Além disso, o uso de vários fios da mesma bitola causa um aumento de ressonâncias. A Dynamique, para fugir desta encrenca, optou em todos seus cabos por bitolas variadas de fios, associados às suas geometrias, e evitou cabos pesados, sem flexibilidade e de muita bitola total.

Pegar qualquer cabo na mão da linha Halo 2 surpreende pela leveza, flexibilidade e construção - e o oposto de uma mangueira de jardim, no caso específico dos cabos de caixa e de força. Para o teste, o setup de Halo 2 (um de cada: RCA de 1m, XLR de 1m, força de 1,5m e cabo de caixa de 3m), foram utilizado nos seguintes sistemas: o nosso de referência, pré de linha Nagra HD (leia teste 1 nesta edição), powers Nagra Classic AMP, power valvulado AL-KTx2 (leia teste 4 nesta edição), pré de phono Boulder 500, tocadiscos Acoustic Signature Storm (leia teste 3 nesta edição), cápsula SoundSmith Hyperion 2 e braço SME Series V. Caixas: Wilson Audio Ivette e Sasha DAW, Rockport Avior II.

A linha Halo 2 está basicamente abaixo apenas das linhas Zenith 2 e Apex. Abaixo encontram-se: Horizon 2, Tempest 2 e Shadow 2.

As especificações fornecidas pelo fabricante em relação ao Halo 2 são as seguintes: condutores de núcleo sólido 2x 18 AWG em prata pura (4N), 2x núcleo de prata pura (4N) de 19 AWG, 2x núcleo sólido cobre OFC (7N) banhado a prata de 20/3 AWG, 1x 16 AWG cobre OFC (7N) banhado a prata para o aterramento. Isolamento em PTFE Teflon, super espaçado. Construção: matriz helicoidal, bitola distibuída. Damping: 1 filtro de ressonância. Plugs: Ouro Dynamique.

Segundo o fabricante, a linha Halo2 já possui muitas das características sônicas das linhas Zenith 2 e Apex. Com um equilíbrio tonal muito correto e a mesma prevalência de neutralidade. Ainda que o fabricante fale em 75 horas para os cabos de interconexão e entre 100 e 250 horas para todos estarem completamente amaciados (caixa e força), a boa notícia: saem já tocando muito bem. Então não haverá sofrimento algum se o usuário quiser acompanhar a queima dia a dia. E a outra excelente notícia: seu grau de compatibilidade é espantoso.

Esqueci de inserir na lista acima, dos produtos utilizados, o integrado Hegel H590 que ainda estava conosco e ajudou (e muito) no amaciamento tanto das caixas Sasha DAW como dos cabos Halo 2.

Ainda que com o amaciamento todo o setup tenha sofrido alterações, chamaria este processo de ‘acomodamento’, pois as diferenças estão na lapidação da assinatura sônica e não em alterações significativas como algo faltando ou escasso, que só o burn-in irá resgatar. Sua sonoridade desde as primeiras horas é envolvente, e com enorme grau de precisão e controle. Seu equilíbrio tonal se apresenta de imediato. Tem excelente extensão desde o início, nas duas pontas, e uma região média muito transparente.

Com mais de 20 horas, a grande mudança ocorre na separação dos instrumentos, cada um ganhando seu espaço e aquele tão desejado silêncio em volta das vozes solistas. Ainda antes do burn-in solicitado pelo fabricante, já é possível notar que o acontecimento musical se dará em um amplo espaço, tanto em profundidade quanto em largura. Os amantes de um soundstage preciso irão se deliciar com a performance do setup Halo 2. Seu foco e recorte são de cabos muito acima do seu preço (coloque ‘muito’ nisto) e sua capacidade de sustentar crescendo dinâmicos e ainda assim não borrar o solista é estupenda!

Para quem aprecia música clássica, o conforto auditivo não poderia ser melhor. Pois esta qualidade no foco, recorte e na apresentação de ambientes, nos coloca em uma ‘posição’ privilegiada frente à orquestra.



Falar em neutralidade em cabos é como tentar juntar em uma só a teoria da relatividade e os avanços da física quântica. Mas, acreditam, é possível medir a 'neutralidade' de um cabo. Basta você ter ao seu dispor dois setups bem ajustados e homogêneos, com assinaturas distintas. E para o teste dos Halo 2 tinha em mãos não um, mas três setups bem distintos em termos de assinatura sônica (Nagra, nosso sistema de referência, e o power valvulado AL-KTx2 ligado no pré-amplificador Nagra HD). Três sistemas completamente distintos, tanto em termos de performance como de folga.

Para a avaliação dessa 'neutralidade' defendida pela Dynamique Audio, ouvi apenas solistas. Violão, Violino e piano. Gravações com nenhum tipo de compressão ou equalização (nossas e de amigos músicos, como o André Mehmari, André Geraissati e Euclides Marques). Como um camaleão sonoro, os Halo 2 ganharam a sonoridade do setup, mostrando que sua interferência na condução do sinal, se houve, não foi notada.

Para aqueles que há anos buscam cabos que sejam mais neutros e não tenham a função de 'equalizar' ou corrigir nada que o sistema, sala e elétrica possuam de deficiência, este cabo existe. Ou melhor: o mais exato seria dizer 'existem', no plural, pois a linha Apex, também em teste, leva esta neutralidade um pouco mais adiante (aguardem o teste na próxima edição).

Mas, quantos sistemas que eu e você conhecemos estão já ajustados e sinérgicos o suficiente, para o uso de um setup de cabos neutros? Esta é uma pergunta de difícil resposta (quem sabe até o término da escrita deste artigo eu lembre de alguns). No entanto, saber que existem cabos com esta 'virtude' pode ser de enorme valia para todos que desejem um sistema equilibrado e neutro para desfrutar sua música sem coloração ou equalizações extras.

E vou ser execrado em praça pública, mas ouso dizer que certamente todos aqueles audiófilos e melômanos que tenham a música não amplificada ao vivo como referência para a montagem de seus sistemas, irão saudar a existência de cabos com esta qualidade. Pois, se os cabos estão presentes em todas as etapas da cadeia sonora, garantir que não sejam eles os vilões em sistemas que o maior desejo é a maior neutralidade, esta notícia é digna de comemoração. Já para os que usam cabos para 'bandeidiar' (acho que acabei de criar esse termo, rs) os Halo 2 deverão ser evitados a todo custo. Pois eles não se sujeitam a 'dar um jeitinho' no que está errado.

Muitos acreditam que a prata cause mais malefícios que benefícios aos seus sistemas. No caso do Halo 2, os que acreditam que esta afirmação seja verdadeira podem se despreocupar, pois ele ainda utiliza cobre OFC banhado à prata. Mas quanto ao Apex, certamente os detratores dos cabos de pura prata terão que ouvir para rever sua opinião e crenças!

Mas, voltando ao Halo 2, o que mais chama a atenção após toda a queima de 250 horas para todos, resumiria em duas palavras: folga e naturalidade. Os solistas dos discos que usei nos três setups,

ainda que com assinaturas sônicas tão distintas, impressionaram pela folga e naturalidade.

As mudanças foram definidas pelos equipamentos como maior sedosidade e adição de mais fôlego nas teclas do piano e suavidade nas cordas de nylon do violão, ou maciez nos violinos, no setup Nagra HD e power valvulado AL-KTx2. E maior ataque e definição, nos três instrumentos, no nosso sistema de referência (pré Dan D'Agostino e power Hegel H30), mostrando a capacidade do Halo 2 em interferir o mínimo na passagem do sinal.

Então, aqui acaba minha descrição pormenorizada deste setup de cabos da Dynamique, e começa o problema. Afinal, como descrever com exatidão os benefícios e atributos de um cabo que se ajusta como uma luva ao sistema? Felizmente, para este desafio é que contamos com a nossa Metodologia, que vai com seus 8 quesitos muito além da avaliação de equilíbrio tonal e soundstage, nos dando as ferramentas convenientes para apresentarmos a vocês mensalmente tudo que conseguimos observar dos produtos em teste.

Falamos do seu equilíbrio tonal correto e neutro, e pincelamos suas virtudes na apresentação do foco, recorte, ambientes e planos do soundstage. E agora podemos abrir nosso leque de observações e falar de outras qualidades, como transientes, textura, corpo harmônico, macro e microdinâmica (se bem que já dei toda a pista deste quesito algumas linhas acima), além de organicidade e musicalidade.

Seu senso de tempo e ritmo é preciso. O ouvinte com música em que o tempo e ritmo predomina, terá muito prazer em ouvir os Halo 2. Percussões são incrivelmente detalhadas e nos fazem ficar presos ao ritmo do começo ao fim.

Suas texturas dependerão obviamente do setup em que estiver ligado. Então posso dizer que no setup Nagra com power valvulado, as texturas eram sedutoras e quentes. No setup de referência, menos quentes, com uma maior ênfase na qualidade dos instrumentos, intencionalidade e execução. Com o sistema todo Nagra (pré e power), um equilíbrio maravilhoso entre esses dois extremos!

O corpo harmônico, ainda que não seja tão preciso como nossos cabos de referência, e em relação ao Apex também da Dynamique Audio, é muito correto e coerente. Uso, para fechar a nota desse quesito, uma gravação de um duo de contrabaixo e cello. Nos setups de nível superlativo, a diferença de corpo é tão correta que 'vemos' a diferença de corpo dos dois instrumentos como se estivéssemos assistindo à gravação a três metros dos músicos. No Halo 2 é muito proporcional e coerente a diferença, mas não chega ao grau de precisão de cabos mais refinados e caros. Você vai perceber esta sutileza de diferença no seu sistema para um sistema superlativo? Somente se você tiver uma enorme vivência com esses dois instrumentos tocados ao vivo, do contrário não fará diferença alguma. Mas nossa função de revisor crítico de áudio é exatamente esta: achar 'pêlo em ovo'! ▶

Sua organicidade (materialização física do acontecimento musical) depende muito mais do sistema e da gravação. Mas em sistemas como os utilizados no teste e as gravações deste quesito, não só o músico se encontra a sua frente, como você quase interage com ele!

E, por fim, o nosso quesito subjetivo: Musicalidade. Aqui ocorre o mesmo fenômeno da avaliação da textura: no sistema mais quente e suave certamente inúmeros leitores dariam uma nota mais alta para este quesito. Nas duas outras topologias, notas diferentes. Para nós o resultado do Halo 2 será a média dos três setups utilizados, para sermos justos e democráticos.

CONCLUSÃO

Acredito que, para a maioria de vocês, o que esteja em jogo neste veredito seja a resposta se a Dynamique Audio cumpre o que promete ao afirmar fabricar cabos em que, além de corretos, sejam o mais neutros possível dentro de cada linha.

É preciso deixar claro o que significa essa ‘neutralidade’: a capacidade de não alterar o sinal que passa pelos cabos, amplificando ou retirando algo, para tornar o cabo mais ‘pirotécnico’ ou mais ‘palatável’.

A resposta é sim, meus amigos. A Dynamique conseguiu a façanha de desenvolver uma linha de cabos muito neutra, que se adapta perfeitamente ao setup em que forem ligados.

ESPECIFICAÇÕES

Condutores	- 2x núcleo sólido 18 AWG em prata pura (4N) - 2x núcleo sólido de prata pura (4N) de 19 AWG - 2x núcleo sólido cobre OFC (7N) banhado à prata de 20/3 AWG - 1x 16 AWG prateado OFC (7N) para terra
Bitola	2x 12 AWG equivalentes, 1x 16 AWG terra
Isolamento	PTFE Teflon, super espaçado
Construção	Matriz helicoidal, bitola distribuída
Amortecimento	1 filtro de ressonância
Terminações	Ouro Dynamique sobre cobre, IEC EUA e UE Furutech FI-1363G UK

Portanto se você é um adepto de ‘fios equalizadores’, sua busca é na direção oposta! Mas se você acredita que seu sistema já esteja bem ajustado, sua elétrica tratada e correta (aqui, mais do que tudo, um cabo de elétrica neutro seria essencial - fica a dica para o Daniel fazer um cabo bom, barato e neutro para elétrica), e uma acústica decente, você vai gostar de conhecer os Halo 2.

Com eles em um sistema Estado da Arte correto e sinérgico, a audição de sua coleção de discos será elevada ao cubo! ■

PONTOS POSITIVOS

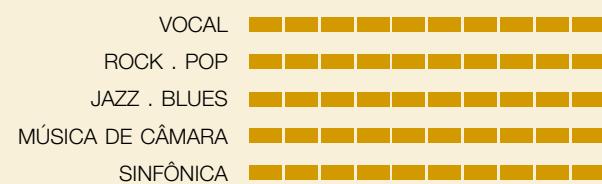
Uma relação custo/performance elevadíssima.

PONTOS NEGATIVOS

Para sistemas corretos, do contrário serão expostas todas as limitações deles.

CABOS DYNAMIQUE AUDIO HALO 2

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	13,0
Total	100,0



German Audio
 contato@germanaudio.com.br
 Interconnect - 1m (RCA e XLR): US\$ 1.994
 Caixa - 2,5 m: US\$ 3.380
 Cabo de força - 1,5 m: US\$ 2.254

ESTADO DA ARTE





DANIEL HASSANY, CEO DA DYNAMIQUE AUDIO

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br



Daniel Hassany

ENTREVISTA

Fale-nos de sua trajetória profissional, como tudo começou?

Minha carreira é em TI, mas eu passei para engenharia industrial com experiência em ciência de materiais, metalurgia e processos industriais como usinagem manual e em CNC, anodização, galvanização, etc. Infeliz com os cabos que existiam no mercado à época, decidi construir meus próprios. Imagino ser uma história bem familiar à muitas marcas de cabos.

A Dynamique Audio é um fabricante de cabos relativamente novo no mercado. Como foi esta trajetória até aqui?

Na verdade, começamos em 2009. Então, enquanto estamos no mercado por uma década já, nós certamente somos uma das marcas mais jovens. Continuando minha história - da pergunta anterior - minhas tentativas feitas-em-casa se tornaram bastante populares localmente, apesar de que eu não tinha intenções comerciais com esses projetos. Logo estavam nos pedindo para que fizéssemos cabos OEM para marcas mais estabelecidas, e isso plantou a semente de formalizar meus projetos de cabos com uma marca própria. Como um audiófilo ávido comprando diversos cabos de diversas marcas, descobri que muito poucos entregavam a performance que eu queria, mais notadamente em termos de equilíbrio tonal. Alguns eram claramente 'rápidos', outros (especialmente os que têm caixinhas com 'network') ofereciam graves atraentes porém coloridos, enquanto que outros eram musicais e honestos mas simplesmente ofereciam baixo valor. Eu achei que podia oferecer algo mais.

Em que países a Dynamique Audio já está presente, e qual mercado é comercialmente o mais interessante?

Nós vendemos no Extremo Oriente em várias regiões, assim como nos EUA e Canadá, no Reino Unido (claro), e em partes da Europa. A entrada no Brasil é muito excitante para nós, como o primeiro país da América Latina onde estaremos - estamos bastante ansiosos. Honestamente, cada região nova é muito diferente e provê diferentes oportunidades e restrições à todos fabricantes da área de áudio, portanto não há nenhum favorito. Estamos simplesmente felizes de poder ajudar os melômanos mundo afora a curtirem sua música.

Em um mercado tão competitivo como o de cabos, o que a Dynamique Audio tem de diferencial para se estabelecer neste segmento?

Nosso Ethos é simples: cada cabo em nossa linha precisa de uma razão para existir. Nada de modelos redundantes ou que se sobreponham. Assim que estabelecemos o nível da performance alvo, consideramos a melhor metodologia de desenvolvimento. Usamos apenas materiais premium e nunca iremos intencionalmente 'aleijar' um produto para fazer um modelo acima parecer melhor (portanto, usamos teflon PTFE e cobre banhado à prata até em nossos modelos mais baratos, por exemplo), além de usar técnicas de construção precisas. E, finalmente, procuramos nos referenciar com nossa competição mais próxima. Nós vemos várias marcas de cabos mais preocupadas com marketing inventivo, ou com prover soluções para problemas inexistentes. Nosso resultado, acreditamos, é o de honestidade em nossos designs e no equilíbrio tonal de nossos cabos. Nosso objetivo é o de ser livre de tapeações, de ludibriar, o quanto for possível - e dada a frequente natureza de discordia em relação à cabos de áudio, estou certo de que isso é um fator muito importante.

Em termos de tecnologia e filosofia, no que a Dynamique Audio se diferencia da concorrência?

Como mencionei acima, o que nos diferencia da competição é que provemos o melhor que podemos em cada nível de preço. Isso pode parecer óbvio, mas se você prestar atenção nas especificações técnicas de várias marcas de cabos (aqueles que disponibilizam especificações, pois existe uma horrível tendência à omissão de detalhes técnicos), você verá que muitos usam materiais inferiores - como dielétricos de PVC ou silicone, condutores de cobre de baixa qualidade, conectores com contatos de latão de massa alta. Além disso, nós mesmos desenvolvemos a maioria de nossos condutores, em vez de usar produtos de prateleira como muitos usam. Então, nossos conectores de força, caixa e interconexão são todos desenvolvidos de acordo com nossas especificações. Esse controle do processo de produção nos ajuda a fazer o cabo que queríamos, em vez de fazer o melhor compromisso disponível - como é o caso de muitas marcas. Isso significa que o ouvinte tem a garantia de que cada modelo da nossa linha terá a nossa assinatura sônica, que é a de neutralidade tonal, vocais estáveis e claros, grande resolução de graves e, como nosso próprio nome indica: grande variação dinâmica - e que, subindo pela nossa linha de produtos, esse equilíbrio de características não irá mudar, pois cada cabo apenas traz mais dessas qualidades à mesa.

Qual é o modelo que mais se destaca em termos de custo e performance da Dynamique Audio?

Nossa linha Halo 2 traz muitas das tecnologias encontradas em nossos modelos de referência, como a Distributed Gauge e a Multicore, mas a um preço que pode trabalhar bem em sistemas intermediários, assim como em componentes mais ambiciosos. Temos muito orgulho também de nossa linha de entrada Horizon 2, para sistemas mais modestos, que provê performance e valor excepcionais.

Conte nos um pouco do segredo da linha Apex soar tão natural, neutra e com tamanha folga, mesmo em passagens com enorme variação dinâmica.

Os Apex são os únicos cabos que conhecemos, em qualquer lugar, que usam condutores de cobre galvanizados à precisão com prata. Tendo familiaridade com o equilíbrio tonal do rádio e do ouro em outras aplicações, como em conectores, queríamos utilizar esses

benefícios e combinar o som mais quente do ouro com a nitidez e a velocidade do rádio, no design mais neutro de cabo que conseguimos fazer, um que expandisse sobre as filosofias de desenvolvimento de nosso topo de linha à época, o Zenith 2. Ficamos encantados com os resultados que obtivemos e, também, em comparação com nossos competidores.

Planos futuros? Você pode nos adiantar algo?

Temos uma demanda forte pela linha Apex, que será adicionada de cabos de caixa, de força e para braço de toca-discos de vinil - esses serão apresentados logo mais. Em breve também estaremos oferecendo cabos USB com conectores Type-C. Há um interesse e uma demanda crescentes para cabos de fones de ouvido, então continuaremos inovando aí, e tentando dar suporte ao número crescente de marcas de fones de ouvido. E, para finalizar, planejamos lançar um cabo padrão Ethernet de prata pura (provavelmente Firelight 2) em 2020. ■



Cabo Dynamique Audio APEX



TV SAMSUNG 55RU7100

 Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A TV RU7100 faz parte da linha de entrada da Samsung, mas isto não a torna limitada ou carente de recursos. Oferecendo o controle remoto único, bluetooth, HDR, Apple iTunes e Airplay, a RU7100 rivaliza com modelos muito superiores de outras marcas, e com vantagens. Está disponível em 7 tamanhos de 43 a 75 polegadas e o modelo testado foi o de 55 polegadas.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

O design da RU7100 segue o conceito slim da Samsung, com bordas finas e acabamento em plástico preto, moderno e discreto. Possui dois pés com canaletas internas que ajudam a esconder os cabos. Os pés estão posicionados próximos às extremidades do painel, o que exige um móvel ou bancada de dimensões

consideráveis para acomodá-la. A TV possui furações em sua parte posterior, permitindo fixação em paredes.

O painel é um 4K LCD LED com suporte a HDR10. Em sua parte traseira há um painel com todas as seguintes conexões: 3 entradas HDMI, sendo uma com ARC (Audio Return Channel); 2 portas USB; 1 entrada Video Componente; 1 entrada Video RCA; porta Ethernet RJ45; 1 saída de áudio óptica digital; 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz. A linha 2019 ganhou o Controle Remoto Único, que anteriormente só estava disponível nas TVs topo de linha. Ele possui 3 teclas para acesso direto ao Netflix, Amazon Prime e Navegador Web. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder, Blu-ray, Apple TV e Soundbar.



RECURSOS

O sistema operacional é o Tizen, rápido e eficiente, tornando a navegação dentro do conteúdo Smart muito fácil e intuitiva. A abertura dos aplicativos e troca de fontes de sinal é sempre muito rápida. A lista de aplicativos disponíveis é bem grande, incluindo Netflix, Youtube, Amazon Prime, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, entre tantos outros.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Ainda temos a parceria Samsung com a Apple que disponibiliza um aplicativo iTunes dentro das TVs, permitindo aluguel de filmes diretamente na plataforma Apple sem necessidade de instalar um Apple TV. Também será possível enviar vídeos e músicas do iPhone para a TV Samsung diretamente através da função Airplay. Por enquanto o app iTunes é uma exclusividade Samsung e um tremendo diferencial sobre outras marcas.

A RU7100 é capaz de exibir conteúdo HDR, porém sem a mesma intensidade de brilho dos modelos superiores como as QLED. Mas aliado à gama de cores expandida e aumento do contraste que o conteúdo HDR proporciona, apresenta imagens bonitas e cativantes.

Uma boa notícia para quem utiliza a TV para videogames é o modo Game com baixíssimo tempo de resposta, 6,8 milissegundos.

AUDIO

A RU7100 possui 2 falantes na parte inferior com 20 W de potência e o áudio possui boa inteligibilidade. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter uma melhor experiência com sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

Se compararmos a RU7100 com TVs de 2 ou 3 gerações passadas, ela seria considerada um produto Estado da Arte. Cores belíssimas, bom nível de contraste e preto. Resolução 4k com detalhamento que salta aos olhos. E quando vemos que o modelo 55RU7100 com 55 polegadas está à venda no varejo por menos de R\$ 2.300 (Novembro/2019), aí temos um produto de custo-benefício virtualmente imbatível e um campeão de vendas no próximo Natal.

audio research

H I G H D E F I N I T I O N

Reference 160 M

Vacuum tube Monaural power amplifier



Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br



MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- iTunes: trechos diversos de filmes e trailers

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	09
Acabamento	09
Características de Instalação	09
Controle Remoto	09
Recursos	09
Automação e Conectividade	09
Qualidade de Imagem em SD	08
Qualidade de Imagem em HD e UHD	09
Qualidade de Áudio	07
Consumo e Aquecimento	10
Total	88

Samsung

www.samsung.com.br

Preços sugeridos:

43RU7100: R\$ 1.999

49RU7100: R\$ 2.199

50RU7100: R\$ 2.799

55RU7100: R\$ 3.399

58RU7100: R\$ 3.699

65RU7100: R\$ 4.999

75RU7100: R\$ 7.999



DIAMANTE
RECOMENDADO

AVMAG

TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

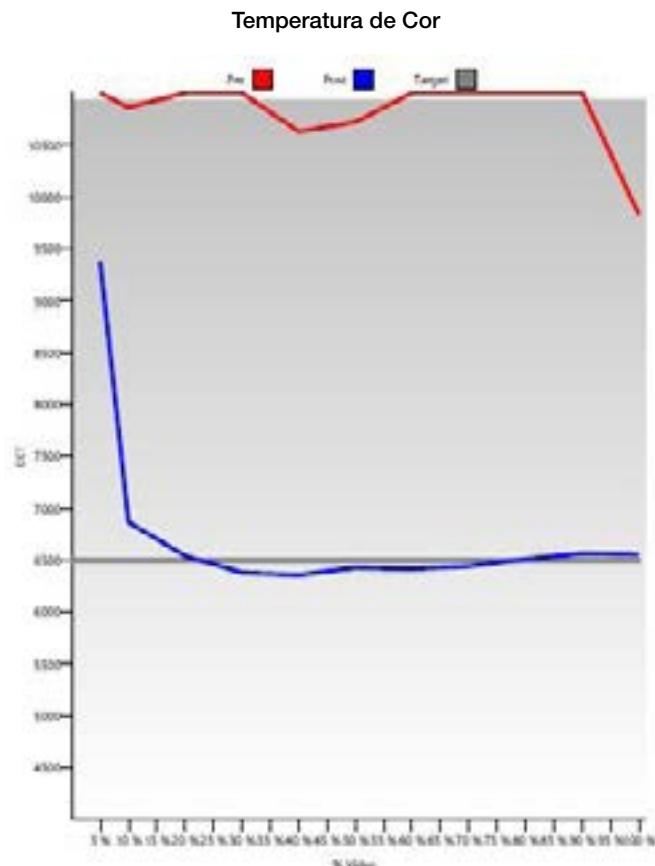
A TV Samsung RU7100 possui 4 padrões de imagem pré-definidos, para os quais obtivemos as seguintes temperaturas de cor em nossas medições iniciais:

- Modo “Dinâmico”: 10.902K
- Modo “Padrão”: 10.538K
- Modo “Natural”: 19.538K
- Modo “Filme”: 6.435K

O modo “Dinâmico” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida nos modos “Standard” e “Natural”.³⁸

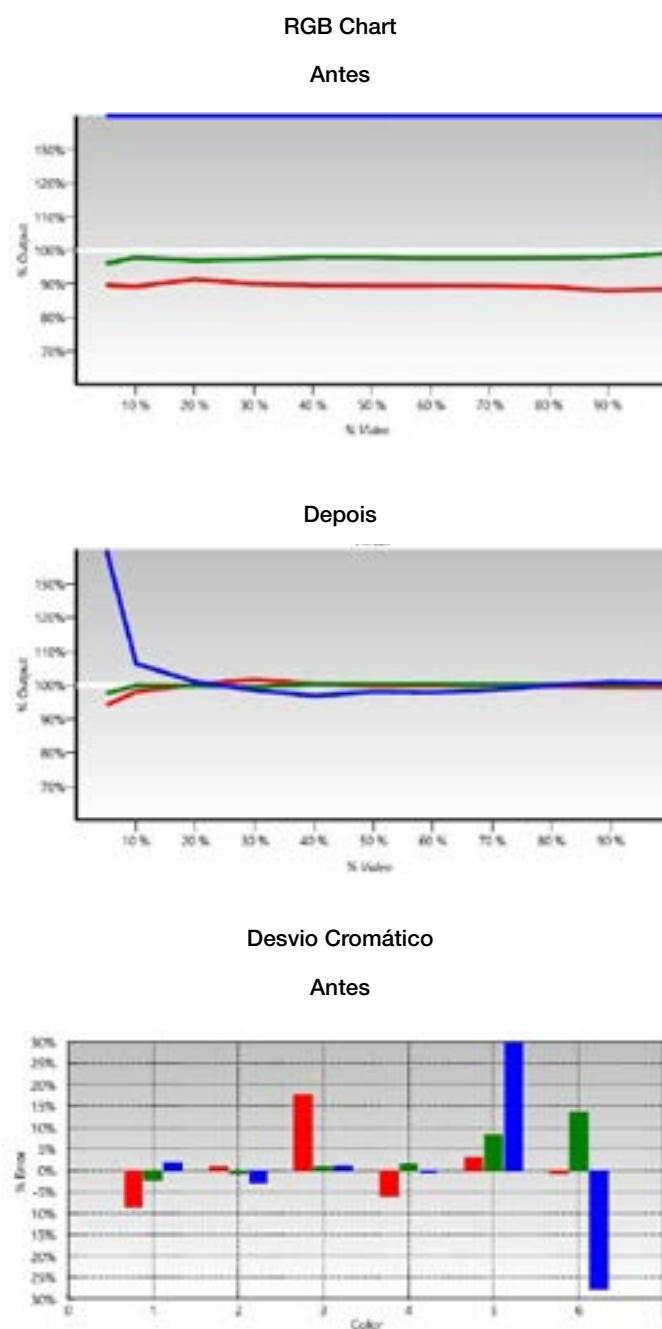
O modo “Movie” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições fazendo a calibração para 6.500K.

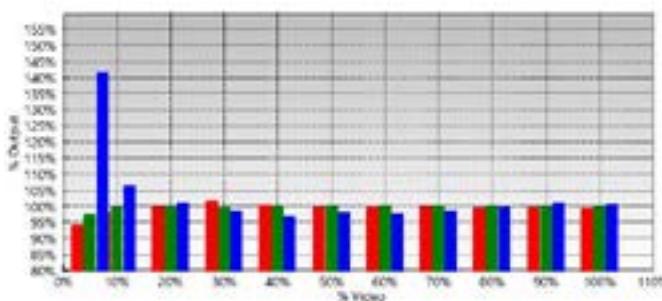
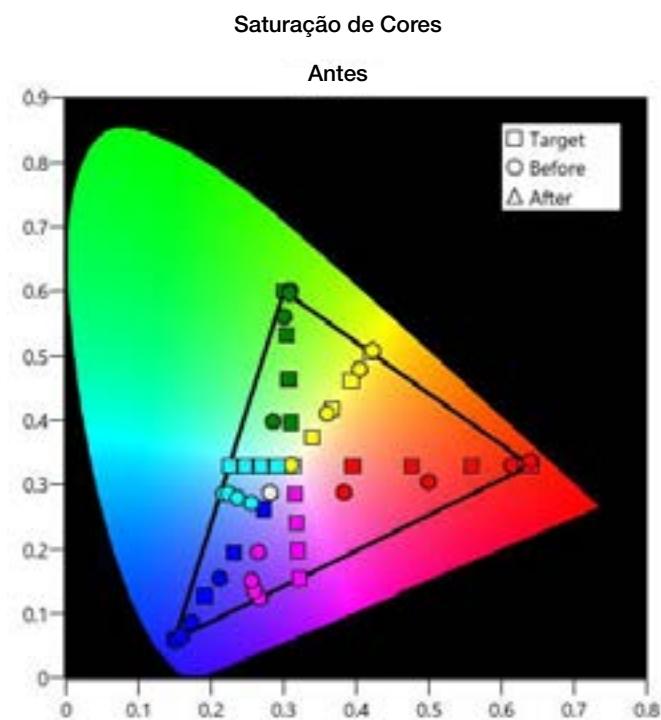
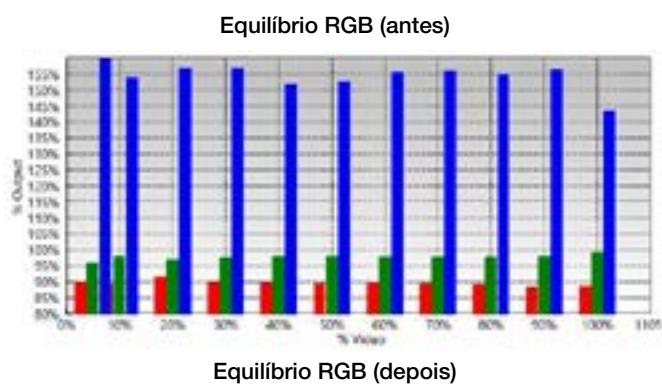
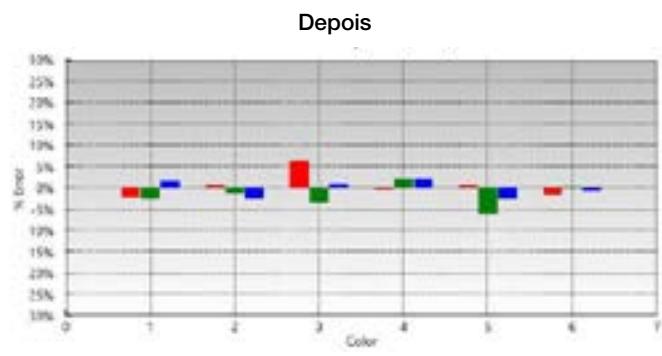
O controle “backlight” foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro.



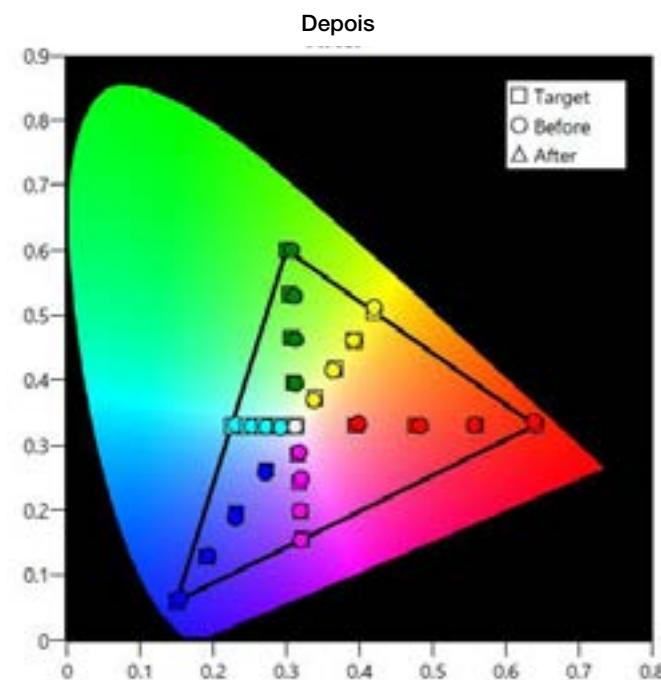
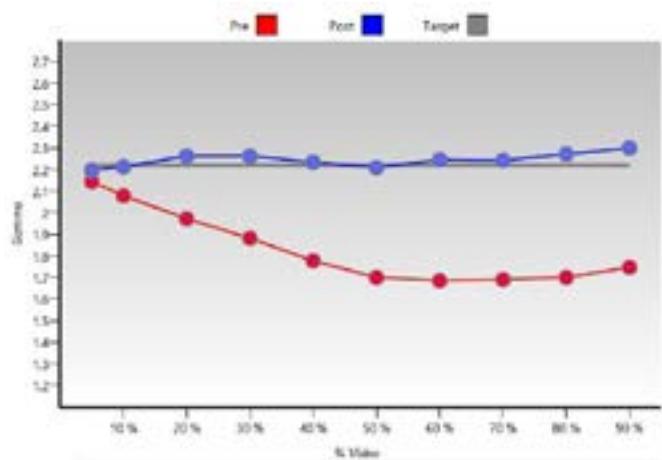
Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 28,9 e o maior dE individual de 36,2 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra. Abaixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração obtivemos um dE médio de 1,25, ótimo resultado demonstrando boa linearidade na escala de tons de cinza.

As cores apresentaram extrema saturação de azul (B). Esta diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 8,9 e após a calibração obtivemos dE 1,2, excelente resultado cromático.





A curva de Gamma inicial estava muito ruim, com valor médio de 1,84. Fizemos alguns ajustes utilizando o menu com ajuste em 20 etapas buscando seguir o padrão BT1886. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,24 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e boa linearidade.



A taxa de contraste medida foi de 13.274:1, ótimo valor para aparelhos LCD LED.

O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando excelente linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações.

A Samsung RU7100 após calibração mostrou que é um produto de ponta e com invejável custo benefício. ■



BIBLIOGRAFIA

23
ANOS
AVMAG



André Geraissati

ANDRÉ GERAISSATI - O MAGO DO VIOLÃO

 Mariana Sayad
revista@clubedoaudio.com.br

André Geraissati é paulistano e do ano de 1951. Apesar da pouca idade, já tocou com muita gente e já realizou muitos projetos. Na década de 1970, apareceu com o trio de violões D’Alma, que tinha uma sonoridade brasileira, mas diferente da tradicional, por isso, chamou muito a atenção. Paralelamente, tocou com Egberto Gismonti em duas grandes turnês e, ainda, arrumou tempo para lançar seus trabalhos solos, que mostram novos caminhos para o violão brasileiro. Além de músico e compositor, Geraissati é um grande

produtor. Um dos projetos mais importantes de sua carreira e para a história da música instrumental foi o Banco do Brasil Musical, que realizou pela produtora e também selo Tom Brasil Produções Musicais. Ainda menino, almejava estudar piano para tocar igual ao Ray Charles. Logo em sua primeira aula, sentou-se ao instrumento e começou a arriscar a música ‘What’d I Say’ (Ray Charles), mas sua professora fechou a tampa do piano e disse: ‘antes de tocar, precisa aprender teoria musical’. Conclusão: nunca aprendeu nem teoria e ➤

muito menos a tocar piano. Porém, sua avó escutava em sua vitrola de 78 rotações os discos de Altamiro Carrilho, Dilermando Reis, Debussy e outras, que foram se tornando as referências musicais de Geraissati.

Geraissati é muito estudioso em seu instrumento, o violão, até hoje. Mesmo depois de considerado o ‘mago das cordas’, estuda de três a quatro horas por dia. Estudou harmonia, contraponto e muito mais sobre música, mas o curioso é que não lê partitura musical, nadinha. Quando começou seus estudos no CLAM do Zimbo Trio, pedia para a filha do Amilson Godoy, Janaina, ainda com seus oito anos de idade, mas já leitora nata de música, para tocar as partituras dos livros que precisava estudar. Então, Geraissati gravava, confirmava o conteúdo executado com o pai da menina e, a partir disso, estudava o conteúdo necessário. Como recompensa, a pequena Janaina ganhava um sorvete. Geraissati é autodidata, a sua grande formação sempre foi tocar. Seu desejo de tocar piano foi saciado quando aprendeu a técnica two hands, que consiste em tocar o violão ‘teclando’ ou batendo com as duas mãos, como se fosse um piano. Apesar do violão ser seu instrumento, foi na guitarra que ele começou seus estudos: primeiro tocando rock, depois foi migrando para o jazz. Seu interesse pela música aumentou depois que conheceu a música dos Beatles, que passou a ‘tirá-las de ouvido’. Talvez, um divisor de águas na vida musical de Geraissati tenha sido o contato com Antônio Álvaro Assumpção Filho, pai do baixista Nico Assumpção e, segundo ele: ‘Ele me transmitiu a audiofilia e o refinamento que se pode extrair e oferecer à vida’ (site Músicos do Brasil - Uma enclopédia instrumental).

Em 1987, marco do início da carreira de Geraissati, ele trabalhava no estúdio Vapor. Neste mesmo ano, aconteceu o Festival São Paulo Montreux, onde tocaram grandes nomes, entre eles um duo formado pelos violonistas Larry Coryell (Estados Unidos) e Philip Catherine (Bélgica). Este último estava sem seu violão e foi pedir para Geraissati emprestar um e, com isso, eles tocaram juntos e Geraissati até gravou uma faixa para o disco de Catherine. Depois da gravação chegou Coryell, e os três começaram a tocar juntos. Neste momento, Geraissati percebeu como era boa a sonoridade de três violões. Depois disso, foi procurar Cândido Penteado, que era professor do CLAM, e seu melhor aluno Rui Saleme, para propor montarem um trio de violão chamado Claf, mas que mudou de nome depois para Trio D’Alma. Antes de falar mais sobre este grupo, é importante ambientar seu surgimento, pois sua história se mistura com o cenário musical de São Paulo do fim dos anos 1970 e começo dos anos 80.

Em outubro de 1979, surgiu em São Paulo o Lira Paulistana, um pequeno teatro, com capacidade para 250 pessoas, em um porão

da Praça Benedito Calixto, em Pinheiros. Em pouco tempo, o teatro virou o ponto de encontro e o símbolo da vanguarda paulistana, onde aconteciam shows, peças teatrais, exibição de filmes e tudo mais relacionado à arte e cultura. Muitos grupos musicais e artistas surgiram ou se projetaram no Lira, como era conhecido, entre eles estão: Itamar Assumpção, Tetê Espíndola, Ná Ozetti, Luiz e Paulo Tati, Suzanna Salles, Cida Moreira, Nelson Ayres, Jorge Mautner, Laura Finochiaro, Paulo Caruso, Passoca, Língua de Trapo, Premê, Rumo, Paranga, Ultraje a Rigor, Titãs, Ratos de Porão, Mercenárias, Paulo Barnabé, Kid Vinil, Lanny Gordin etc.

Com o passar do tempo e o grande público, o Lira passou a virar uma marca, então aconteciam shows no TUCA, shows no bairro do Bixiga ou na Praça Benedito Calixto com o mesmo pessoal do Lira. Com pouco mais de um ano de existência, o Lira Paulistana virou selo, gravadora e editora, comandados pelo produtor Wilson Souto Jr. O Lira Paulistana existiu durante sete anos, entre 1979 e 1986, e movimentou não só a música de São Paulo, mas do Brasil. Dentro deste cenário é que o Trio D’Alma surgiu com a proposta de tocar Música Instrumental Brasileira com três violões Ovation, que foi criado na década de 1960 com o sistema Lyrachord, feito com um material mais resistente, que transmite a vibração de uma forma mais eficiente e, consequentemente, produz um som melhor do que os violões fabricados de madeira porosa. Na época do surgimento do grupo, este violão não era muito comum no Brasil.

O primeiro disco do trio foi ‘A quem possa interessar’, que surpreendeu a todos, pois era um som completamente diferente do que se ouvia da música brasileira na época. Tiveram os que adoraram e os que nada entenderam daqueles três jovens tocando arpejos e trinados em seus violões. Uma das coisas que mais agradaram, e poucas pessoas entenderam, foi a diversidade das influências do trio, como o próprio Geraissati sempre diz: ‘sou paulistano, então, ouço de tudo’. Esta é uma definição para o trio, pois não era bossanova, nem choro, nem samba, nem blues, nem rock e nem jazz, mas tinha um pouco de cada um destes estilos na música do trio. Atualmente, a sonoridade de Geraissati também pode ser definida assim, um pouco de tudo. Em algumas ocasiões, ele se apresenta com regionais de choro, ou o pessoal do jazz, mas a essência de sua música é muito paulistana, da cidade onde tudo passa. A gravação do primeiro disco do trio (‘A quem possa interessar’) aconteceu graças à intervenção de John McLaughlin, a quem Geraissati entregou uma fita demo do D’Alma para ele apresentar a alguma gravadora no exterior e, com isso, conseguiu que o disco saísse pela norte-americana Mayflower.

BIBLIOGRAFIA

23
ANOS
AVMAG

Os dois discos seguintes do Trio D'Alma foram lançados pela gravadora Som da Gente, que foi fundada no início dos anos 1980, pelos sócios Walter Santos e Tereza Souza. O selo e a gravadora Som da Gente eram dedicados exclusivamente à música instrumental independente, e em 11 anos de atuação lançaram 46 títulos, entre eles discos de Hermeto Pascoal, Heraldo do Monte, Hélio Delmiro, Medusa, Metalurgia etc.

Depois, em 1981, o trio lançou mais um disco, D'Alma, mas com nova formação: Ulisses Rocha, Geraissati e Rui Saleme, que foi contemplado com o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte como melhor grupo de música instrumental de 1980. Em 1983, o último da carreira, com os violonistas Ulisses Rocha, Mozart Mello e Geraissati. Este último resultou em uma turnê pelo norte e nordeste do Brasil, em que o grupo teve o apoio do Banco Bamerindus, da Transbrasil e da Microdigital. Esta parceria de música instrumental e banco seria o embrião para o Projeto Banco do Brasil Musical, que marcou a história desta manifestação musical e da carreira de Geraissati.

Depois de shows no Canadá, em 1985, o Trio D'Alma participou do Free Jazz Festival no mesmo dia do Zimbro Trio, Joe Pass, Toots Thielemans e Sivuca no Anhembi, em São Paulo, sendo que tudo foi gravado pela TV Bandeirantes. Nos outros dias, tiveram shows de Egberto Gismonti, Pat Metheny, Bobby McFerrin, Pau Brasil, Gilson Peranzetta, Ricardo Pontes e Toninho Horta. A direção deste festival foi realizada por Zuza Homem de Mello, que escolheu, em parceria com mais 15 especialistas em música brasileira, apenas 'unanimidades' no jazz mundial. Além do Trio D'Alma, entre os anos de 1982 e 1985, Geraissati saiu em turnê com Egberto Gismonti com os discos 'Fantasia' e 'Cidade Coração'. Neste mesmo período, Gismonti participou da gravação do primeiro disco solo de Geraissati: 'Entre Duas Palavras'.

Na última música do segundo disco do Trio D'Alma, 'Lagoa do Silêncio', Geraissati começou a esboçar o que seria o disco 'Insight' (1986), composto mais por ideias musicais do que composições fechadas, ou seja, as músicas são mais abertas e soltas. São quase experiências musicais. Em sua carreira solo, Geraissati fez do violão com cordas de aço (resquícios da sua fase de guitarrista) seu maior parceiro musical e, por isso, sempre se deu ao luxo de experimentar diversas afinações diferentes. O mais interessante de tudo é que gosta de compartilhar suas descobertas com todos. Um exemplo disso é o disco duplo 'Solo' (1987), lançado pela WEA, que marca sua troca de violão, de Ovation para o cobiçado norte-americano Martin, levemente 'desafinado', ou para os entendidos, com afinações diferentes da convencional (E B D G A E).

Por exemplo, na música em homenagem a Naná Vasconcelos, 'Nana Naná', ele utilizou a afinação FACCGBb; na música 'Fogo Eterno', utilizou a afinação DADGAD, onde conseguiu harmônicos muito interessantes, assim como na música 'África' e 'Nogueira', todas na mesma afinação acima, mas com diversas possibilidades de harmônicos e arpejos diferentes. Estas informações e todos os detalhes de como se afinar os violões encontram-se no encarte do disco 'Solo'. Geraissati é contra a 'venda de informações', por isso, sempre faz questão de disponibilizá-las. A sua peculiaridade de explorar várias afinações em violões de diversos tamanhos tornou-se uma de suas marcas que ele 'selou' com o disco DADGAD, onde o nome significa exatamente a afinação utilizada. Em uma entrevista recente, Geraissati disse que algumas de suas afinações têm nome, como a afinação Baden (DADGBE), Raimundo Saraiva (DADbGbAGb) e Ray Charles (DACDAD), que consegue tocar a música 'What'd I Say' com as cordas soltas.

Em 1989, Geraissati gravou o disco 'Brazilian Image' com o flautista norte-americano Paul Horn (1930-2014), que é considerado o criador da música New Age, e foi indicado na categoria jazz do Grammy. Seu quinto álbum saiu em 1989, chamado 79-89 com nove músicas, sendo todas com títulos remetidos à natureza, ao campo e temas mais profundos, todos seguidos da afinação utilizada: Fazenda - D G D G B D; Trilha - D G D G B D; Agreste - C A C G C E; Canto das águas - C G D Eb Bb Eb; Oriente - C A D G A D; Paz - D A Db Gb B Db; Com o sol nas mãos - D A Db Gb B Db; Eclipse - C Bb C F Bb Eb; e Alvorada - C A C G C E. Apesar da ingenuidade dos títulos, o conteúdo sonoro é de uma maturidade incontestável de Geraissati. A exploração do som do violão e suas diversas afinações (uma para cada título) formam mais do que uma suíte, dando a sensação do disco ser uma única composição se modificando, se montando. Na contracapa do disco, o jornalista Luis Carlos Lisboa fez uma definição do resultado sonoro: 'é um convite aos que sabem que a voz dos golfinhos, as ondas do mar e as cordas do violão entoam o som do mundo'.

O fim dos anos 1980 e começo de 1990 foram muito ruins para a Música Instrumental Brasileira, por diversos motivos: as gravadoras majors não lançavam mais este gênero musical, pois sabiam que as vendas não eram muito significativas; o Lira Paulistana já havia fechado há um bom tempo, deixando muitos músicos 'órfãos' de um reduto próprio. Assim, a Música Instrumental Brasileira passou a ser cada vez mais marginalizada. Diante deste cenário, Geraissati decidiu ousar e criou o selo independente Tom Brasil, em sociedade com Solon Siminovich. Fizeram uma parceria com o SESC Pompeia e lançaram uma série com 25 discos, resultado de 22 shows ►

EM COMEMORAÇÃO AOS 23 ANOS DA REVISTA,
SELECIONAMOS ESSA MATÉRIA DA EDIÇÃO 203

realizados. Para dar o pontapé inicial, André e Solon pegaram um empréstimo de 100 mil dólares. O show de lançamento foi em grande estilo, com André ao violão acompanhado da Orquestra Tom Brasil (formada por 30 músicos), sob a regência de Amilson Godoy, com a participação especial de Nivaldo Ornelas e Egberto Gismonti.

Deste projeto, surgiu a parceria com o Banco do Brasil, que em um primeiro momento lançou a série de CDs Brasil Musical - Música Viva. Em 1993, o banco passou a patrocinar diversos shows pelo Brasil de música instrumental. Para celebrar esta nova fase do projeto, foi realizado um grande show no antigo Palace, com Egberto Gismonti, Alemão e Zezo, Arthur Moreira Lima, Zimbo Trio, Wagner Tiso, Armandinho, Dominginhos, Ulisses Rocha, Rafael Rabelo, Amilson Godoy, Marco Pereira, Hermeto Pascoal, Paulinho Nogueira, Altamiro Carrilho, Maurício Einhorn, Paulo Moura, Mozar Terra, Nivaldo Ornelas e o próprio André. No ano seguinte, começaram as turnês pelo Brasil, foram ao total 20 shows durante o ano, em dez capitais, todos gravados ao vivo. Para fechar com chave de ouro, a iniciativa ganhou o Prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como o melhor projeto de MPB do ano.

Em 1995, foram 120 shows pelo Brasil e mais inovações. A primeira foram as turnês universitárias, onde os músicos realizavam shows em 30 cidades do roteiro do projeto a preços populares. A segunda foi a criação do Ensaio Aberto, destinado às crianças do 1º e 2º grau (hoje, ensino fundamental e médio), em que durante a passagem de som à tarde, os músicos batiam um papo com o público. A terceira foi a organização de duas turnês com a Orquestra de Câmara de Curitiba, uma acompanhada de Gismonti e a outra de Wagner Tiso e Paulo Moura. No ano seguinte, o projeto aprimorou a ideia das turnês com orquestra, com o importante segmento do projeto Banco do Brasil Musical: 'Orquestras Locais e Solistas Convidados', que consistia em realizar apresentações com orquestras de cidades, previamente cadastradas, com os seguintes músicos: Nivaldo Ornelas, Altamiro Carrilho, Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti, Oswaldinho do Acordeon e Wagner Tiso. Em 1997, o projeto realizou 210 shows e ainda colocou a cidade de São Paulo no roteiro e, para fechar o ano, foi realizado na capital paulista e no Rio de Janeiro a edição piloto do projeto 'Banco do Brasil Musical - Instrumental convida Cantor', com o show de Toquinho e Paulinho Nogueira. O sucesso foi tanto que o projeto seguiu com Joyce e Quarteto Livre, Zimbo Trio e João Bosco, Wagner Tiso e MPB-4. O que era para ser mais um braço virou seu carro-chefe, e em 1998, o projeto deixou de ser exclusivamente instrumental para ser dedicado à canção também. O projeto durou seis anos, passando por diversas cidades do interior de São Paulo, nordeste, centro-oeste e sul do Brasil.

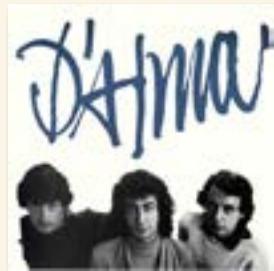
Depois desta bem-sucedida empreitada, Geraissati realizou outras, como 'Conversa de Músico', no SESC Ipiranga (SP) e 'Cordas Dedilhadas', que trouxe ao Brasil diversos músicos, como Scott Henderson e Gary Willis. Com este envolvimento em grandes produções, ele fez um intervalo de dez anos entre um disco e outro. Em 1999, lançou o 'Next', com a participação de músicos brasileiros e estrangeiros, onde deram outra interpretação ao 'Trem Caipira' (Villa-Lobos), e mais outras faixas autorais, levemente (para alguns) e fortemente (para outros) influenciadas pelo new age. Três anos depois, gravou com os baixistas Zé Alexandre e Sizão Machado, além do percussionista Renato Martins e o consagrado Homero Lotito (técnico de gravação), o CD 'Canto das Águas', com músicas autorais. A música que dá o título é um solo de violão, mas parece que possui uns dez tocando. Este efeito é o resultado de seu talento, é claro, mas também do equilíbrio dos harmônicos do violão que André deixa soar entre o breve silêncio entre as notas.

Mais recentemente, Geraissati assumiu a direção musical do Curitiba Jazz Meeting, entre 2008 e 2009, que reuniu artistas representantes de tendências musicais que foram incorporadas ao jazz, como, por exemplo, o dixieland, o rock'n'roll e a bossa-nova. Dentro deste conceito, em 2009 participaram Zimbo Trio com a Orquestra Sinfônica do Paraná, Phillip Catherine Trio (Bélgica) e o pianista Stu Goldberg (EUA). No mesmo ano, realizou a Euro-Arab Tour, onde tocou em Praga, Viena, Bratislava, Copenhaguen, Aarhus, Oslo, Estocolmo, Helsinki, Amsterdam, Bruxelas, Dresden e Berlim. Em 2010, na turnê de mesmo nome, foi para o Oriente Médio e Egito. No total, ele passou com seu violão em 18 Países situados na Europa, Oriente Médio e Egito. Geraissati transforma o violão em um piano, não só por causa do two-hands, e sim, principalmente, pelas suas diversas afinações utilizadas, o que aumenta e muito as possibilidades harmônicas e melódicas do 'pequeno' instrumento. Esta foi uma estratégia do músico de alcançar o inalcançável piano, que lhe foi 'podado' na infância pela sua professora que o impôs a aprender teoria musical, enquanto o jovem queria apenas tocar a música 'What'd I Say'. Na verdade, deveríamos agradecer muito a esta castradora professora, que ao impor barreiras intransponíveis ao pequeno Geraissati, nos presentou com um grande músico criativo e talentoso. O lado empreendedor, produtor de Geraissati foi muito influenciado pela convivência com Gismonti durante as turnês e gravações dos discos. André não faz lamentações sobre o pouco espaço que a música instrumental tem na mídia, pelo contrário, decidiu desde cedo ser seu próprio empresário, conduzir sua carreira e tomar muito bem conta dela. Isso fez toda a diferença e, com certeza, foi o que possibilitou a realização de importantes projetos musicais. ■

DISCOGRAFIA SELECIONADA



A Quem Interessar Possa (1979): Trio D'Alma - CLAM - Brasil - lançado em LP.



D'Alma (1981): Trio D'Alma - produtor: Trio D'Alma - Som da Gente - Brasil - lançado em LP e CD.



Entre Duas Palavras (1982): com Egberto Gismonti - produtor: Egberto Gismonti / André Geraissati / Ary Rogério - independente - 1983 - e depois lançado pela Carmo - Brasil - lançado em LP.



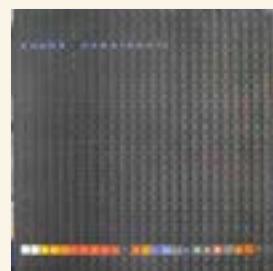
Insight (1986): solo - independente - Brasil - lançado em LP - Visom.



Solo (1987): solo - disco duplo - produtor: André Geraissati - WEA 38.075/6 - Brasil - lançado em LP e CD.



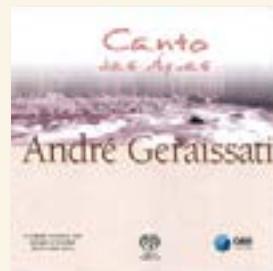
Dadgad (1988): solo - produtor: André Geraissati - Musician / WEA e Tom Brasil, CD / 2001 - Brasil - lançado em LP e CD.



André Geraissati 7989 (1989): solo - produtor: André Geraissati - Warner - Brasil - lançado em LP.

Brasil Musical - André Geraissati e Egberto Gismonti (1993): série Música Viva, gravado no SESC Pompeia - produtor: André Geraissati - Tom Brasil - Brasil - lançado em CD.

Next (1999): André Geraissati e convidados - Tom Brasil - Brasil - lançado em CD.



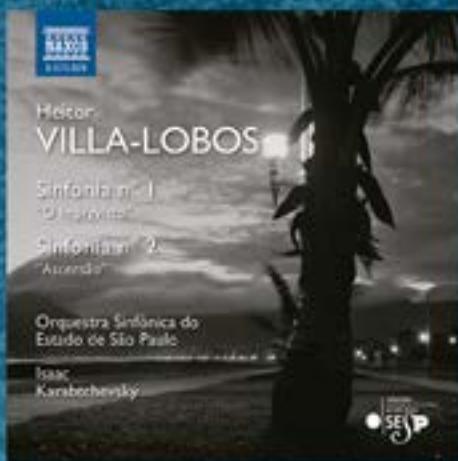
Canto das Águas (2002): produtor: Fernando Andrette / André Geraissati - CAVI Records - Brasil - lançado em SACD.

CAIXA ESPECIAL
VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfônias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº 1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS N° 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

movie play
DIGITAL MUSIC

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
e "movieplaydigital"
(11) 3115-6833



VOLUME 2 - ANDRÉ GERAISSATI

Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Com a palavra, André Geraissati!

Continuando a série Música Instrumental Brasileira com o CD André Geraissati, não poderiam faltar os comentários gentilmente cedidos pelo próprio compositor e intérprete, sobre cada uma das faixas do CD:

FAIXA 1 - Agreste (André Geraissati)

"Durante a década de 1970 eu pude viajar muito pelo Brasil tocando com o Ronnie Von, e bem no começo de 1970 o Brasil não tinha essa infraestrutura de telecomunicações, enfim, não tinha esses aparelhos tecnológicos de hoje em dia, como computador, internet etc., então cada local que você ia do Brasil tinha uma cara própria e

muito pouca ou quase nenhuma influência dos grandes centros. Eu fui várias vezes para o Nordeste, não só para as capitais litorâneas, mas também para o interior, para as cidades pequenas. Então, fiquei muito impressionado - aquilo passa a ser uma imagem na cabeça, daquela visão que tive, daquele povo com o qual eu até não convivi, pois a imagem que guardo na cabeça do Nordeste, desses lugares, é muito mais passando de carro. Mas é uma paisagem muito sutil. Todas as músicas acabam tendo uma relação, uma imagem psíquica, alguma coisa que entra em ressonância com algo no meu consciente. É muito complicado para mim colocar nome em música, porque a música não necessariamente representa aquilo. Mas para essa música eu gostei da palavra 'agreste', que me parece uma ➔

palavra áspera, como é o próprio agreste e como é o povo - áspero, não no sentido de ser mal educado, mas um povo que é muito aquilo que é só o necessário e parecido com a natureza local. Então, para essa música 'Agreste', me vem essa imagem desse lugar na minha cabeça, dessa paisagem árida e dessas pessoas muito gentis, muito gente boa, mas também 'áridas'.

FAIXA 2 - Fazenda (André Geraissati)

"O nome original na verdade é 'Fazenda 83', e também vem do meu imaginário. Minha avó, quando eu era pequeno, me contou muitas histórias sobre fazenda e tal. Sou um cara urbano, nunca havia ido a uma fazenda, e essa música eu fiz quando acabei indo a uma fazenda de uns amigos em Avaré, no interior de São Paulo, e fiquei muito impressionado em ver pela primeira vez uma fazenda de fato. Essa música é, então, por conta desse ocorrido."

FAIXA 3 - Canto das Águas (André Geraissati)

"Eu fiz uma viagem para Manaus em 1980, e lá tive a oportunidade de subir o Rio Negro em um barco de turistas durante três dias, quando fui conversando com o piloto do barco, que me foi contanto histórias e lendas da Amazônia, e que sempre se juntaram com as histórias que tinha na cabeça quando era pequenino: quando eu tinha uns cinco anos, havia uma imagem própria na cabeça, da floresta e afins. Enfim, quando a gente parou em certo local, entrei pela mata, andei provavelmente um quilômetro eachei uma lagoa, em um lugar muito quieto. Então, tinha aquela sensação de estar em um lugar absolutamente silencioso mesmo. Por algum motivo a mata estava muito quieta - pelo menos para o meu padrão de quietude. Por isso, acabei compondo essa música."

FAIXA 4 - Sempre em Meu Coração (André Geraissati)

"É uma música que fiz pensando em meus três filhos: Gabriel, Diana e Helena, que elaborei depois que a Helena já havia nascido. E me parece que filhos, independentemente de qualquer coisa, sempre estarão no seu coração - no meu, estarão sempre. Parece-me que filho é um negócio muito definitivo."

FAIXA 5 - Benguela (André Geraissati)

"É uma música que fiz em homenagem a um amigo, o Mário Sérgio, que nasceu em Benguela (Angola). Ele é europeu; na verdade, não tem nada com aquilo que a gente imagina da África Negra. A minha ideia da África é um negócio que absolutamente não tem nada a ver com a África real, é mais uma ideia baseada nos filmes do Tarzan e do Jim das Selvas. A música é justamente por isso, porque ele nasceu em Benguela."

FAIXA 6 - Entre Duas Palavras (André Geraissati)

"É uma imagem que tenho, uma ideia, que o significado de qualquer coisa está entre a ação e o tempo em que eu, no caso, recebo a informação. Então, o significado de qualquer coisa, o significado da nota musical está no silêncio, o significado sempre está em algo abstrato, fica em um espaço abstrato."

FAIXA 7 - Paz (André Geraissati)

"É uma analogia à paz como uma quietude, enfim, um momento em que as coisas ficam muito lentas ou paradas. E aquilo passa a ter o significado de paz por si só, pelo próprio significado que a paz tem em qualquer circunstância."

FAIXA 8 - Duas Mãos (André Geraissati)

"É uma simples referência a como eu toco essa música: com as duas mãos. As duas mãos têm um sentido de melodia e harmonia ao mesmo tempo."

FAIXA 9 - Tuiu (André Geraissati)

"Na gravação dessa música para o meu disco Next (1999), em que é um grupo tocando, o Eduardo Queiroz, o Duda, que estava tocando um dos sintetizadores, fez um glissando, que tinha esse som: 'tu-i-u'. O nome é só por causa desse som, desse glissando."

FAIXA 10 - Lobo (André Geraissati)

"É pelo significado que tem para mim o lobo. Eu nunca vi um lobo na vida, sobretudo em seu habitat natural, que na minha cabeça são as florestas geladas da Europa. Parece-me um animal muito bonito, solitário - aquele negócio do lobo ser solitário - o que não é verdade, pois eles caçam em matilha, mas na minha cabeça vem um lobo solitário, caçando à espreita na noite, e o significado que isso tem para a nossa psique ou, pelo menos, para a minha psique."

FAIXA 11 - Baden in My Heart (André Geraissati)

"Quando comecei a tocar violão na minha infância, ouvi músicos como o Dilermando Reis tocando violão e o Canhoto, que eram figuras que tocavam, na minha cabeça, uma música bem tradicional, bem aquela coisa mais usual. E quando ouvi o Baden Powell, fiquei muito impressionado, porque me pareceu nada usual o jeito dele tocar - havia uma força no jeito do Baden tocar que só havia conhecido e que só identifiquei como sendo do Jimmy Hendrix tocando guitarra. Na minha cabeça, os dois eram figuras dissidentes do status quo, daquilo que se tocava em violão e guitarra - daquilo que eu conhecia, pelo menos. Antes do Hendrix, era uma guitarra elétrica, e depois dele era outra. O Baden para mim é a mesma coisa: o violão antes e depois dele. O ▶



DISCOGRAFIA

nome 'Baden in My Heart' é também uma analogia a um grupo revolucionário da Alemanha, de nome Baader-Meinhof, que também me impressionou à época - não que eu tivesse qualquer ligação política, e sim nas notícias, por ser um grupo pequeno que queria mudar o que estava estabelecido naquele momento. E, na minha cabeça, o Baden Powell realmente fez isso."

FAIXA 12 - Nogueira (André Geraissati)

"Essa música fiz em homenagem ao Paulinho Nogueira, outro ícone do violão. Embora o Paulinho tocasse uma melodia que a gente conseguia entender, onde não tinha aquela pegada africana, uma música mais tranquila, mais parecida com a do Dilermando Reis, ele me impressionou e vai me impressionar para o resto da vida pela capacidade que tinha de pegar qualquer música, a mais 'bobinha' possível, como 'Parabéns a Você', e quando tocava aquilo, conferia um valor; o Paulinho conferia um valor a qualquer coisa que tocasse: incrível! Ele era um virtuoso: conferia virtudes mesmo àquilo que a gente não conseguia perceber antes de ouvi-lo tocar."



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA INSTRUMENTAL BRASILEIRA - ANDRÉ GERAISSATI - VOL. 2

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD HISTÓRIA DA MÚSICA INSTRUMENTAL BRASILEIRA - ANDRÉ GERAISSATI - VOL. 2:

- Faixa 01
- Faixa 02
- Faixa 03
- Faixa 04

- Faixa 05
- Faixa 06
- Faixa 07
- Faixa 08

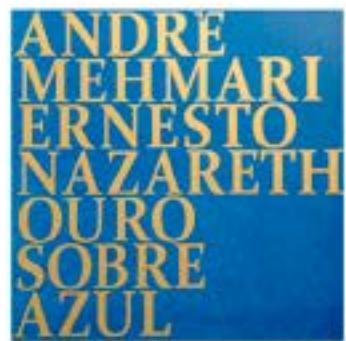
- Faixa 09
- Faixa 10
- Faixa 11
- Faixa 12



Na Esquina do Clube com o Sol na Cabeça
André Mehmari Trio



Miramari



Ouro Sobre Azul



Nosso Brasil

Música Brasileira de excelência produzida hoje.
Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>





ESTE MALDITO ELO FRACO!

Se você não acredita em elo fraco em um sistema de áudio, não se preocupe, pois você não está sozinho. Na audiôfilia existem aqueles que não acreditam que cabos soem diferentes, ou que ter uma elétrica dedicada e uma sala acusticamente tratada sejam mera perda de tempo e dinheiro.

Existem os que acham que um receiver toca igual a um sistema Estado da Arte, e os que qualquer sistema ajustado para a sua curva auditiva irá tocar tão bem ou melhor que um sistema de nível superlativo.

Então, apenas duvidar que um sistema sempre irá soar o elo mais fraco da cadeia, não chega a ser algo tão descomunal, como por exemplo achar que um receiver pode ter a mesma performance de um pré e power top de linha de algum fabricante com excelentes serviços prestados ao hi-end.

No entanto, ao ‘mapear’ todas essas tribos que aqui relatei, uma coisa tem que ficar bem clara: os que não ouvem diferença alguma entre cabos, ou entre um receiver e um pré e power hi-end, são mais felizes e certamente tem uma conta bancária no azul! Pois como estão convictos que é tudo puro marketing, montam seus sistemas com um orçamento enxuto e desfrutam dos seus sistemas integralmente por toda a vida. E desdenham dos ‘malucos’ que gastam fortunas para dispor de sistemas caríssimos e ter a mesma performance que seus ‘singelos’ sistemas!

Já o sujeito que não acredita no elo fraco, ele escuta diferenças entre cabos, equipamentos e está disposto a montar o sistema de seus sonhos, mas sempre focado no setup e nunca nos detalhes como elétrica e acústica. Afinal, os sistemas evoluíram tanto que são capazes de ‘driblar’ os problemas acústicos de qualquer sala. Nada como um cabo mais ‘magro’ para segurar aquele grave retumbante que teima em soar na região dos 60Hz, ou aquele agudo brilhante que parece uma broca de dentista nos meus ouvidos nas altas, que parecem se multiplicar em minha sala com vidro em toda parede, piso frio e teto de gesso. Para este problema nos agudos, resolvo com uma fonte digital com pouca extensão nos agudos, um pré vululado e um cabo de cobre OFC entre os equipamentos e as caixas. E se o problema persistir, parto para uma proposta radical de usar uma caixa full-range! Ele sabe que sempre haverá no mercado uma solução que contorne seu elo fraco, que se transforma em um ‘bode no meio da sala’ chamado acústica.

Se bodes podem ser domesticados, os audiófilos que acreditam que elos fracos seja uma ficção, também podem ser. Basta fazer um pente fino rigoroso e tirar todos os discos que evidenciam as deficiências do sistema.

Afinal, todo audiófilo sempre culpa a qualidade das gravações quando seu sistema não dá conta dessas gravações, não é mesmo?

Então, todos temos álibis nas mãos para justificar o injustificável. ▶

Conheço leitores que, ao finalmente aceitarem a realidade que o elo fraco muda de lugar mas estará sempre presente (geralmente depois de anos gastando fortunas em upgrades de cabos, caixas e eletrônica), escrevem narrando sua longa odisseia e o momento em que finalmente a 'ficha caiu' e resolveram colocar a mão na massa e atacar o problema de frente.

Tenho testemunhos emocionados deste momento em que finalmente o sistema, sala e elétrica entraram em sintonia e a soma das partes cria um todo homogêneo, sem arestas, capaz de resgatar toda a sua coleção de discos e seu prazer de ouvir aqueles discos renegados por anos!

A maioria traduz este momento como de resgate do início da jornada pela busca do sistema dos seus sonhos, que poderia ter sido bem menos 'penosa' se tivessem entendido que o elo fraco está ali como nosso aliado e não inimigo a ser abatido.

Assim como a febre, é um aviso de uma infecção já sendo combatida pelo nosso organismo, o elo fraco nos possibilita perceber que cada vez que atacamos o que julgamos estar errado no nosso sistema, apenas melhoramos parcialmente o problema, este 'sinal' nos alerta que o problema é muito mais amplo do que o que estamos atacando.

Quantas vezes não nos animamos em trocar um cabo, ou apenas um componente do setup, como uma fonte digital, e ficamos em êxtase por alguns dias ao ouvir os CDs que mantemos como nossas referências 'supremas', mas ao abrir o leque e tentar ouvir os discos renegados, o problema persiste, ou até se agravou?

Como explicar este fenômeno?

Muitos simplesmente chegam à resposta que parece mais óbvia!

Realmente as gravações que continuam soando mal não estão a altura do meu sistema! Mas que resposta você se permitirá, se este mesmo CD soar muito bem na casa do seu amigo? E se o sistema dele, for semelhante ao seu, como você irá resolver esta equação? Muitos odeiam este momento.

Outros utilizam esta experiência justamente para entender o elo fraco. Pois se fizerem um 'mea culpa' e tiverem a humildade necessária, irão querer saber o que o amigo fez para atingir o resultado que você não conseguiu. É assim que podemos aprender com os erros dos outros em nosso próprio benefício.

Se você aceita uma dica, aqui vai: depois de 40 anos testando e montando sistemas, o menor vilão de todos em termos de elo fraco é a mídia. Meu amigo, o que as mídias 'escondem' até termos um sistema à altura delas, é algo que daria para escrever um livro. Estou falando tanto das mídias analógicas como as digitais.

Então continuar 'culpando' as mídias pelo seu sistema soar abaixo de suas expectativas não é um 'álibi' mais seguro como era no século passado. Os sistemas evoluíram muito, então é hora de buscar outras desculpas, se você continuar a insistir que não existe o elo fraco.

E preparar seu bolso, pois o mercado adora clientes que estão eternamente insatisfeitos à procura do pote milagroso, que com uma única poção irá passar por cima de todos os elos fracos e deixar seu sistema soando como um Estado da Arte de padrão superlativo!

Você pode ir nesta estrada por toda uma vida, mas o que observei nesse meio século em que acompanho e vivo neste mercado, é que a maioria chega em um ponto que chuta o balde e se nega a manter este hobby. Você certamente conhece muito mais de um caso à sua volta. ▶

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.



ESPAÇO ABERTO

Então vou lhe dar um último conselho: pegue cinco discos que você gosta muito e deseja ouvir no seu sistema. Leve-os a casa de um amigo que você reconhece que tem um sistema mais bem ajustado, fez a elétrica e acústica, e ouça-os. Se neste sistema os discos forem mais 'palatáveis', você terá a certeza que seu sistema precisa de mudanças. Não de mudanças de setup, mas de atitude!

Faça a elétrica e a acústica antes de sair em uma nova rodada de compras de cabos e equipamentos. E só depois de feita a lição de casa e repassado os cinco discos, se estes ainda não tocarem corretamente, será a hora de descobrir o elo fraco no sistema. Que pode ser a fonte, caixas, amplificação, cabos ou acessórios como racks ou pedestais.

Mas agora, finalmente, você criou um 'norte', sabe que as mudanças se farão de forma pontual e se forem na direção certa, aqueles 5 discos soarão cada vez melhor, com maior inteligibilidade, folga e conforto auditivo (como soaram na casa do amigo que tem um sistema mais bem ajustado). Você aprendeu a confiar no seu par de orelhas e aquele tão desacreditado Elo Fraco, que de vilão passou a ser sua bússola.

Às vezes o que necessitamos é apenas mudar nossa perspectiva interna e eliminar nossos pré-conceitos. Livres dessas amarras, nos permitimos ir muito mais adiante!

Como meu pai diria: "Este é um hobby para ser prazeroso - se perder o encanto, é melhor escolher um outro hobby mais barato e desprestiososo". ■



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiôflias e presta consultoria para o mercado.



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

[\(andremaltese@yahoo.com.br\)](mailto:andremaltese@yahoo.com.br) - (11) 99611.2257

SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Imagens ilustrativas

criação: msydesigner@hotmail.com

@upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100

UPSAI
sistemas de energia



VENDAS E TROCAS



VENDO

- Nakamichi Power amplifier PA5E II – Stasis by Nelson Pass.

- 220V 50 - 60 Hz
- 450W de consumo
- 150W por canal (8 ohms)
- Frequencia de resposta: 20 - 20.000 Hz
- Input sensitivity / impedance: 1.4 V / 75 kOhms (rated power)
- 10 transistors por canal
- Output current capability 12 A contínuos, 35 A peak (por canal)

Peso: 16Kg

Equipamento em ótimo estado de conservação, 220V

R\$ 3.500

- Yaqin MC-100B Tube amplifier.

Output power:

- 30 Wx2 (8 Ohms) tríodo (TR)
- 60 Wx2 (8 Ohms) ultralinear (UL)
- Frequencia de resposta: 5hz - 80Khz (-2 db)
- Distorção: 1,5%
- Signal noise ratio: 90 db(A)
- Packed mode: 0,25V

Input sensitivity:

- Pro mode: 0,6V
- Valvulas: KT88 Svetlana + 4 originais chinesas 6sn7 12ax7

Caixa e manuais originais

OBS: up grade de trafos de saída e componentes

R\$ 5.200

Reginaldo Schiavini

(21) 97199 9898

ergos@terra.com.br

VENDO / TROCO

- Cápsula Clearaudio Stradivari V2.

Trata-se da última versão desse modelo, com corpo em ébano, agulha HD e bobina totalmente simétrica em ouro 24 kt. Sua saída é de 0.6 mV, O que torna ela compatível virtualmente com todos os prés de Phono MC. A cápsula não possui ainda 50 horas de uso. Está realmente em estado de nova e sempre foi tocada utilizando discos limpos em máquina especial. US\$ 3.750.

Conforme o material, posso aceitar troca. Posso também combinar a instalação com o cliente.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais acalmados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

VENDO

Toca discos J.A. Michell GYRO SE MKII, com: 01 J.A. Michell Armboard (base) para braços Rega, 01 J.A. Michell 3 Point VTA Adjuster, 01 J.A. Michell Record Clamp, 01 J.A. Michell De-Coupler Kit (desacoplador do braço), 01 J.A. Michell HR DC Never Connected Power Suply (bivolt), 01 braço Rega RB 303 com contrapeso original, 01 contrapeso de braço Isokinetic Isoweight Off Centre, 01 cápsula MC Ortofon Rondo Blue. Uma obra de arte sonora e de design. R\$ 20.000.

Rodrigo Moraes

rodrigopomarico@gmail.com



VENDO

- Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. R\$ 4.000 (o pacote completo para os monoblocos).

- 2 cabos Transparent Audio - Power Link MM 2, de 1,5 m
R\$ 4.700 (cada)

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

VENDO

Toca-discos REGA P3 (Planar 3), com braço original Rega RB330.

Pouquíssimo uso, comprado novo há menos de 1 ano! Acompanha a caixa original e o manual.

Sobre o toca-discos:

O Planar 3 (P3) possui um novo braço, base e muitas outras revisões em relação à versão anterior (RP3).

Isso resultou em performance sonora marcante, além de ficar muito mais bonito. Ele tem apenas duas peças do RP3 anterior, o resto é tudo novo!

Especificações:

- novo braço RB330
- nova base de vidro Optiwhite 12 mm
- reforço de feixe mais espesso
- acabamento acrílico de alto brilho em preto ou branco
- subplastro redesenhadado
- carcaça de rolamento principal redesenhadada
- motor de 24V com novo PCB de controle de motor
- pode ser feito upgrade com o controlador de velocidade externo TT-PSU
- pés redesenhadados
- contrapeso redesenhadado

“Não é difícil perceber que o desenvolvimento de dois anos da Planar 3 valeu a pena. Para os nossos ouvidos, ele soa consideravelmente mais limpo e claro do que seu antecessor - o RP3. Há mais transparência aqui e mais resolução de detalhes também.” (Whathifi)
<https://www.whathifi.com/rega/planar-3-elys-2/review#J5ecLu4iSB5r71Zu.99>

Obs: Não inclui a cápsula (Transfiguration Phoenix S)

Valor: R\$ 4.500

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com

**VENDO**

Cápsula Transfiguration Phoenix S

Motivo da venda: por ser tão boa, vou fazer o upgrade para o modelo topo da marca, a Proteus. Mesmo custando uma fração do valor da Proteus, a Phoenix é muito, muito próxima de sua “irmã mais velha” - uma barganha se compararmos performance X custo. A agulha é exatamente a mesma (Ogura PA) montada no mesmo cantiléver de bório.

Trata-se de uma cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída (~0.4mV) e com 4 Ohms de impedância interna. Casou perfeitamente com a grande maioria dos prós de Phono MC. Na casa de um amigo - que também comprou essa cápsula por minha indicação - casou magnificamente bem com o setor de Phono interno do integrado Luxman L-590AX, com 100 ohm de impedância. A Phoenix S possui uma transparência única, excelente foco e recorte, muita velocidade e muita musicalidade. Assinatura Transfiguration. Muito mais próxima da Proteus do que diferença de preço possa indicar, acredeite.

Possui cerca de 150 horas de uso, sempre usada em toca-discos extremamente bem ajustado e sempre com discos limpos por meio de máquina com sucção a vácuo.

- Acompanha a caixa, manual e o conjunto de parafusos originais.

O valor pedido (US\$ 3.000) está bem abaixo do valor dessa cápsula, que é de US\$ 4.500 nos EUA. Faça os cálculos (frete, impostos, riscos).

Valor: R\$ 11.500

<https://www.soundstageultra.com/index.php/equipment-menu/500-transfiguration-phoenix-s-phono-cartridge>

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com

VENDAS E TROCAS



VENDO

Sistema de som Grimm Audio LS1 - sem a primeira via, (sub-woofer).

R\$70.000

Fernando Alvim Richard

Tel.: (21) 9.9898.0566

coneaudio.far@gmail.com

fernando@coneaudio.com.br



Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jirat2020@gmail.com

 YAMAHA

Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500



Ouça seus discos de vinil em qualquer lugar de sua casa através do Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500. Distribua por todos os cômodos as músicas de sua coleção de discos. Compartilhando com um ambiente diferente – externo, com seus amigos, ou na cozinha.

MusicCast VINYL 500 é uma nova maneira de desfrutar discos de vinil. Através de sua rede Wi-Fi conecte todos os equipamentos Yamaha compatíveis com MusicCast à partir de um simples aplicativo, com a mais alta qualidade sonora, aliando tecnologia e estilo.

www.yamaha.com.br

musicCast
Wireless Music System

 Bluetooth®

 **DLNA**
CERTIFIED™

Made for
 iPod  iPhone